

1 INTRODUÇÃO

A leitura deste trabalho fará com que os leitores façam a imersão em um universo de conhecimentos acerca do jornalismo esportivo online. Ao mesmo tempo, terão a oportunidade de vislumbrar a contribuição à sociedade que o esporte, e a possibilidade de divulgação dele pela prática do jornalismo, trazem à sociedade, por se tratar de um exercício de responsabilidade social, um dos principais pilares deste profissional de imprensa.

O corte teórico se apresenta dividido em três capítulos, pois jornalismo online e jornalismo esportivo foram abordados separadamente com suas especificidades. Da mesma forma, não seria possível se inserir no mundo esportivo, sem antes traçar uma linha do tempo sobre a história do esporte no mundo, Brasil e Presidente Prudente, cidade escolhida como recorte espacial do projeto em questão.

Para isso, foi necessário realizar uma busca aprofundada quanto às publicações de livros e de artigos científicos referentes ao universo estudado, para que, com a ajuda de autores que já pesquisam nas áreas abordadas, definir um conceito fidedigno e que possibilite a compreensão plena do leitor sobre o tema.

A princípio, faz-se necessário definir as perguntas que norteiam este trabalho e a metodologia que será utilizada para o desenvolvimento dele. Isso é encontrado no capítulo 2, no que tange às fundamentações metodológicas.

O capítulo 3 deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) trata sobre o jornalismo na rede mundial de computadores, desvenda seus meandros, desde o surgimento, passando por seus pontos principais de contribuição, bem como revela os nomes que possibilitaram que a Internet se tornasse realidade nos últimos 20 anos. Foram seguidas evoluções que o meio precisou transpor, que resultaram na realidade que se tem hoje. O principal estudioso que é enaltecido nos livros que recuperam a história da rede é o engenheiro britânico Tim Berners-Lee, criador do WWW e do HTML, em agosto de 1991. As invenções dele proporcionaram o grande salto da Internet a patamares inimagináveis na ocasião.

Porém, a história da web não se limita ao jornalismo online. Em consequência disto e para que houvesse um recorte mais preciso sobre o estudo, foi necessário trabalhar detalhes desta prática no mundo virtual. Foram estudadas

então características de um site como usabilidade, interatividade, arquitetura da informação e a característica do texto jornalístico nesta nova plataforma.

No capítulo 4, é possível se enredar na área do jornalismo esportivo, também detalhando sua história e características desde a primeira transmissão às maiores produções esportivas da atualidade. Mais que o conhecimento da história, os pesquisadores explanam sobre as funções específicas do profissional desta área, discorrendo sobre a produção, reportagem, fotografia e edição.

O capítulo 5 relata o surgimento do esporte na Grécia, sua trajetória, sem deixar de lado os detalhes e especificidades que se fazem extremamente necessários para a compreensão da história. Neste caso, os pesquisadores dividiram os conhecimentos, tratando separadamente a história do esporte em âmbito mundial, nacional e local.

Porém, no jornalismo, o estudo sobre as suas diversas áreas é necessário para que a prática seja realizada de maneira cada vez mais profissional e especializada. Sendo assim, faz-se necessário aplicar todos os estudos realizados neste trabalho, resultando em uma peça prática que comprove a importância do desenvolvimento teórico desta ciência, que é o jornalismo. É no capítulo 6, portanto, que os pesquisadores mostram a peça prática deste trabalho, com todos os detalhes, como a observação sistemática de sites, projeto editorial e a explicação de como foi pensada cada página do site. Para ter acesso ao conteúdo do trabalho prático, basta acessar o site no endereço www.redesporte.com.br.

Por fim, resta aos pesquisadores compartilhar esta experiência de implantação de um veículo de jornalismo esportivo online, bem como os conhecimentos teóricos que norteiam cada detalhe de sua criação e mostrar as conclusões que chegaram ao aliar teoria e prática.

2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

Este capítulo traz à tona o problema identificado pelos pesquisadores. No âmbito deste problema, discorre sobre a proposta de implantação de um veículo esportivo online em Presidente Prudente. Inicialmente, foi elaborado um panorama das modalidades esportivas praticadas na cidade, abordando questões referentes ao espaço dedicado pela mídia local à editoria de esporte. Na sequência, foram elencados aspectos econômicos, históricos e da infraestrutura esportiva da cidade, no intuito de evidenciar a gama de assuntos carentes de tratamento e veiculação. Em um terceiro estágio, o leitor entrará em contato com os objetivos deste trabalho, além de tomar conhecimento da metodologia, ou seja, do caminho utilizado para concepção deste projeto de pesquisa científica.

2.1 Situação Problema

A cidade de Presidente Prudente tem carência de veículos de comunicação que abordem o esporte como prioridade. Por isso, o presente trabalho propõe a criação de um *website* jornalístico nesta área. Todavia, para que uma pesquisa possa ser trabalhada é necessário que, primeiramente, se identifique um problema. Goldenberg (1997, p. 71) expõe que:

Uma Pesquisa inicia-se a partir da formulação de um problema, um recorte da realidade que se pretende analisar. Para que a pesquisa seja válida, o pesquisador deverá imergir de forma sistemática no assunto através de literatura existente e conversas com pessoas que são referência no assunto. Dessa forma, surge a pergunta da pesquisa, que guiará os passos do pesquisador durante todo o trabalho.

Neste caso, o projeto de pesquisa teve como objetivo a implantação de um site especializado em jornalismo esportivo com notícias da cidade de Presidente Prudente, visto a baixa carga de informações veiculadas, perante a extensa lista de modalidades praticadas na cidade.

Isto proposto avalia-se que a ideia de um veículo esportivo online

fundamenta-se no fato de a imprensa prudentina ser ambientada nos mais diferentes seguimentos de veículos noticiosos, ou seja, TV, rádio, Internet e impresso. No entanto, todos são caracterizados pelas limitações de tempo e espaço, barreiras ignoradas pelo veículo online.

Paralelo ao fato de o prudentino ter disponível todos os meios de comunicação, constata-se a ausência de um veículo online exclusivo para notícias, notas, reportagens, fotos, resultados, eventos esportivos no âmbito amador e profissional do esporte.

As emissoras televisivas e de rádio, a mídia impressa e os veículos online¹ com sede na capital do Oeste Paulista dedicam apenas parte de seu tempo e espaço para cobertura do esporte local, o que resulta em pouco aprofundamento no tema.

Com a implantação de um veículo online, surge a possibilidade de ultrapassar barreiras como a limitação do espaço e tempo, sempre no intuito de suprir a demanda de informações esportivas da cidade. Os pesquisadores acreditam que há demanda suficiente de notícias na área esportiva, visto a quantidade de esportes profissionais e amadores em Prudente.

Na cidade são realizados treinos da Seleção Brasileira de Karatê. No início deste trabalho, havia também o Grêmio Prudente, equipe profissional que atuou na elite do futebol brasileiro, mas com o rebaixamento nos campeonatos, Brasileiro 2010 e Paulista 2011, voltou para a cidade de origem: Barueri. O Presidente Prudente Futebol Clube disputa o Campeonato Paulista de Futebol da segunda divisão de profissionais da Federação Paulista. Há o Beisebol da Associação Comunitária Agrícola Esportiva (Acae). Atletas de diversas modalidades participam anualmente dos Jogos Regionais. A equipe de Rugby defende a cidade na segunda divisão do campeonato paulista do interior. O Centro de Excelência em Atletismo disponibiliza treinamentos para jovens atletas na pista da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Também na Unesp, existe a Associação de Desporto Adaptado de Presidente Prudente (Adapp), com a prática do basquete sobre rodas e

¹ A população da capital da Alta Sorocabana tem à disposição quatro sites de notícias que destacam-se como os principais, porém, nenhum especializado na editoria esportiva. São eles: o GN ou Grupo Notícia (www.gruponoticia.com.br), Prudensite (www.prudensite.com.br), Portal Prudentino (www.portalprudentino.com.br) e o Uniol (www.uniol.com.br).

atletismo para deficientes físicos. Neste caso existem atletas competindo na primeira divisão de campeonatos nacionais. Competições ocorrem esporadicamente no Kartódromo do Parque Ecológico da Cidade da Criança.

Portanto, a hipótese norteadora deste estudo é evidenciada com a falta de um veículo especializado na área e a quantidade de modalidades esportivas praticadas na cidade. Outra preocupação desse estudo é contemplar os esportes, com objetivo de aguçar o interesse das pessoas acerca do tema, tendo em vista sua importância como instrumento de transformação social e qualidade de vida.

Por fim, faz-se necessário questionar como seria possível suprir a demanda de notícias esportivas na cidade de Presidente Prudente.

2.2 Justificativa

Por muitos anos não se apostava no jornalismo esportivo na capital do Oeste Paulista. No entanto, em 2010, com o apoio da Prefeitura, se instalou na cidade o Grêmio Prudente, um time de futebol profissional, que movimentou a imprensa na cobertura desta editoria. Mas a prática esportiva não se restringe ao futebol, se estende ao karatê, basquete, natação, torneios, eventos como caminhadas, corridas, motocross, atletismo, rugby, para-atletismo, ou seja, uma gama variada de atividades.

Porém, não é recente a tradição do esporte na cidade. O início se deu com a criação do time de futebol profissional da Associação Prudentina de Esportes Atlético (Apea). A equipe ficou conhecida por ter disputado o campeonato profissional no Estado de São Paulo. Destacou-se ainda no cenário esportivo, o basquete, que está desativado, mas já revelou importantes nomes Brasil afora, a exemplo do fenômeno Hortência. Além disso, o atletismo da Universidade Estadual Paulista (Unesp) conquistou a medalha de prata nas Olimpíadas de Sidney, em 2000. Na época, a equipe era formada por Claudinei Quirino, André Domingues, Vicente Lenilson e Édson Luciano Ribeiro. Histórias esportivas como essas poderão ser resgatadas e veiculadas em formato de material jornalístico com cobertura em profundidade em um site dedicado à editoria.

Segundo a Secretaria de Comunicação de Presidente Prudente, no que

se refere à estrutura física disponível para práticas esportivas, destaca-se, na atualidade, o estádio Eduardo José Farah, o Prudentão, com capacidade para 45.000 pessoas e que recebeu times de todo território nacional com a realização de jogos dos campeonatos Brasileiro e Paulista. Os investimentos chegaram também à esfera amadora do esporte, Em 2010, o esporte recebeu investimentos de mais de R\$ 1 milhão, utilizados para reforma do Complexo Esportivo do Parque de Uso Múltiplo (PUM). O estádio Caetano Peretti também foi reformado, com investimento de R\$ 850 mil. Há previsão de investimentos de aproximadamente R\$ 35 milhões na construção de um complexo poliesportivo. A verba é disponibilizada por meio de parcerias entre os governos municipal, estadual e federal. Este investimento no setor esportivo, suas histórias de sucesso, bem como a realidade atual merecem a atenção de um veículo específico, no caso o site de notícias.

No plano acadêmico, a prática jornalística, bem como o aprofundamento nos temas propostos através das bibliografias escolhidas, proporcionou aos pesquisadores uma preparação de excelência para efetivamente ingressarem no mercado de trabalho. Para os discentes, o site é uma maneira de revigorar a prática do jornalismo esportivo online.

A vertente social deste projeto começou a tomar forma com a divulgação das informações, trazendo ao leitor notícias de seu cotidiano. A veiculação das informações esportivas locais colocou a editoria em evidência e deu notoriedade, o que é extremamente importante para o aquecimento do mercado esportivo. Além da contribuição para o aquecimento do setor na capital do Oeste Paulista, deve-se levar em consideração a importância do esporte na vida das pessoas como fonte de qualidade de vida e ferramenta de transformação social.

2.3 Objetivos

2.3.1 Objetivo geral

- Implantar um veículo jornalístico online dedicado à editoria de esportes na cidade de Presidente Prudente.

2.3.2 *Objetivos específicos*

- Colocar em prática o conteúdo teórico compreendido nos quatro anos de faculdade;
- Utilizar a Internet, que é uma plataforma em plena ascensão, para levar ao usuário a possibilidade de se informar a respeito do esporte prudentino;
- Trazer à tona a importância da prática esportiva no âmbito social e da qualidade de vida;
- Servir como ponte entre o esporte prudentino e o mundo, tendo em vista que para a Internet não existem fronteiras.

2.4 METODOLOGIA

Entende-se como método, o sistema de atividades utilizadas neste TCC. Lakatos e Marconi (2009) explicam que assim os pesquisadores economizam custos, alcançam os objetivos e obtêm os conhecimentos necessários através dos melhores caminhos.

A metodologia científica, conforme Goldenberg (2009, p. 13), aponta o caminho mais próximo do sucesso do trabalho para aos pesquisadores envolvidos e pontua alguns tópicos: serem disciplinados, criativos, organizados e modestos.

Os métodos científicos vão além das regras de como pesquisar. Goldenberg (2009, p. 11) diz que: “auxilia a refletir e propicia um ‘novo’ olhar sobre o mundo: um olhar científico, curioso, indagador e criativo.”

Para a realização deste estudo, foi determinado o modelo de “pesquisa ação ou pesquisa participante”, definida por Thiollent (1985, p.8). Ela é a mais adequada, no entender dos pesquisadores, por se tratar de uma pesquisa onde envolve a sociedade e o trabalho consiste na ação de solucionar um problema constatado. O autor explica que ao nome de pesquisa-ação há algumas dúvidas, mas, traz uma solução:

[...] as expressões 'pesquisa participante' e 'pesquisa ação' são frequentemente dadas como sinônimas. Ao nosso ver, não são, porque a pesquisa-ação, além da participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro, que nem sempre se encontra em propostas de pesquisa participante. Seja como for, consideramos que pesquisa-ação e pesquisa participante procedem de uma busca de alternativas ao padrão de pesquisa convencional (THIOLLENT, 1985, p.7)

Como instrumento de coleta de dados existe a pesquisa bibliográfica, que para os pesquisadores é imprescindível para todo trabalho científico. É necessário reconhecer que a leitura é o fator de decisão tanto na construção teórica do trabalho, quanto no ganho de conhecimento das pessoas envolvidas, assim:

[...] a leitura constitui-se em fator decisivo de estudo, pois propicia a ampliação de conhecimentos, a obtenção de informações básicas ou específicas, a abertura de novos horizontes para a mente, a sistematização do pensamento, o enriquecimento de vocabulário e o melhor entendimento de obras. (LAKATOS; MARCONI, 2010, p. 1)

A pesquisa bibliográfica, explicada por Lakatos e Marconi (2009) é dividida em oito partes: escolha do tema, elaboração do plano de trabalho, identificação, localização, compilação, fichamento, análise e interpretação e redação.

Porém, nem todo objeto de estudo pode ser aprofundado apenas com as referências bibliográficas já publicadas. Uma fonte rica de conhecimento é a entrevista em profundidade. Barros e Duarte (2009) acreditam que este é um recurso metodológico auxiliar para obtenção de respostas em situações abstratas. Esta forma, basicamente consiste na escolha de pessoas diretamente ligadas ao objeto de estudo e realizar a entrevista para coletar informações valiosas na composição do projeto.

Gil (1994) defende que os critérios na escolha dos entrevistados são essenciais. Neles devem haver a sabedoria e a crença das pessoas com aquilo que elas fazem e, de forma direta, a relação com o objeto de estudo.

No que diz respeito aos tipos de entrevista, Gil (1994, p. 115) apresenta a informal, onde:

[...] este tipo de entrevista é menos estruturado e só se distingue da simples conversação porque tem como objeto básico a coleta de dados. É o conhecimento de uma visão geral do assunto. Já a entrevista focalizada, tem semelhanças com a informal, porém, enfoca um tema específico. (GIL, 1994, p. 115)

O grupo utilizou a entrevista por pautas, que de acordo com Gil (1994, p.117) possui estruturas para levar aos pontos de interesses do entrevistador em relação ao entrevistado. Ela requer maneiras de condução sutil para que se o entrevistado fugir do foco, o entrevistador deve voltar ao tema que está pautado.

A observação sistemática se fez valer no desenvolvimento do presente TCC. Nela, a observação é o norteador das teorias levantadas anteriormente. Segundo Morais (2007, p. 74) essa forma inclui a hipótese de o material analisado ser avaliado como verdadeiro ou falso.

Por esta pesquisa tratar-se de uma área que têm constantes mudanças, que é o Jornalismo Online, a observação sistemática de sites e de redações de jornalismo online foi realizada durante todo o desenvolvimento do projeto pelos pesquisadores.

3 JORNALISMO ONLINE: HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS

O presente capítulo leva o leitor ao contato com o conteúdo acerca do surgimento da Internet, a rede dos dias atuais, acrescido de sucinta projeção do futuro da rede, baseada em opiniões de estudiosos na área. Nessas páginas será possível conhecer a história da Internet, além de outras faces que envolvem o jornalismo online, tais como as características dele como: o tratamento do texto para a web, conteúdos de sites, a arquitetura da informação, usabilidade, interatividade e hipertextualidade.

3.1 A História da Internet: da Arpanet à Web 3.0

A Internet da primeira década do século XXI, amplamente utilizada como peça fundamental para executar tarefas cotidianas, surgiu na década de 1960, mais especificamente em 1969, durante a Guerra Fria e, portanto, com propósitos militares. O governo americano temia um ataque às suas bases, o que poderia expor todas as suas informações. Nasceu então a *Advanced Research Projects Agency Network* (Arpanet), antecessora da Internet, com propósito de descentralizar as informações sigilosas e mantê-las em segurança.

Segundo Pinho (2003, p. 24):

A rede antecessora da Internet foi formada inicialmente pela conexão dos computadores de quatro hosts, da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), do Stanford Research Institute (SRI), da Universidade da Califórnia em Santa Bárbara (UCSB) e da Universidade de Utah. O computador da rede de interfaces, chamada Interface Message Processor (IMP), foi um micro Honeywell 516, com 12 K de memória, considerado muito poderoso naquela época [...].

A *Arpanet* foi desenvolvida pela Agência Espacial Americana (Arpa) que antecedeu à Nasa. Segundo Pinho (2003, p. 26), funcionava basicamente como uma rede de comutação de pacotes com objetivo de transmitir dados. “Prevista inicialmente para funcionar com um total de 19 servidores, a *Arpanet*, chegou ao

final de 1974 com 62 servidores e a necessidade de aperfeiçoar o protocolo de comunicação [...].”

Seguindo o raciocínio de Pinho (2003), é possível afirmar que, após libertar-se de suas origens militares, em 1983, a *Arpanet* se dividiu na *Military Network* (Milnet), utilizada para fins militares e a nova *Arpanet*, a qual consistia numa rede com propósitos de pesquisa, que começava progressivamente a ser chamada de Internet. Esta divisão possibilitou que os estudos fossem desenvolvidos, não só por pesquisadores, como também por professores e alunos nas universidades, fato que proporcionou seguidas evoluções tecnológicas. Duas dessas evoluções foram, o Internet Protocol (IP), e o *Transmission Control Protocol* (TCP), criados por Bob Kahn e Vinton Cerf, que para Pinho (2003, p. 27), “[...] propuseram um novo conjunto de protocolos que permitia a comunicação entre diferentes sistemas.” Sobre TCP e IP, Pinho (2003, p. 27) esclarece: “ao TCP cabia dividir mensagens em pacotes de um lado e recompô-los do outro. Ao IP cabia descobrir o caminho adequado entre o remetente e o destinatário e enviar os pacotes.”

Após o surgimento do TCP/IP, outras descobertas ao longo dos anos foram tornando a Internet gradativamente mais abrangente e com número de usuários cada vez maior. Todavia, a mais importante delas aconteceu em meados de 1991, com a invenção do *World Wide Web* (www), pelo engenheiro britânico Tim Berners-Lee, que possibilitou a criação de uma grande rede mundial, interligando os computadores de todo planeta.

Segundo Pinho (2003, p. 33):

[...] a World Wide Web é fundamentalmente um modo de organização da informação e dos arquivos na rede. O método extremamente simples e eficiente do sistema de hipertexto distribuído, baseado no modelo cliente-servidor, tem como principais padrões o protocolo de comunicação HTTP, a linguagem de descrição de páginas HTML e o método de identificação de recursos URL.

Baseado nos estudos de Pinho (2003, p. 33), pode-se afirmar que:

O Hypertext Transport Protocol (HTTP) é o protocolo que define como dois programas/servidores devem interagir, de maneira que transfiram entre eles comando ou informações relativos ao www. O protocolo HTTP possibilita que os autores de hipertextos incluam comandos que permitem saltos para recursos para outros documentos disponíveis em sistemas remotos.

Já o *Hypertext Markup Language* (HTML) é definido por Pinho (2003, p. 33), como uma “[...] linguagem-padrão para escrever páginas de documentos web, que contenham informações nos mais variados formatos: texto, som, imagens, e animação.” Linguagem esta desenvolvida pelo mesmo engenheiro que trouxe o WWW, Tim Bernes-Lee.

A *Uniform Resource Locator* (URL) é definida por Pinho (2003, p. 33), como: “[...] o localizador que permite identificar e acessar um serviço na Web”. Ainda em se tratando de URL, Briggs (2007, p. 16) complementa que “[...] se parece muito com o recebimento de cartas pelo correio em sua casa ou escritório. Embora você identifique um endereço da web como www.yahoo.com, os servidores da Web o leem como 209.73.186.238.”

Também no ano de 1991, a Internet foi liberada para uso comercial, possibilitando o comércio eletrônico que levou a rede a ultrapassar um milhão de servidores. Já em 1993, Pinho (2007) afirma que o mundo dos negócios e os meios de comunicação descobriram a Internet, levando os indicadores a registrarem um crescimento de 341,64% anual, culminando em um total de 2 milhões de servidores em 1993. Nesta fase, a rede mundial já acumulava seguidos recordes em número de usuários. Assim como o aumento dos internautas, as evoluções tecnológicas seguiam a passos largos. Recorrendo aos estudos de Moura (2002, p. 19), pode-se afirmar que:

[...] uma novidade surgiu para mudar a cara da rede e facilitar a vida de quem já navegava: o browser, ou navegador. O primeiro deles o Mosaic (1993), não era lá grandes coisas, mas já apresentava algumas imagens e o conteúdo indexado de maneira mais interessante [...].

Após o *Mosaic*, outros navegadores surgiram, a exemplo do *Netscape*. No entanto, a ferramenta que viria a se fixar no mercado foi idealizada por Bill Gates. Conforme Pinho (2003, p.35), Gates “ingressou tardiamente na indústria da Internet, com lançamento, em 1995, do *Microsoft Internet Explorer*, um novo *browser* para o sistema operacional *Windows 95*.”

A partir deste momento a Internet ficou conhecida como web 1.0. O que de acordo com Crucianelli (2010, p. 11), se tratava de um mecanismo onde os websites ofereciam um conteúdo fechado: “[...] no primeiro nível de sua evolução (a Web 1.0), os *websites* ofereciam ‘pacotes fechados’ de informação. No caso dos

jornais, não havia muita diferença entre a versão impressa e a que podia ser lida na tela.” Ainda segundo Crucianelli (2010, p.11), “[...] se a web 1.0 foi baseada na tecnologia, a web 2.0 centrou-se nas iniciativas, atitude, interesse e participação.”

Esta forma de disponibilização de conteúdo, no formato conhecido como Web 1.0 prevaleceu até meados de 2004, ano em que a web 2.0 começou a ganhar força com novos atrativos e que pode ser considerada como uma das diferenças mais drásticas sofridas neste campo. Crucianelli (2010, p. 11) afirma que “isso aconteceu a partir do que é conhecido como ‘socialização da rede’, quando os usuários começaram a participar ativamente da gestão de conteúdo [...].”

Sobre isso a autora reforça:

[...] pessoas comuns podem fazer contribuições reveladoras, trazendo dados que revelam fatos desconhecidos ou abrindo as portas de bancos de dados que contêm registros documentais de interesse inestimável para os jornalistas. Tudo isso está disponível online graças a um processo que democratizou a ‘posse’ da informação. (CRUCIANELLI, 2010, p. 11)

Atualmente o formato de Internet utilizada ainda é o 2.0, a qual:

[...] as pessoas fazem contatos entre si, originando a Web Social. Ela permite enviar e baixar arquivos por conta própria. Há geração de conteúdos próprios, geralmente novos e, portanto, diferentes do que já existe. Facilita a comunicação entre as pessoas e promove a formação de grupos de indivíduos com interesses comuns [...]. (CRUCIANELLI, 2010, p.12)

Enquanto os internautas descobrem novos recursos e possibilidades de utilização da web 2.0, pesquisadores já vislumbram as características e possibilidades da web 3.0. Para falar sobre o tema, faz-se necessário recorrer aos conhecimentos de Cristian Aranha, cofundador da *Cortex Intelligence* e coordenador do *CortexLabs*, núcleo de pesquisa e inovação do Rio de Janeiro, referência internacional na área de web 3.0, web semântica e inteligência artificial. Em entrevista ao portal Terra Tecnologia, ele disse que:

[...] estamos dentro da próxima onda da internet, a Web Semântica, que nada mais é do que o computador em um nível no qual a máquina por si só começa a interagir com outra máquina, que atingem um nível de inteligência e começam a conversar entre si e trocar informações. (ARANHA, 2011)

Aranha (2011) discorre ainda sobre as peculiaridades da nova forma de Internet. Ele acredita que, a "web 3.0 será uma realidade em breve, acredito que antes de 2020, teremos os computadores oferecendo e fornecendo um serviço mais aprimorado para o homem, algo diferente da interação atual, 2.0, humanos x humanos."

E diz ainda que o Brasil está longe de ter a web 3.0 como uma realidade em seu cotidiano.

[...] aqui não tem nada, ela ainda irá existir [...]. É fato que teremos o controle, mas essa nova tecnologia não se dará pelo humano e sim pelos computadores, na comunicação entre eles. Um bom exemplo é o de que não navegaremos por páginas, e sim por informação. O novo Google não te levará a um link, e sim à informação contida naquele site, o que de fato você procura. (ARANHA, 2011)

Basicamente, pode-se dizer que o computador interpretará as vontades e necessidades do ser humano, a partir de suas atitudes diárias diante da máquina, criando desta forma um perfil do usuário e oferecendo-lhe o que supostamente lhe interessa, levando em consideração ainda sua posição geográfica entre outros quesitos.

Previsões mais otimistas apontam o nascimento da web 4.0. Conforme Crucianelli (2010, p. 12), "[...] há projeções indicando que, em algum momento entre 2010 e 2020, estaremos em pleno uso da web 4.0, onde poderiam funcionar elementos da web capazes de tomar decisões tal como faria uma pessoa."

A evolução da web, desde a sua criação, ocorre em uma velocidade nunca vista em outro veículo de comunicação. Desta forma, pensar a comunicação nesta plataforma, exige entender como a informação chega ao receptor neste novo meio, tema abordado no próximo item.

3.2 Web como Fonte de Disseminação de Informação

Considerando a evolução da Internet e seus pontos decisivos em sua breve história, é possível avaliar que a criação do *World Wide Web* (www), pelo engenheiro britânico Tim Berners-Lee, no laboratório europeu de Física de

Partículas em 1991, foi providencial para que os veículos de comunicação e o mundo dos negócios pudessem “[...] encontrar na Internet uma nova opção de plataforma jornalística.” (PINHO, 2003, p. 34)

Ainda de acordo com Pinho (2003), em 1994 a Internet já alojava as páginas de emissoras de rádio. Os sites multiplicavam-se e começam a surgir os mecanismos de busca que auxiliam o usuário a procurar a informação por toda web.

[...] as taxas de crescimento da Internet aumentam de maneira contínua e quase exponencial, sendo até hoje o meio de comunicação com o menor período de aceitação entre a descoberta e a sua difusão mais maciça. Em maio de 1995 teve início a abertura da Internet comercial no Brasil. (PINHO, 2003, p. 39)

O autor elenca as diferenças entre a Internet e os demais meios de comunicação:

A Internet é uma ferramenta de comunicação bastante distinta dos meios de comunicação tradicionais [...]. Cada um dos aspectos críticos que diferenciam a rede mundial das demais mídias, ou seja, não-linearidade, fisiologia, instantaneidade, dirigibilidade, qualificação, custos de produção e de veiculação, interatividade, pessoalidade, acessibilidade e receptor ativo, deve ser mais bem conhecido e corretamente considerado para o uso adequado da Internet como instrumento de informação. (PINHO, 2003, p. 49)

Segundo Barbosa (2002, p. 11), “com a digitalização, o jornalismo se renova dando sequência ao movimento de evolução dos meios de comunicação, movimento esse diretamente associado ao desenvolvimento e à dinâmica das cidades.”

Essa rápida evolução da rede mundial e os recentes estudos, em alguns casos, tornam-se respaldo para divergências no que concerne aos termos utilizados.

Para Barbosa (apud GONÇALVES, 2002, p. 13):

[...] digital está ligado ao suporte de transmissão para a nova modalidade de jornalismo, enquanto o termo online se refere à forma de circulação das notícias. Jornalismo online é um modelo de disponibilização que opera com características de tempo real e pode ser acessado pelos usuários da rede.

Outros autores propuseram termos como infojornalismo e

webjornalismo, no entanto, os pesquisadores utilizaram neste trabalho, o termo jornalismo online, por acreditarem ser o mais adequado à plataforma.

Mais que discussões acerca dos termos utilizados, a Internet concebeu uma evolução no campo da comunicação. A rede possibilitou a reunião de todos os meios existentes, proporcionando o surgimento do fenômeno intitulado convergência midiática, que lança mão de atributos como multimídia, hipertextualidade, personalização e ainda a atualização contínua das informações para conquistar o internauta. No contexto do jornalismo online, multimídia refere-se à convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) como respaldo para narração de um fato jornalístico. No que se refere à multimídia, Barbosa (apud PALÁCIOS, 2002, p. 18) ressalta que:

[...] essa convergência é favorecida pelo processo de digitalização da informação e sua posterior circulação ou disponibilização em múltiplas plataformas e suportes numa situação de agregação e complementaridade. Assim, na organização da narrativa jornalística, por exemplo, bem como por fotos, gráficos, vídeos e animações.

Outra característica, apontada como específica da natureza do jornalismo online segundo Barbosa (2002), é a possibilidade de organizar a narrativa jornalística se utilizando do hipertexto como forma de criar camadas em distintos níveis de informação. Este advento está diretamente relacionado com a organização do conteúdo disponibilizado ao internauta. Neste tema, Barbosa (2002, p. 18), ressalta que “[...] a possibilidade de partir do texto noticioso, apontar para outros textos, como originais de releases, outros sites relacionados ao assunto (o que seria feito através intertextuais ou internos).”

A memória, de acordo com Barbosa (apud PALÁCIOS, 2002, p. 19), é acrescentada como a característica que:

[...] promove uma ruptura com relação aos suportes anteriores, pois no digital, a memória, conjugada com a inexistência de limites cronoespaciais, a hipertextualidade, a interatividade e a instantaneidade, confere ao jornalismo a sua primeira forma de memória múltipla, instantânea e cumulativa.

No que tange à personalização, também denominada por Barbosa (2002) como individualização ou customização de conteúdo, baseia-se na

segmentação do conteúdo motivado pelos interesses individuais.

Barbosa (2002, p. 19) define essa peculiaridade em sua forma mais comum como: [...] “a possibilidade oferecida pelos sites noticiosos do usuário configurar seu browser (navegador) para abrir junto com a primeira tela do site, ou ainda, o recebimento de newsletters com assuntos principais de determinada publicação.”

Em se tratando de interatividade Barbosa (apud BARDOEL; DEUZE 2002, p. 17) considera que:

[...] a notícia no suporte digital possui a capacidade de fazer com que o leitor (usuário) sinta-se parte do processo. A participação do leitor ocorre através de e-mail à redação, sugerindo assuntos a serem abordados, de mensagem enviada diretamente ao redator da matéria; através da disponibilização da opinião dos leitores, no caso em sites que abrigam fóruns de discussões; através de chats com jornalistas e, ainda através da opção ‘envie seus comentários’ sobre esta matéria.

Neste raciocínio, que o princípio de interatividade está ligado ao processo de usabilidade de um sítio. O internauta tem hoje, a necessidade de ter o controle do site em questão, que segundo Rodrigues (2010, p. 12) “[...] situações onde ele não tenha o controle ou não tenha o retorno adequado das suas ações são extremamente desagradáveis.”.

É perceptível que, com as opções multimídia oferecidas pela rede surge o interesse dos veículos em migrar ou iniciar uma empresa jornalística na Internet. O jornalismo começou a se utilizar da Internet comercialmente no Brasil em fevereiro de 1995 quando, segundo Pinho (2003), o Grupo Estado de São Paulo colocou a Agência Estado na rede mundial.

No dia 28 de maio do mesmo ano coube ao Jornal do Brasil a primazia de ser o primeiro veículo a fazer uma cobertura completa no espaço virtual, seguido por outros títulos da grande imprensa, como O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, o Globo, O Estado de Minas, Zero Hora, Diário de Pernambuco e Diário do Nordeste. (MOHERDAUI apud PINHO, 2003, p. 114)

Depois que a utilização da Internet se estendeu para outras esferas da sociedade ocorreu um aumento expressivo do número de portais e de usuários. Além dos veículos online, a rede “foi estimulada pelo contínuo e maciço ingresso no ciberespaço de governos, organizações, instituições, e empresas comerciais,

industriais e de serviços [...]." (PINHO, 2003, p. 09)

Neste período percebe-se o início da migração de alguns veículos tradicionais para a Internet, ainda sem uma fórmula definida para preparação e difusão das notícias nesta nova plataforma. Deste ponto de vista, Barbosa (2002, p. 11) afirma que a digitalização proporcionou uma renovação na prática jornalística, "dando sequência ao movimento de evolução dos meios de comunicação, movimento esse diretamente associado ao desenvolvimento e à dinâmica das cidades."

Além dessa renovação, é relevante mencionar que "a Internet é uma ferramenta de comunicação bastante distinta dos meios de comunicação tradicionais, portanto, deve ser mais bem conhecido e corretamente considerado para o uso adequado da Internet como instrumento de informação." (PINHO, 2003, p. 49)

Desta forma, a partir de uma visão mais ampla, pode-se avaliar como uma das principais diferenças entre a Internet e os demais canais de comunicação é o fato de ser uma mídia *Pull*, diferentemente do Rádio e da TV, por exemplo.

A rede não segue os padrões da TV, cuja mensagem é levada e alardeada na sala de um telespectador passivo. Ao contrário: com milhões de sites da Web disponíveis na rede mundial, a audiência tem de buscar a informação de maneira mais ativa. Daí se dizer que a Web é uma mídia *pull*, que deve puxar o interesse e a atenção do internauta, enquanto a TV e o rádio são mídias *push*, nas quais a mensagem é empurrada diretamente para o telespectador ou ouvinte, sem que ele tenha solicitado. (PINHO, 2003, p. 55)

Baseado nos estudos referentes à rede mundial, os sites noticiosos atualmente, ao mesmo tempo em que buscam parâmetros adequados de difusão da notícia, acabam por seguir um padrão, observando principalmente os grandes portais como G1, da Rede Globo, Folha.com, da Folha de São Paulo, R7, da Rede Record, Terra entre outros. Há variações de cores, tamanho de fotos, destaques para manchetes, no entanto, não ultrapassam determinada margem de segurança quanto às inovações, e com isso, evitam o risco de errar. Por um lado pode parecer um bloqueio à inovação. Por outro, considera-se que isso situe o usuário, oferecendo-lhe um caminho que já conhece, porém, dotado de algumas peculiaridades.

Hoje, no auge da utilização da internet 2.0 e incidência de grandes e

renomados portais, apresentando inúmeras possibilidades de acesso e interação, eis que surge uma lacuna onde começam a ser articulados os sites regionais, cuja autora Suzana Barbosa (2002, p.64) intitula de 'portais regionais:

Como uma variante do modelo de portal, os portais regionais também chamados portais locais se distinguem pela atuação segmentada e pela relação direta estabelecida entre comunidade e conteúdo. Esses portais são aqui definidos como publicações desenvolvidas especificamente para o suporte digital e cuja produção de conteúdos, serviços e entretenimento está relacionada aos critérios de proximidade, utilizando, para isso, alguns dos elementos que caracterizam o jornalismo no ambiente midiático digital, a saber, a interatividade, a hipertextualidade, a multimídia/convergência, a personalização, a memória e a atualização contínua.

Esta categoria de sites noticiosos começa a ingressar na web no final da década de 1990, mais especificamente em 1999. Conforme Barbosa (2002), "os portais regionais são um bom exemplo da apropriação da tecnologia segundo uma lógica de articulação local-global", também chamado de glocalização.

Uma das maiores aliadas do jornalismo nos sites regionais é a informação de proximidade. Outra vantagem é o fato de não concorrer com os mega portais noticiosos. Para Crucianelli (2010, p. 172)

Meios de comunicação hiperlocais são uma tendência. Seu conteúdo abrange uma área geográfica específica. O seu conteúdo geralmente não aparece nos meios de comunicação tradicionais e suas fontes são variadas: dos vizinhos comuns a fontes digitais pouco exploradas.

Enquanto os sítios locais se atentam a divulgar informações de eventos da sua cidade ou região os grandes portais disputam entre si a audiência de massa. O que ocorre de fato é uma reformulação que agrega tanto os conteúdos globais quanto os locais, ou seja, o que é local pode virar global e o global passará também a ser local. Segundo Barbosa (2002), em alguns casos os portais regionais até fornecem conteúdo em área específica aos grandes portais.

Contudo, uma das vertentes que sustenta este estudo, permeia na informação de proximidade, ponto alto do conteúdo em sites locais segundo Barbosa (2002), o qual será amplamente explorada pelos pesquisadores.

Nos itens seguintes serão abordados temas como conteúdo do site, arquitetura da informação, usabilidade, hipertextualidade e o texto na internet.

3.3 Conteúdo do Site

O conteúdo de um site, seja ele jornalístico ou não, é toda a informação nele apresentada que, se bem organizada, garante a volta do internauta. Dessa forma, Rodrigues (2006) entende que é de extrema importância e eficiência o discurso bem elaborado e com argumentos firmes. É justamente este ponto que garante a volta ou a navegabilidade do internauta dentro do site.

Neste quesito há divisão em quatro partes, segundo Pinho (2003). O estático, onde a informação pode sofrer mudanças eventuais; o dinâmico, que trata-se da atualização simultânea das notícias ou o chamado *Hard News*; o funcional, que diz respeito às barras de navegação - ainda sobre este tipo de conteúdo, o autor (2003) explica que em sites de jornalismo devem ser usados como facilitadores na busca de informação e oferecer os modos de como se chegar até determinado ponto desejado pelo internauta – e, por fim, o interativo, que é o estimulador o internauta, serve para entreter e manter vínculos com o usuário. Nele há interação entre os editores, repórteres e com os leitores.

O interativo é a grande ferramenta de volta do usuário ao site. Este seu retorno é necessário para sua manutenção diária e fortalecimento da marca. “O que fortalece o conteúdo de um site é o retorno de seu usuário.” (RODRIGUES, 2006, p. 14)

O site, teoricamente é dividido em partes por Rodrigues (2006), que utiliza uma metáfora para explicar. O autor compara os conteúdos existentes em um website a uma cebola, ou seja, em camadas. A primeira camada é a página inicial, e se tem o nome de Camada de Apresentação. Nela há elementos persuasivos das informações que estão por vir. As páginas sequenciais são os itens de menu e apresentam conteúdo genérico, onde as dúvidas superficiais são respondidas. Já a camada subsequente ao interior do site tem diversos aspectos acerca da informação, denominada Camada Expandida ou de Detalhamento.

Outro aspecto que atinge o campo do dinâmico é que o conteúdo deve oferecer ao usuário informação relevante, para que este se mantenha conectado usufruindo de todas as camadas. Segundo Krug (2008, p. 46), o internauta não tem tempo para abordagens amplas, ou seja, quer ir direto ao ponto. Neste raciocínio, ele explica que “deve eliminar tanto ‘papo-bobo’ quanto possível.”

De nada adianta conhecer os conteúdos que compõe um site se as informações não estiverem devidamente organizadas para que o internauta navegue pelo sítio com facilidade. Para tanto, recorre-se aos conceitos da Arquitetura da Informação, tema que os pesquisadores discorrem no item seguinte.

3.4 Arquitetura da Informação

Apesar de parecer um termo novo, que nasceu junto com a web, "a Arquitetura da Informação (AI) não surgiu com a Internet nem com a Informática ela é aplicada no dia-a-dia do ser humano há séculos." (RODRIGUES, 2006, p. 97)

Segundo Rodrigues (2006, p. 97), "há mais dúvidas do que certezas a respeito da Arquitetura da Informação, principalmente pelo fato de ser uma ciência recente e de seus estudos, aplicados à web serem ainda muito escassos."

No desenvolvimento web, a Arquitetura da Informação é a responsável pela estruturação do sítio "[...] em termos de navegação, hierarquia do conteúdo e disposição dos elementos interativos." Pinho (2003, p. 134) defende ainda que ela "é a base sobre a qual serão construídos todos os demais elementos do site - como forma, função, metáforas, navegação e interface, interação e design."

Para Prado (2011, p. 77):

É bom ficar claro que, por mais que pensemos altas firulas para o design, de acordo com o valor que damos para determinadas editoriais noticiosas em detrimento de outras, devemos levar em conta que é o internauta quem escolhe a dinâmica de sua leitura. Muitos leitores personalizam suas páginas que já foram favoritadas. Escolhem apenas os assuntos que lhes interessam e colocam em uma ordem prioritária para facilitar a leitura.

Rodrigues (2006) explica que existem quatro princípios, considerados palavras de ordem. Ou seja: organizar, navegar, nomear e buscar. Neste caso, organizar sinaliza para o redator a necessidade de clareza, para que o usuário possa apreender com tranquilidade os aspectos da informação. Já a palavra navegar significa lidar com o conceito amplo de aprendizagem, partindo de uma leitura facilitada de um texto até a indicação de outra página ou site. A palavra de ordem nomear preocupa-se com a chegada da informação ao leitor, sem uma possível

barreira da linguagem ou do estilo adotado.

Sobre isto o autor considera:

[...] incluir a palavra-chave que define uma página no título e grifar em cada parágrafo as que melhor o resumem são ações recomendadas pela palavra de ordem Buscar para que a informação seja facilmente visualizada em um texto. (RODRIGUES, 2006, p. 100)

O objetivo principal da Arquitetura da Informação é não fazer com que o usuário pense muito quando está em um sítio, o *déficit* de atenção do leitor da web é muito maior do leitor convencional, portanto tudo em um site deve ser planejado com o intuito de facilitar a vida do cliente e, com isso, trazê-lo de volta sempre.

A respeito disso, Bezerra Pinho (apud PINHO, 2003, p. 135) diz que um *website* deve:

Fornecer o que o usuário procura até no terceiro clique. Um site com boa arquitetura da informação terá como principal qualidade a característica de fornecer ao usuário o que ele está buscando no máximo em seu terceiro clique. O ideal é que se chegue à informação desejada já no segundo clique.

Prever um gerenciamento do conteúdo. “[...] atualizações, histórico de arquivos, novas implementações, estatísticas de acessos, monitoramento dos visitantes, interações entre áreas do conteúdo e entre os usuários, manutenção de *links*, etc.” (BEZERRA apud PINHO, 2003, p. 135)

Um dos pontos culminantes na Arquitetura da Informação é a questão da usabilidade.

A combinação adequada entre a arquitetura de informação (a estrutura lógica) e a interface (significado visual) é determinante para a usabilidade (*usability*) do site, ou seja, para criar no usuário uma experiência de navegação agradável, com o perdão da rima, até mesmo inesquecível. (PINHO, 2003, p. 136)

3.5 Usabilidade

O conceito da usabilidade diz respeito à facilidade com que as pessoas empregam certa ferramenta na realização de uma tarefa específica, sendo ela no

ambiente online ou não. Krug (2008) defende que:

Usabilidade significa na verdade assegurar-se de que algo funcione bem: que uma pessoa com habilidade e experiência comuns (ou até menos) possa usar algo – seja um Web site, um caça jato ou uma porta giratória – para seu propósito desejado sem ficar frustrado com isso.

De acordo com Rodrigues (2010), o termo usabilidade pode ser definido como o estudo que, tendo como ponto de partida o usuário, propõe a aplicação de técnicas que possibilitem a facilidade de uso de um determinado sítio da web. “[...] a usabilidade busca assegurar que qualquer pessoa consiga usar o sítio e que este funcione da forma esperada pela pessoa.” (RODRIGUES, 2010 p. 7)

Nestes termos o próprio autor elenca o que seria para ele, os objetivos da usabilidade aplicada na web.

Em resumo, usabilidade tem como objetivos a: facilidade de uso; facilidade de aprendizado; facilidade de memorização de tarefas; produtividade na execução de tarefas; prevenção, visando à redução de erros; satisfação do indivíduo. (RODRIGUES, 2010 p. 7)

De um modo geral, a Usabilidade também interfere na vida humana assim como em um sítio online, “[...] é o ponto de contato de um ser humano com uma máquina. Se essa máquina for uma bicicleta, será o conjunto formado pelo seu banco, guidão, pedais e câmbio.” (RADFAHER apud PINHO, 2003, p. 136)

O princípio fundamental da usabilidade é fazer com que o usuário web realize suas tarefas no ambiente gráfico sem que, com isso, precise perder tempo. Segundo Krug (2008, p. 15, grifo do autor) “[...] as pessoas não *gostam* de ter de descobrir como fazer algo. O fato das pessoas que criaram o site não terem se importado em deixar as coisas óbvias – e fáceis – pode diminuir nossa confiança no site e em seus donos.” Nesse sentido, Martin (apud PINHO, 2003, p. 141) traçou as chamadas “regras de ouro.” São elas: “[...] o usuário é quem manda. Isto quer dizer que sem usuários o site deixa de existir. É preciso cuidar para que o navegante encontre nas suas páginas o que pede, do contrário ele o deixará só.” Outra preocupação é que:

[...] na Internet a página deve ser direta e mais rápida do que bonita, mais confiável do que moderna, mais simples do que complexa. *Segurança*. Se no mundo real às vezes costumamos a confiar no banco da esquina, imagine como as pessoas se sentem na Internet quando chegam ao seu site. Procura fazer com que tudo funcione como um relógio para que as pessoas possam confiar no seu site. É melhor começar com algo simples e, depois de ter o feedback dos usuários, ir aos poucos tornando às páginas mais complexas [...]. (MARTÍN apud PINHO, 2003 p. 142)

Para um *website* ter sucesso, visitantes assíduos e todos seus objetivos atingidos, Pinho (2003, p. 142) destaca que:

A navegação, a interatividade, a estruturação das páginas, o uso correto da tecnologia e o estudo da audiência e do comportamento do internauta são itens imprescindíveis que quando contidos no contexto de um sítio da web resultam em plena satisfação do usuário. (PINHO, 2003, p. 141-142)

O essencial na vida útil de um sítio da web é a hierarquização do conteúdo dentro dele. "[...] a página inicial tem de dar uma visão geral do que o site possui para oferecer – tanto conteúdo (O que eu encontro aqui?) e os recursos (O que eu posso fazer aqui?) – e como ele está organizado. Isto normalmente é feito pela navegação estável." (KRUG, 2008, p. 95)

Rodrigues (2006, p. 44) afirma que: “[...] a maioria dos internautas acessam a rede para encontrar uma informação determinada - e faz parte do jogo encontrá-la rapidamente. Por isso, não há sentido em criar duas, três entradas para encontrar informações mais recentes.”

A usabilidade proporciona ao internauta uma navegação fácil, por caminhos descomplicados, todavia, além de uma navegação confortável o usuário contemporâneo quer participar da produção de conteúdo. Este recurso é intitulado no universo da web como interatividade, tema a ser estruturado no próximo item.

3.6 Interatividade

Diretamente ligada às novas mídias, a interatividade ou o conceito de interatividade que conhecemos com o surgimento da Internet, mudou e está mudando sucessivamente dia após dia. No início, a web seguia a sombra dos jornais

impressos, quando o conteúdo se restringia ao redator web e o público não tinha voz ativa.

Manta (apud PINHO, 2003, p. 145) analisa que:

Há até pouco tempo, a dissociação entre massivo e interativo era clara no âmbito da comunicação. Uma coisa ou outra. O telefone é interativo, mas não é massivo, na medida em que é apenas uma extensão tecnológica do diálogo entre dois interlocutores; a televisão, o rádio, as mídias impressas são massivas, porém não interativas. O jornalismo na Internet é, no entanto, massivo e interativo.

Nos dias atuais é totalmente impensável um *website* massivo, que não possibilite forma alguma de interatividade com seu público, e provavelmente, se quiserem criar algo do tipo, não terá muito tempo de vida.

Os sites noticiosos devem explorar ao máximo o potencial interativo da Web. Enquetes e fóruns de discussões são os recursos mais comuns para estimular a participação do leitor e, adicionalmente, conquistar sua fidelidade. (PINHO, 2003, p. 145)

Rodrigues, (2006, p. 77-78) sinaliza que a Interatividade na web nada mais é que: "um animado jogo de *ping-pong* - e não há partida se apenas um participa, só de vez em quando, com o e-mail. Boa partida é aquela em que os dois lados jogam incessantemente, e por isso um aprende com o outro [...]." Tem de haver um comprometimento de ambas as partes - redator/receptor, receptor/redator - se não houver este comprometimento, o sítio corre o risco de cair no esquecimento.

Entretanto, para se atingir as exigências e padrões atuais, imprescindíveis hoje para qualquer veículo jornalístico que se preze, é inevitável que disponha a seu leitor no mínimo o contato direto do receptor com o redator, a possibilidade de o leitor publicar conteúdo como: fotos, textos, participar de enquetes, comentários, ou seja, tudo que está inserido dentro do contexto de participação.

3.7 Hipertextualidade

O contexto de hipertexto teve início muito antes do surgimento da web, mas veio se tornar conhecido justamente com o seu advento. Segundo Pinho (2003, p. 149), "o conceito de links está baseado no mesmo modelo adotado pelo pensamento humano, pois pensar em alguma coisa nos leva a pensar em outra, e assim por diante."

Para Palácios e Ribas (2007, p. 37):

A hipertextualidade é uma condição fundante do jornalismo na internet. Tendo as redes digitais como suporte, o jornalismo se torna necessariamente hipertextual. Em sua acepção mais simples, o hipertexto é uma interconexão de "textos", entendidos aqui como blocos de informação, que se podem apresentar sob o formato de escrita, som, foto, animação, vídeo, etc. Tal interconexão se faz através de links ou hiperligações. Usuários podem "navegar" pelos textos interconectados, fazendo suas escolhas de blocos de informação a utilizar.

Rodrigues (2006, p. 17) diz ainda que: "o link está no centro do raciocínio. É ele que difere o texto do hipertexto - formato-chave da informação no ambiente virtual -, e permite ao usuário navegar entre as páginas". E completa que "[...] o risco do link mal utilizado é a mudança de foco do usuário, seja ao visitar um site recomendado, ou até mesmo páginas do próprio site. Ele pode não retornar." (RODRIGUES, 2006, p. 17)

Por este motivo, quando empregado, o link deve fazer com que o usuário se aprofunde no assunto abordado. Segue Pinho (2003, p. 147) "[...] da mesma forma que a *home page* é um ponto de entrada, cada uma das demais páginas deve ser entendida como um ponto de partida para a subsequente, sem deixar de conter *links* de retorno para a página principal."

Sobre links, Pinho (2003, p. 148, grifo do autor) ainda explica:

Link interno. Vínculo que permite que o usuário navegue dentro de um site [...]. *Link externo*. Vínculos que dirigem o internauta para outros sites da Web. Devem ser periodicamente checados porque os outros sites podem mudar seu conteúdo. *Link associativo*. Um vínculo que o usuário utiliza com o propósito de obter mais informações, em vez de simplesmente permitir a navegação [...]. *Link embutido*. Vínculo que está inserto ou marcado diretamente em uma palavra ou em uma frase do texto, diferenciando-se dos links oferecidos na barra de navegação.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, porém utilizando outra nomenclatura, Palácios e Ribas (2007, p. 39) defendem que:

A fragmentação do discurso é uma das características marcantes da narrativa na web. A possibilidade de acessar rapidamente diferentes blocos de informação através de links traduz a dinâmica do webjornalismo. Um mosaico de informações permite acesso a diferentes ângulos e percepções sobre um mesmo tema.

Neste âmbito, apesar de grande parte dos autores considerarem que o hipertexto possibilite o acesso não-linear às informações, Palácios e Ribas (2007, p. 39) dizem que:

[...] ao estabelecer sua rota de leitura, o usuário estabelece também uma certa linearidade, específica, provisória, provavelmente única, oferecendo múltiplas possibilidades de continuidade, sendo assim mais adequada a utilização do termo multilinear para o acesso hipertextual às informações.

Como pode ser observado no decorrer deste trabalho, a Internet oferece inúmeros recursos, peculiaridades inerentes que a diferem de outros meios de comunicação. O texto na web é um exemplo disto. Nesses 20 anos de rede, já existem características específicas e que são abordadas neste estudo.

3.8 O Texto na Internet

Diante das evoluções tecnológicas e surgimento de novos canais de comunicação, ficaram evidentes as alterações no tratamento da notícia para posterior difusão. Isso não é novidade na história dos meios de comunicação, apesar de a Internet ser caracterizada por uma veloz evolução. Ao contrário do que se imaginava e diante do histórico de surgimento dos meios de comunicação, verifica-se uma adequação, no que se refere à forma de tratar o fato para divulgação em formato de notícia. Isso aconteceu como reflexo de uma ação para garantir a sobrevivência.

Neste raciocínio recorre-se a um exemplo de Nora Paul e Cristina Fiebich (2007), sobre o Rádio e a TV. Ambas são pesquisadoras do *Institute for New*

Media Studies and New Directions for News, da Universidade de Minnesota:

A Web deve passar por um processo de maturação – o mesmo pelo qual todos os novos meios passaram. O exemplo clássico desse processo são as notícias de televisão. No começo, eram simplesmente textos de rádio lidos diante da câmera. Hoje, porém, todas as capacidades do meio são usadas, com câmaras de múltiplos ângulos, vídeos gravados ao vivo, fotos e gráficos sendo empregados para contar as notícias do dia. (PAUL; FIEBICH, 2007, p. 21)

Em síntese, Franco (2007, p. 20) define que: “escrever para a Web significa, em grande parte, retornar a dois fundamentos do ofício jornalístico: a boa redação e a boa edição. O resto, definitivamente em menor proporção, é determinado pelas particularidades deste novo meio.”

Para Rodrigues (2011), o texto na função jornalística só não é mais importante que a apuração no desenrolar da notícia. Segundo ele, a redação é apenas o efeito colateral de uma apuração responsável e criteriosa. Ainda de acordo com o autor (2011), o profissional que se dispõe a fazer jornalismo propriamente dito, tem de trazer consigo necessariamente a boa redação.

Castelhero (2011) pontua que, especificamente na web, o mercado exige um profissional que tenha o texto final.

Essa é outra diferença que existe da Internet para o impresso. A maioria das redações de Internet trabalha com pessoas que tem o texto final. Já conhecem a sua linha editorial, já conhecem a maneira de lidar com o assunto. Ele já vai preparado para fazer e publicar. Obviamente passa por uma revisão, que o editor vai ver essa notícia, vai ver se chama ou não na capa. O editor leu, viu que alguma coisa não está boa e precisa ser melhorada, ou que parte daquele assunto dá outro, essa comunicação é feita. Agora, o que foi publicado não é retirado do ar, no máximo que é feito é uma revisão e alterar o horário, colocar atualizado tal hora. Então, hoje não tem como receber esse volume de noticiário, ler e publicar, é inviável, porque a equipe é menor, é Internet, o tempo voa a gente não tem como operacionalmente fazer isso. Fazemos em casos especiais, onde é mais exclusivo, onde não há necessidade de colocar exatamente quando o fato aconteceu, onde a gente revisa agora no noticiário mais cotidiano o texto deve ser final. (CASTELHERO, 2011)

Embasado neste contexto, Castelhero (2011) completa que, o jornalista online deve se adequar às perspectivas que a web propõe. Segundo ele, a preferência é pelo profissional que tenha um bom texto, independente da redação em que ele atue.

[...] na prática não muda, o que muda é adaptação. Na Internet, como muita gente fala, é ilimitada, mas ela tem limite. Porque ninguém tem condição de escrever 50 mil caracteres sobre um assunto que não interessa. A mesma coisa, aquilo que é mais importante você vai dar um tratamento maior, vai dar uma reportagem maior, uma entrevista, vai dar mais caracteres. Um acontecimento que não tem tanta relevância você vai fazer uma coisa menor. Isso acontece também no jornal. Obviamente que o espaço no jornal é muito menor. Tem o número de páginas ali que você preenche. Na Internet tem a possibilidade de multiplicar a informação quando você tem conteúdo. Nesse caso, é claro que você tem uma possibilidade maior de negócio. (CASTELHERO, 2011)

A chegada de um novo meio de comunicação abre espaço não só para novas formas de formular a notícia, mas também, para novos estudos que indiquem a melhor forma de se tratar e utilizar os recursos disponíveis, como forma de atrair e satisfazer os leitores, neste caso, internauta. No que se refere ao jornalismo na Internet, pode-se considerar que tudo ainda é recente, portanto, em fase de descobertas. Isso é refletido diretamente nos contraditórios números de pesquisas e dados obtidos até o momento, com vistas a definir as preferências dos internautas e a partir disto, elaborar as melhores formas de veiculação do material. Quando o assunto são as pesquisas acerca da melhor forma de se escrever para *web*, Franco, (2007, p. 25) ressalta que, devido às formas de aplicação, é possível avaliar “[...] se houve uma evolução no comportamento dos usuários ou se as diferenças podem ser atribuídas à metodologia e metas das mesmas pesquisas.”

Um exemplo de pesquisa utilizado foi a *Eyetrack* do Instituto *Poynter*, um dos principais órgãos de pesquisa do mundo que afere a realidade da *web*, localizado nos Estados Unidos. Os participantes “[...] usaram óculos que incluíam câmeras que rastreavam e registravam o movimento dos olhos. Daí o nome *Eyetrack*, que em tradução livre significa ‘rastros’ ou ‘caminho do olho’”, conforme Franco (2007). No entanto, este estudo não visa ater-se às divergências acerca dos resultados das pesquisas, mas sim nas conclusões alcançadas em busca de um padrão textual para *web*.

Diante disso, pode-se considerar que o texto na *web* deve ser iniciado pelo lead em pirâmide invertida. Conforme Franco (2007, p. 52):

Em março de 2008, Roy Peter Clark, professor do Poynter Institute, centro de pesquisa e formação em jornalismo com sede na Flórida (Estados Unidos), incluiu a pirâmide invertida numa lista de “maravilhas do mundo

jornalístico”. A linha que explicava a escolha dizia simplesmente: “Como as pirâmides do Egito, ela passou no teste do tempo.”

Mesmo mantendo este conceito tão conhecido no jornalismo tradicional, muitas mudanças habitam essa nova plataforma quando o assunto é texto. Uma das principais é a leitura não linear. Franco (2007, p. 56) referenciando o trabalho “Os cinco elementos da narrativa digital”, de Nora Paul e Cristina Fiebich, define a não linearidade como a possibilidade oferecida ao usuário de alterar a ordem de acesso ao conteúdo. Se o usuário pode alterar a ordem de acesso – a ordem em que a matéria é contada –, o conteúdo é não linear.

O conteúdo não linear pode ser acessado da maneira que o usuário desejar. É ele quem determina a ordem da narrativa; ele pode escolher começar em mais de um lugar, e pode saltar uma ou mais partes da matéria, de acordo com o que decidir. Cada segmento da matéria é uma matéria em si mesma. As matérias não lineares são projetadas tendo em mente a exploração individual. (FRANCO, 2007, p. 56)

Passando do *lead* ao corpo do texto, Franco (2007, p. 64) afirma que:

Desde as primeiras pesquisas, os especialistas recomendam escrever de forma mais breve para as telas de computador, dado o cansaço que estas provocam nos usuários. A recomendação foi reforçada por pesquisas como a EyeTrack III, segundo a qual as matérias curtas eram três vezes mais vistas que as longas.

Franco (2007) observa que também deve haver bom senso por parte de quem desenvolve o texto, pois não há nexos em separar tematicamente um texto muito curto, bem como não existe lógica em mandar o usuário ver o desenvolvimento de um subtema em outra página, quando esta tem apenas dois, no máximo, três parágrafos.

Para Rodrigues (2010, p. 9):

O texto de um sítio é, antes de tudo, parte de uma grande imagem na tela de um computador, imagem esta complexa, que na maioria das vezes inclui outros elementos, a começar pelo próprio menu principal, além de ícones e banners, por exemplo – e todos sob a ameaça constante da dispersão do cidadão.

Os estudos relativos à Internet orientam os profissionais a escrever

frases breves. Alguns autores chegam a sugerir o número de palavras adequadas, vislumbrando uma equação que reflete o tempo demandado para a leitura e o cansaço acarretado ao internauta. No entanto, deve-se avaliar caso a caso, para que as adequações gerem melhorias e não problemas no texto.

O parâmetro da brevidade é algo subjetivo; alguns autores chegam ao extremo de sugerir um número de palavras por tela. Crawford Kilian, autor do livro 'Writing for the Web', por exemplo, fala em 'fatiar' ou quebrar a informação em segmentos que não tenham mais de 100 palavras, para que cada palavra dentro de uma 'fatia' seja visível em uma tela. (FRANCO, 2007 p. 64)

Os pesquisadores do presente trabalho acreditam que os ajustes no texto para a nova plataforma são essenciais para facilitar a leitura. Caso contrário, a Internet seria utilizada apenas como um novo canal de distribuição de conteúdo e lançando mão de seus atributos.

Um dos requisitos fundamentais para obter sucesso no veículo online trata-se da adequação do conteúdo escrito como forma de ser encontrado pelos mecanismos de busca. Sobre este formato de *ranking*:

Calcula-se que o site leva em conta mais de 200 elementos para classificar os resultados das buscas, alguns deles estreitamente associados à estrutura do texto [...]. Porém, mais difícil é dizer qual o peso relativo desse fator em comparação aos outros. O que tornou o Google diferente de outros motores de busca disponíveis quando ele surgiu foi o conceito de relevância, baseado na análise dos links. Até então, outros mecanismos de busca, essencialmente, procuravam as palavras procuradas dentro das páginas da Web. (FRANCO, 2007, p. 81)

Baseado neste contexto, Prado (2011, p. 77) afirma que:

O internauta vai se aproximar do conteúdo a partir de assuntos relevantes para ele; tanto pode ser sobre uma notícia, ou uma pessoa, ou um acontecimento. O internauta vai ler um texto inteiro, trechos de alguns, vai saltar outros completamente, vai ler na vertical, enfim, é o leitor quem estabelece o que e como vai ler. E se ele não acha o que quer facilmente, é importante que o site tenha, de maneira visível, o sistema de busca interno. Impossível ignorar, mesmo que o motor de busca seja desenvolvido por terceiros, pois pensar sempre na permanência do leitor é chegar perto de uma garantia de audiência fiel.

Da mesma forma que um texto trabalhado com palavras chaves

pode agregar valor e facilitar a localização deste, é possível imaginar que também pode haver um retorno negativo, como por exemplo, na utilização de metáforas.

Se tivermos como certo que a qualidade dos títulos influi na posição do site nos buscadores, também deveríamos ter como certo que a utilização de metáforas pode afetá-la negativamente. Algumas metáforas, inclusive, têm sentidos diferentes de lugar para lugar. (FRANCO, 2007, p. 85)

Num universo mais aprofundado acerca das técnicas para se adequar ao sistema dos buscadores, podemos discorrer sobre o emprego dos dois pontos, “[...] recurso válido para atrair ao lado esquerdo da frase os elementos mais informativos, as palavras portadoras de informação.” (FRANCO, 2007, p. 99)

O autor aponta ainda atitudes de postagens consideradas reprováveis:

Os artigos (o, a, os, as, um, um, uns, uma, umas...) estão na categoria das piores palavras para começar frases, em especial títulos (sejam externos ou por diferenciação tipográfica), intertítulos e itens em enumerações. Além disso, os artigos são as primeiras palavras descartáveis quando se precisa ajustar o tamanho das frases em campos limitados por caracteres. (FRANCO, 2007, p. 103)

Outra atitude para melhorar o texto de web é dividi-lo em assuntos, com intertítulos que digam ao leitor o que encontrará nos parágrafos seguintes.

Divida o texto em assuntos e identifique cada um deles com um intertítulo. Este intertítulo deve ser uma frase com sentido completo, que diga ao leitor que pode encontrar nos parágrafos que seguem. Lembre que você não tem a mesma restrição de largura de coluna que um jornal, que normalmente o obriga a converter os intertítulos em palavras soltas, muitas vezes sem sentido. (FRANCO, 2007, p.121)

A respeito disso Franco (2007, p. 121) prossegue:

Numa leitura escaneada, os leitores cairão nos intertítulos e selecionarão os que lhes chamam a atenção. Os intertítulos são escritos seguindo as mesmas diretrizes usadas para escrever títulos, em suas duas modalidades: como estrutura externa à pirâmide invertida ou como parte dela, diferenciando tipograficamente.

Contudo, o especialista em usabilidade online Jakob Nielsen tem dito

há mais de uma década que escrever para a web é diferente de redigir textos para os meios de comunicação impressos. Ele defende o uso da pirâmide invertida, dos parágrafos curtos, das listas, dos intertítulos e do hipertexto. Embora alguns desses aspectos coincidam com os ensinamentos jornalísticos tradicionais, nem todos os profissionais os conhecem ou os usam na Internet, inclusive, alguns os opõem totalmente. (FRANCO, 2007)

Tomado conhecimento das possibilidades oferecidas pela rede, faz-se necessário imergir nos conhecimentos acerca do jornalismo esportivo, suas formas de produção e história, desde as mais remotas épocas, até o jornalismo esportivo praticado atualmente, assunto a ser tratado no capítulo seguinte.

4.1 Desembarque do Futebol no Brasil

Fruto da ânsia de um povo por mais informação, aliado à desconfiança de uma elite que sequer imaginava que o turfe e o remo, esportes mais badalados no final do século XIX, poderiam ter destaque nas páginas dos pasquins, o nascimento do jornalismo esportivo, no início do século XX, veio atrelado à ascensão do chamado *football*. Esporte este que desembarcou em terras tupiniquins trazido da Inglaterra pelo anglo-brasileiro, Charles Miller.

Quando Charles Miller desembarcou no Porto de Santos, litoral de São Paulo, em novembro de 1894, trazia na bagagem os apetrechos necessários para continuar a praticar o esporte que tanto admirava, o futebol. Além de duas bolas da marca Shoot e uma bomba para enchê-las, havia também um par de chuteiras e um livro de regras. [...] segundo relatos, era um ponta-esquerda esperto, excelente driblador, chutava forte, um artilheiro nato. (RIBEIRO, 2007, p. 19)

Miller, que é filho de pai escocês com mãe brasileira de ascendência inglesa, nasceu no Brasil, e aos dez anos de idade, embarcou para a Inglaterra a fim de estudar. Lá conheceu e se apaixonou pelo futebol, "[...] onde jogava num clube escolar, o futebol era amplamente divulgado, até mesmo em jornais da cidade de Southampton." (RIBEIRO, 2007, p. 19)

Ao retornar ao Brasil, o jovem se surpreende ao descobrir que no país, o esporte não era ao menos conhecido, quanto mais disputado.

Ribeiro (2007, p. 19) afirma que Charles Miller "[...] associou-se rapidamente ao clube dos ingleses, chamado SPAC. A intenção era uma só: jogar futebol. Mas Miller logo viu que esse esporte era pouco praticado em São Paulo. Foi um choque."

Decepcionado com a situação em que se encontrava, Miller não desanimou, "[...] começou a organizar treinos entre os funcionários da empresa onde trabalhava, a São Paulo Railway, os da Companhia de Gás e os do London Bank. E foi em um desses treinos que, um dia, um surpreso jornalista descobriu o novo esporte." (RIBEIRO, 2007, p. 19)

Este jornalista era Celso Araújo, importante cronista que tratou logo de espalhar a notícia:

[...] lá pelos lados da Luz, do Bom Retiro, um grupo de britânicos, maníacos como eles só, punham-se, de vez em quando, mais propriamente aos sábados, dia de descanso laboral, a dar pontapés numa coisa parecida com bexiga de boi, dando-lhe grande satisfação e pesar, quando essa espécie de bexiga amarelada entrava num retângulo formado por paus. (MILLS apud RIBEIRO, 2007, p. 20)

Esta passagem possivelmente é a primeira citação a respeito do futebol, feita por um jornalista no Brasil.

Cinco meses após desembarcar no Brasil, Miller conseguiu organizar o primeiro jogo oficial entre duas equipes: São Paulo Railway Team x Gas Work Team. O evento, que entrou para a história como o primeiro "jogo organizado", não tinha nenhum repórter ou fotógrafo presente no local, mas isso pouco importava. A nova moda entre os jovens ricos da sociedade paulistana não eram mais as corridas no Velódromo da cidade. Aliás, pelos quatro cantos da cidade a brincadeira já era uma autêntica febre. (RIBEIRO, 2007, p. 20)

Com o passar do tempo, mais e mais equipes foram surgindo e tomando conta do cenário esportivo da capital paulista. "[...] a cidade já contava com cinco equipes organizadas: SPAC, Paulistano, Germânia, Internacional e Mackenzie [...]." (RIBEIRO, 2007, p. 20)

Mas faltava-lhes ainda um campeonato organizado, que surgisse como um incentivo a mais para a disputa do esporte bretão e como uma separação entre o futebol disputado pela elite e o futebol disputado na periferia da cidade. Foi neste momento que, segundo Ribeiro (2007), Miller conheceu o jornalista Mário Cardim e, junto com Antônio Casemiro da Costa, René Vanorden, Hans Nobiling, Antônio Prado Júnior, filho do prefeito de São Paulo na época e, Arthur Ravache, conceberam a ideia de criar a primeira Liga do Futebol Paulista. "[...] no final de 1901, com apenas cinco clubes da elite [...]." (RIBEIRO, 2007, p. 23)

Segundo Ribeiro (2007, p. 22), a grande sacada que pretendia o grupo de amigos com a criação da Liga, era fazer com que a imprensa, abrisse seus olhos para o esporte que vinha arrastando multidões tanto na elite, quanto nas favelas.

[...] Mário Cardim emendou: - Amigos - proponho a criação imediata da

primeira Liga do Futebol Paulista. [...] Nossa luta não será fácil. Como todos sabem o futebol não é assunto obrigatório em nossos jornais, mesmo eu sendo repórter do Estadão não sei qual será a reação do chefe de nosso jornal quando propuser esse tema. (RIBEIRO, 2007, p. 22)

Por fim, sob influência da elite paulistana, a Liga foi criada e virou notícia. E foi assim, nestes termos, que começou a se vislumbrar o termo jornalismo esportivo ou, pelo menos a cobertura esportiva, nas redações da capital paulista. A partir daí, com o objetivo de emplacar notícias sobre futebol nos grandes veículos paulistanos da época cumprido, o grupo de amigos buscou novos horizontes. Através de amizades que cultivavam no Rio de Janeiro, capital do Brasil na época, perceberam "[...] que o futebol carioca estava bem atrasado em relação ao de São Paulo, [...] até 1901, tinha apenas duas equipes: o Paysandu Cricket Club e o Rio *Cricket and Athletic Association*." (RIBEIRO, 2007, p. 23, grifo do autor). Marques (2003) relembra que:

[...] em fins do século XIX e início do século XX, era o remo que monopolizava as atenções do esporte no Rio de Janeiro. Ao longo da enseada da Praia de Botafogo, as competições dominicais provocavam grande afluência de público e concentravam o interesse da imprensa naqueles anos. (MARQUES, 2003, p.3-4)

Tanto que, ainda segundo Ribeiro (2007, p. 23) a primeira partida realizada entre as duas equipes cariocas, resultaram em apenas uma pequena coluna, publicada em 22 de setembro de 1901 "[...] batizada de 'Sport', no recém-criado Correio da Manhã."

Mas a intenção do grupo, acima de tudo, era fazer com que aquele novo esporte, trazido da Europa realmente crescesse no país e, foi assim que "[...] um mês depois, em outubro de 1901, a equipe de Cox embarcou para São Paulo para o primeiro encontro interestadual entre os times das duas metrópoles do país." (RIBEIRO, 2007, p. 24)

Após as partidas realizadas na capital paulista, a imprensa carioca se rendeu ao charme e a magia que envolve o esporte.

[...] em poucos dias, os maiores jornais da capital da república, como o Jornal do Brasil e o Correio da Manhã, noticiavam com orgulho a exibição de seus craques em terras paulistanas. Era o que faltava para o futebol ganhar novo impulso também no Rio de Janeiro. (RIBEIRO, 2007, p. 25)

Com mais este objetivo alcançado, não demorou muito tempo para que a paixão trazida por Miller da Inglaterra, fomentada na elite paulistana e, agarrada com unhas e dentes pela periferia e seus campos de terra batida, tomasse conta, tanto das redações, quanto das rodas de conversas entre amigos nas esquinas das duas capitais.

4.2 Relatos de uma Paixão

Apesar de a editoria esportiva ter se fortificado nas redações dos grandes jornais apenas no início de século XX com o advento do futebol, é um tanto quanto errôneo o pensamento que defende que ela nasceu nesta época.

O jornalismo esportivo brasileiro teria nascido em 1856, com O Atleta, passando receitas para o aprimoramento físico dos habitantes do Rio de Janeiro. Pouco depois, em 1885, circularam O Sport e O Sportsman. Em 1891, surgiu em São Paulo A Platea Sportiva, um suplemento de A Platea, criado em 1888. Dez anos depois, em 1898, também em São Paulo, surgiram a revista O Sport e o jornal Gazeta Sportiva (que não tem nada a ver com o jornal que seria criado futuramente), período de distribuição gratuita que circulava somente aos domingos. Em nenhuma das publicações o futebol era prioridade: apenas notícias de turfe, regatas e ciclismo. (RIBEIRO, 2007, p. 26-27)

Porém, o marco da imprensa esportiva brasileira se deu em meados de 1902, quando o futebol passou a ser assunto de relevância, após a criação do Campeonato Paulista de Futebol.

[...] em São Paulo, a data de 3 de maio de 1902 tornou-se especial para quem vivia na cidade e acompanhava o nascimento de um novo esporte. Foi o caso, [...] dos jornalistas que trabalharam na cobertura da primeira partida do campeonato Paulista, disputada entre Germânia e Mackenzie, no campo do Parque Antártica [...] O jogo terminou com a vitória do Mackenzie pelo placar de 2 a 1. (RIBEIRO, 2007, p. 25)

Neste ano também, de acordo com Ribeiro (2007), foi escrita a primeira matéria amplamente descritiva contando todas as nuances de uma partida de futebol.

Mas, assim como o surgimento do futebol, a cobertura esportiva no

Brasil também teve seus imbróglios no início do século passado. "[...] o percurso percorrido pelo futebol entre o amadorismo e o profissionalismo em nosso país tem sua similaridade na trajetória da imprensa esportiva." (MARQUES, 2003, p. 2)

Segundo Marques (2003), o jornalista esportivo mantinha papel discreto nas redações, e muitas vezes era motivo de chacota das demais editorias, consideradas mais importantes na época. As pessoas que trabalhavam com o esporte nos veículos de imprensa não necessariamente eram jornalistas, o que gerava menosprezo à categoria.

As funções não eram fixas nem, muito menos, compensadoramente remuneradas. A maioria dos 'cronistas' trabalhava de graça, só para ter o ensejo de escrever em jornal, já que essa era a sua inclinação, e para poder, principalmente, defender o seu clube, porque, naquele tempo, tal como hoje, o 'cronista' tinha seu clube preferido, com a diferença de que, antes, àquela época, ninguém fazia segredo disso. Pelo contrário: eram comuns os escudos à lapela dos 'cronistas' e indispensável a sua presença nas comemorações dos triunfos. O redator profissional, mas que fazia da imprensa um simples 'bico', tanto podia ser 'cronista' de esportes no domingo, como redator policial na segunda-feira, crítico teatral na terça, repórter de rua na quarta, observador político na quinta ou – o que não era raro – tudo isso ao mesmo tempo... Não havia especialização. (ECO apud MARQUES, 2003, p. 2)

Jornalistas em início de carreira, os chamados "focas", conforme Marques (2003, p. 3), iniciavam seus trabalhos no jornalismo e tão logo tinham como tarefa os eventos esportivos, "[...] já que as possíveis conseqüências de seu despreparo não interfeririam no 'lado sério' da vida do leitor."

Coelho (2003) afirma que grandes nomes do jornalismo brasileiro começaram no esporte, como: Joelmir Beting, Armando Nogueira e Alberico Souza Cruz.

Mesmo assim, com todas estas intempéries que circundavam a cobertura esportiva, o início do século passado não deixou de informar.

[...] em São Paulo, na década de 1910 havia páginas de divulgação esportiva no jornal Fanfulla. Não se tratava de periódico voltado para as elites, não formava opinião, mas atingia um público cada vez mais numeroso na São Paulo da época: os italianos. Um aviso não muito pretensioso de uma das edições chamava-os a fundar um clube de futebol. Foi assim que nasceu o Palestra Itália, que se tornaria Palmeiras décadas mais tarde, no meio da Segunda Guerra Mundial. (COELHO, 2003, p. 8)

De acordo com Coelho (2003), a Fanfulla é hoje uma das principais

fontes de consulta não somente do Palmeiras, como também das primeiras décadas daquele esporte que alguns anos depois viria se tornar paixão nacional.

[...] não existia o que se pode chamar hoje jornalismo esportivo. Mas não fossem aqueles relatos e ninguém jamais saberia, por exemplo, quando e qual foi o primeiro jogo do velho Palestra. Nem do velho Corinthians, nem do Santos, nem que o futebol do Flamengo só nasceu em 1911, apesar de o clube ter sido fundado para a prática do remo 16 anos antes. (COELHO, 2003, p. 8)

Um grande passo para o desenvolvimento e profissionalização do jornalismo esportivo no Brasil, foi dado em terras cariocas. Segundo Marques (2007), o profissional que lidava com a editoria esportiva era:

[...] estigmatizado, discriminado e tendo que lutar para que houvesse maior qualidade em seu ofício, os profissionais do esporte se organizaram e se uniram para fundar uma associação que representasse a nova categoria na imprensa. É assim que surge no Rio de Janeiro, em 5 de março de 1917, a Associação dos Cronistas Desportivos, que teria sua congênere paulista fundada logo em seguida – já a ACEESP (Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo), tal qual a conhecemos hoje, foi fundada em 1941. (MARQUES, 2003, p. 3)

Marques (2003) defende que a profissionalização do jornalismo esportivo só veio após iniciar-se também o processo de profissionalização dos próprios esportistas.

Depois disso, notícias esportivas já não eram mais novidades nos jornais, afinal, esportes como, o futebol, o remo, o turfe e o ciclismo faziam parte do cotidiano da elite da época. "Tudo estava mais fácil. Os primeiros clubes de 'massa' começavam a surgir no Rio e em São Paulo. Na capital paulista, apareceram os times que se tornariam paixão popular. Como Corinthians, Palestra Itália (futuro Palmeiras) e Santos. Na capital da república, nascia o Flamengo." (RIBEIRO, 2007, p. 39-40)

Neste período, meados do da década de 20, também surgia de acordo com Ribeiro (2007), o primeiro astro do futebol brasileiro.

[...] Arthur Friedenreich. [...] Fried, como ficou conhecido, começou a brilhar exatamente no momento em que os principais jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo discutiam a participação no futebol dos negros, proibidos até 1917 pela Federação Brasileira de Sport. (RIBEIRO, 2007, p. 52)

Começam então a surgir as primeiras publicações especializadas. Marques (2003) diz que o jornal "A Gazeta" colocou nas bancas no final da década de 1920 uma publicação semanal exclusivamente dedicado ao esporte, era o início da Gazeta Esportiva.

A esta altura, o rádio ainda ensaiava suas primeiras locuções em terras brasileiras, porém, “[...] o poder de grande grupo de comunicação e o talento de alguns empresários faria do novo veículo o mais importante aliado do futebol. Quem teve o privilégio de realizar a primeira irradiação esportiva no Brasil foi Leopoldo Santana [...]” (RIBEIRO, 2007, p. 59)

Dias depois, “[...] em 15 de outubro de 1922, Cásper Líbero, dono do jornal *A Gazeta*, de São Paulo, convidou Leopoldo Santana para irradiar o jogo entre Brasil e Argentina, válido pelo Campeonato Sul-Americano [...]” (RIBEIRO, 2007, p. 59, grifo do autor)

Ribeiro (2007, p.63) acrescenta que:

Se Leopoldo Santana ganhava notoriedade na mídia esportiva, no final de 1924 a imprensa brasileira conheceu um homem que iria revolucionar o jornalismo brasileiro: Assis Chateaubriand, com apenas 32 anos de idade, tornava-se proprietário de *O Jornal*, diário carioca que pertencia ao empresário Renato de Toledo Lopes.

Já na década de 1930, Ribeiro (2007) cita que, em pesquisa feita por especialistas da época, o esporte era a área do jornalismo que mais cresceu desde 1912, havia dado um salto de cinco para 58, no número de veículos jornalísticos impressos, segundo ele, um crescimento de 1.060%. “[...] se o mercado exigia, o jeito era arriscar. Foi então que Bulcão decidiu criar o *Jornal dos Sports*, o primeiro jornal diário de esporte do Brasil. Que sobreviveria até 2007.” (RIBEIRO, 2007, p. 73, grifo do autor)

De acordo com Coelho (2003), o *Jornal dos Sports*, nasceu no Rio de Janeiro com a incumbência de lutar ferozmente, contra a triste realidade que dominou os diários esportivos na época. Que apesar de todo o crescimento

conquistado desde seu surgimento, ainda sofria com a repulsa e preconceito das demais editorias.

Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e conseqüentemente ler não constava de nenhuma lista de prioridades. (COELHO, 2003, p. 9)

O respeito e credibilidade tão requeridos pelos cronistas esportivos do início do século XX, só começou a tomar forma a partir da profissionalização do futebol. De acordo com Ribeiro (2007), a imprensa esportiva nacional tinha como dever acompanhar os passos do esporte bretão, devido ao apelo público que havia conquistado, porém o autor pontua que para isto o jornalista esportivo deveria se dar o respeito e acabar com a figura do repórter amigo de clube ou jogador.

A copa do mundo de futebol de 1938 transformou definitivamente a imprensa esportiva brasileira. [...]. Os jornais faturavam alto, e a criatividade da cada um determinou o sucesso nas vendas. No Rio de Janeiro era lançada a primeira revista especializada em futebol, *Sport Ilustrado*, enquanto *O Globo* criava suplemento específico batizado de *O Globo Sportivo*. (RIBEIRO, 2007, p. 98)

Nascia então na Copa do Mundo de 1938, disputada na França, a cobertura internacional esportiva, pela imprensa brasileira. Conforme afirma Ribeiro (2007, p. 102) “A Gazeta, do empresário Cásper Líbero, bateu recordes de vendas, atingindo a surpreendente marca de 100 mil exemplares.”

A partir da década de 40 e ao longo dos anos 50 e 60, período em que A Gazeta Esportiva e o Jornal dos Sports se tornam referência em termos de jornalismo esportivo, a imprensa brasileira viverá uma de suas mais notáveis transformações técnicas [...]. (STYCER, 2007)

Já na década de 1940, a capital de São Paulo não parava de expandir suas fronteiras, porém mesmo com todo este crescimento latente, a cidade ainda não possuía um estádio a sua altura. “Contudo, no dia 3 de maio, dois Jogos entre Palestra Itália e Coritiba, e Corinthians e Atlético Mineiro, marcariam a estréia do

estádio municipal, batizado de Pacaembu, que tinha capacidade para quase 70 mil torcedores.” (RIBEIRO, 2007, p. 102)

Impulsionado pelo crescimento do desporto em São Paulo, fez-se necessário a criação de uma associação que pudesse organizar os jornalistas esportivos e, sobretudo, quebrar o monopólio que algumas empresas obtinham sobre alguns veículos de comunicação. Foi criada então em 1941 a Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo (Aceesp), inicialmente presidida pelo então repórter dos *Diários Associados* e da *Rádio Bandeirantes*, Ary Silva. “Uma nova escola de jornalismo esportivo estava nascendo. As transmissões das partidas de futebol criaram novas funções para os profissionais que participavam da cobertura. Repórteres de campo passaram a ter o trabalho valorizado.” (RIBEIRO, 2007, p. 115)

No decorrer da década de 1940 e início da década de 1950, o lucro obtido através das coberturas esportivas, principalmente das coberturas futebolísticas já era conhecido pelos donos dos grandes meios de comunicação. E com a chegada da Copa do Mundo ao Brasil, surgiram como oportunidade de multiplicação da renda.

Desde seu surgimento, no início do século XX, jamais os empresários da mídia esportiva faturaram tanto com o futebol. Participar da cobertura de primeira copa do mundo de futebol realizada no Brasil significava garantir, no futuro, um lugar na história da imprensa esportiva. (RIBEIRO, 2007, p. 130)

Após a realização da Copa do Mundo de 1950 no país, e a trágica derrota da seleção brasileira na grande final contra o Uruguai por 2 a 1, com direito a uma falha do arqueiro brasileiro Barbosa, a imprensa esportiva obteve uma impulsão e chegou a atingir rapidamente patamares internacionais. Tal impulsão se deu muito quando naquele mesmo ano:

No dia 18 de setembro de 1950 entrou no ar a TV Tupi, canal 3 de São Paulo. Seu proprietário era o empresário das comunicações do país, Assis Chateaubriand, presidente dos *Diários Associados*, que já comandava um império formado por 34 jornais, 36 emissoras de rádio, uma agência de notícias, a revista *O Cruzeiro*, dez revistas infantis e uma editora. (RIBEIRO, 2007, p. 135)

A partir daí, aliando a paixão de seu fundador pelo esporte bretão, com o apelo público e comercial que o futebol construiu, não demorou muito para o esporte ganhar destaque na programação da emissora.

De acordo com Ribeiro (2007, p. 135), “desde o primeiro dia que a televisão entrou no ar, o esporte teve espaço privilegiado. Aurélio Campos apresentou o programa Vídeo Esportivo diante de uma miniatura de campo de futebol, ao lado do craque corintiano, Baltazar.”

Ainda conforme os estudos de Ribeiro (2007, p. 135), “[...] um mês depois, em 15 de outubro de 1950, aconteceu a primeira transmissão de um evento esportivo pela televisão brasileira com a narração de Aurélio Campos e Wilson Brasil.”

Com o surgimento da TV Tupi, a televisão passou a ser a menina dos olhos das grandes empresas que mantinham os demais veículos de comunicação funcionando. Com isso, quem perdeu receitas foram as redações impressas e, também, mesmo que em menor escala devido à desconfiança da população para com a televisão, o rádio.

Se o dinheiro de patrocinadores financiava a programação esportiva de várias emissoras e deixava cada vez mais ricos, o mesmo não acontecia com o pessoal responsável pelas transmissões, como técnicos e repórteres, que sofriam cada vez mais com a falta de estrutura para trabalhar. Na imprensa escrita o cenário era o mesmo. (RIBEIRO, 2007, p. 142)

De acordo com os conhecimentos de Ribeiro (2007), pouco depois, assim como a TV Tupi, que funcionava em um prédio com a infraestrutura totalmente precária, nasceu a segunda emissora de televisão, a TV Paulista, instalada em um prédio de apartamentos na Rua da Consolação, no centro de São Paulo. “A nova emissora, precursora da TV Globo, era uma concessão ganha pelo deputado federal Ortiz Monteiro, que de televisão nada entendia e a utilizava apenas para fins políticos.” (RIBEIRO, 2007, p. 143)

No que diz respeito à questão do jornalismo esportivo. Ribeiro (2007, p. 143) afirma que:

A chance de se tornar o primeiro repórter de campo da televisão brasileira foi dada pelos locutores Luiz Guimarães e Eduardo Pires de Carvalho, o Boi, [...]. Silvio Luiz começou carregando um pesado equipamento, correndo de um lado a outro na beira do gramado atrás de jogadores que entravam e saíam de campo. (Ribeiro, 2007, p. 143)

Enquanto isso, alheia ao que acontecia nas emissoras televisivas, a imprensa esportiva, se debatia tentando recuperar o mercado perdido. Porém, a aquela altura competir com os grandes empresários da televisão era um tanto quanto injusto. Alguns exemplos expõem este difícil período atravessado pelo impresso. A *Revista de Esportes* que, conforme o Ribeiro cita, nasceu no Rio de Janeiro, até passou por períodos de glória no final da década de 1950 e início dos anos de 1960. “[...] viu nascer Pelé, o Brasil ganhar títulos mundiais, viu o futebol, seu carro-chefe, viver momentos de estado de graça. No entanto, não sobreviveu às adversidades.” (COELHO, 2003, p. 9)

[...] jornal dos Sports e Gazeta Esportiva estão, nos anos 60 e 70, muito mais próximos da prática do jornalismo popular, embora sejam mais comedidos que os jornais Notícias Populares e Diário Popular, em São Paulo, ou O Dia, no Rio, no tratamento “sensacional” dado à notícia. (STYCER, 2007, p. 8)

Outro a se aventurar nos átrios da imprensa esportiva foi o jornalista Roberto Petri que, de acordo com Coelho (2003), “[...] lançou seu próprio diário esportivo: *O Jornal*. Não Durou. Petri voltou a trabalhar em emissoras de rádio como Gazeta, Difusora e Bandeirantes, até concentra-se nos comentários sobre o futebol argentino na ESPN Brasil.” (COELHO, 2003, p. 10)

Este quadro de retração das divisas do impresso só começou a se reverter a partir da Copa do Mundo de 1958, disputado na Suécia. Quando, conforme afirma Ribeiro (2007), muita gente de peso passou a escrever com euforia sobre a paixão do povo brasileiro pelo futebol.

Segundo Ribeiro, até o Brasil se saldar Campeão Mundial na Suécia. “[...] nunca, jornais, revistas e rádios ganharam tanto – afinal, foi uma conquista inédita. Só o jornal Gazeta Esportiva, de São Paulo, vendeu quase 400 mil exemplares no dia seguinte ao título mundial.” (RIBEIRO, 2007, p. 165)

Resultados que segundo Ribeiro (2007, p. 165):

Nem mesmo na Copa de 1950, disputada no Brasil, a imprensa esportiva teve tanto espaço, em todos os tipos de mídia. A euforia com a seleção que disputava o Mundial da Suécia agitou os 64 milhões de habitantes do país. Veículos para divulgar o que aconteceria nas distantes cidades de Gotemburgo e Estocolmo era o que não faltava. Em 1958 existiam 708 estações de rádio, oito de televisão e mais 252 jornais diários. (RIBEIRO, 2007, p. 165)

Após a conquista do primeiro título mundial pela seleção brasileira, a mídia impressa, de certa forma levada pela euforia da vitória, adotou mudanças sistemáticas no que diz respeito à estética, fato que ocasionou, entre outras coisas, na reforma editorial de diversos veículos.

Porém, conforme afirma Coelho (2003, p. 10):

Só no final da década de 1960, os grandes cadernos de esportes tomaram conta dos jornais. Ou melhor: em São Paulo, surgiu o *Caderno de Esportes*, que originou o *Jornal da Tarde*, uma das mais importantes experiências de grandes reportagens do jornalismo brasileiro. Dessa época pra cá, os principais jornais de São Paulo e do Rio lançaram cadernos esportivos e deles se desfizeram como se tratasse de objetivo supérfluo. Gastar papel com gols, cestas, cortadas e bandeiradas nunca foi prioridade.

Como não podia ser diferente, a televisão não ficou para trás. Com todas as mudanças que se acarretaram na mídia impressa e no rádio após a Copa do Mundo de 1958, a televisão teria que fazer alguma coisa para atrair de volta o seu público fanático por futebol.

Foi assim que surgiu no final de 1963, no Rio de Janeiro, um Programa que iria inovar as discussões em torno da maior paixão do brasileiro. Uma verdadeira seleção de craques da imprensa esportiva fora convocada para formar a mais famosa mesa-redonda da televisão brasileira. (RIBEIRO, 2007, p. 190)

O programa *Mesa Redonda* acabou se tornando um padrão, de como deve ser feito um programa de debates esportivos. Inspirando novos programas até hoje, como: o *Jogo Aberto*, da TV Bandeirantes, o *REDETV! Esporte*, da REDETV!, o *Bem Amigos!*, da Sportv, canal a cabo da Rede Globo, entre outros.

Porém, este crescimento vertiginoso da imprensa esportiva nacional recebeu golpe enorme após o estouro da ditadura militar em 1964.

De acordo com Ribeiro (2007, p. 192), no período de ditadura um número incontável de grandes veículos de comunicação, entre eles, rádios, jornais e

televisões. “Jornalistas passaram a ser perseguidos. João Saldanha, por exemplo, teve de fugir pelo telhado do prédio do jornal Última Hora.” Tal repressão que entre outras medidas, proibiu a TV Record de transmitir qualquer jogo em seus canais, resultou na venda da TV Paulista para a TV Globo.

A briga entre cartolas e empresários era a gota d’água que faltava para a implosão da TV Paulista, uma das emissoras proibidas de transmitir os jogos. Atolado em dívidas, o canal acabou sendo vendido para a TV Globo. Era o veículo que faltava para o império de Roberto Marinho consolidar-se no mercado das comunicações. (RIBEIRO, 2007, p. 195)

Outro fator que fez a diferença neste período, porém, positivamente de acordo com Ribeiro (2007), foi “[...] o surgimento do caderno de esportes do Jornal da Tarde [...] o JT, como ficou conhecido, começou a circular no dia 4 de janeiro de 1966 sob a direção de Milo Carta, e tinha o objetivo de informar muito, mas com a maior leveza editorial.” (RIBEIRO, 2007, p. 197). Ainda segundo Ribeiro (2007), o Jornal da Tarde, priorizava o furo da notícia, porém com um cuidado excessivo com o texto.

Entre as mudanças propostas pelo JT, provavelmente a primeira era a mais polêmica:

[...] a primeira mudança era acabar definitivamente com o duplo emprego. Quem quisesse ser repórter do JT teria de acostumar-se as longas jornadas de trabalho, que chegavam a ultrapassar às 24 horas do dia. Com a exigência, vieram também salários melhores, incomparáveis com os do mercado da época. (RIBEIRO, 2007, p. 197)

Para Ribeiro (2007, p. 199), o Jornal da Tarde se tornou uma referência no jornalismo esportivo nacional, devido à audácia e talento de sua equipe. “Passou a faturar praticamente todos os grandes prêmios jornalísticos destinados as melhores coberturas esportivas da época”.

Escrever reportagens polêmicas sobre futebol era quase rotina no final da década de 1960. Só que, além da qualidade jornalística, repórteres que se atreviam na empreitada tinham de contar com a retaguarda firme de seus patrões, que por décadas ganharam fama de coniventes com o sistema corrupto dos cartolas brasileiros. Sem essa cobertura, dificilmente as denúncias seriam publicadas. (RIBEIRO, 2007, p. 203)

Já no início nos anos de 1970, surgiria a revista que é considerada por, Ribeiro (2007, p. 208), a melhor revista esportiva já publicada no Brasil, se trata da Revista Placar, da Editora Abril, que “[...] surgiu no auge da efervescência política do país e no olho do furacão da crise instalada com a demissão do técnico da seleção Brasileira às véspera da disputa da Copa do Mundo de México.”

Ribeiro (2007, p. 208) conta ainda que:

Logo na primeira edição, Placar contrariou as previsões pessimistas dos jornalistas esportivos que achavam que o Brasil não tinha condições de produzir e manter uma revista especializada em futebol. Vendeu 500 mil exemplares com a efígie de Pelé cunhada em uma bolacha de latão dourada aplicada a capa da revista número um.

Ainda a respeito da Revista Placar, porém recorrendo aos conhecimentos de Marques (2003), pode-se afirmar que o seu surgimento, veio a partir da necessidade de uma maior qualificação do jornalismo esportivo no país.

Utilizando uma linguagem mais moderna, buscando novas abordagens no tratamento dos atletas, abusando do uso de imagens e fugindo dos lugares comuns próprios do meio do futebol, a revista sedimentou-se rapidamente como um dos veículos mais importantes no mundo do esporte e passou a influenciar as coberturas dos principais jornais brasileiros. (MARQUES, 2003, p.9)

De acordo com Ribeiro (2007), enquanto a seleção apelidada pelo radialista Geraldo José de Almeida de “Seleção Canarinho”, trazia na bagagem a Taça Jules Rimet, conquistada no Tricampeonato Mundial disputado no México em 1970, a imprensa nacional contabilizava os lucros obtidos durante a Copa. Segundo Ribeiro (2007, p. 212), o tricampeonato fez com que, “[...] a Gazeta Esportiva atingisse a surpreendente marca de 534 mil exemplares vendidos após o jogo final entre Brasil e Itália. A recém-criada revista Placar também estourou de vender: 250 mil exemplares.”

Enquanto a mídia impressa comemorava os dividendos faturados durante o Mundial, a televisão inaugurava as transmissões ao vivo de uma Copa do Mundo.

Enquanto o homem conseguia pisar na Lua, na terra também pela primeira vez o mundo poderia assistir ao vivo as transmissões da Copa do Mundo do México, em 1970. Hoje pode parecer pouco, mas 700 milhões de pessoas receberam a transmissão pioneira, que teve Walter Clark, diretor da TV Globo, como principal negociador. (RIBEIRO, 2007, p. 210)

No período pós-Copa do Mundo de 1970, a imprensa esportiva brasileira passou por mudanças inovadoras. De acordo com Ribeiro (2007), a mais significativa delas foi a chegada das mulheres a editoria esportiva, que até então, era considerada excepcionalmente masculina.

Segundo Ribeiro (2007), a iniciativa partiu do proprietário da Rádio Mulher, Roberto Montora que, decidiu criar uma equipe esportiva composta exclusivamente por mulheres. “[...] a proposta era inovadora, mas o preconceito por parte dos homens da imprensa era escancarado.” (RIBEIRO, 2007, p. 220)

Ribeiro (2007, p. 221) discorre que:

Só mulheres trabalhavam na equipe, dentro e fora das transmissões. A narração era feita por Zuleide Ranieri Dias; os comentários, por Jurema Lara e Leila Silveira; nos comentários de arbitragem, Lea Campos – que também era juíza -; na reportagem, Germana Garili, Claudete Troiano e Branca Amaral; no Plantão, na sede da rádio, ficavam as locutoras Liliam Loy, Siomara Nagi e Terezinha Ribeiro. Até o transporte da equipe era feito por uma mulher, Tereza Lema. Na parte técnica, a sonoplastia ficava por conta de Regina Helo Aparecida.

Enquanto as mulheres começavam a se aventurar pelos gramados, quadras, pistas ou piscinas pelo Brasil, as redações do rádio esportivo brasileiro iam formando seus grandes ídolos. “[...] no Rio, Waldir Amaral era famoso pelos gritos longos, mas também pelas confusões na hora de definir os marcadores de gols.” (COELHO, 2003, p. 29)

Já em São Paulo, conforme afirma Coelho (2003), “[...] o fenômeno do rádio dos anos 70 foi Osmar Santos. Em 1977, ele trocou a Globo pela Jovem Pan, em transação milionária. Passou a ser o locutor mais bem-remunerado do país.”

Nesta época, o repórter de campo que acompanhava Osmar Santos nas transmissões era nada mais nada menos, Fausto Silva, “[...] o Faustão, que em 1989 chegou a TV Globo para comandar o programa dominical que está no ar até hoje.” (COELHO, 2003, p. 29)

Ribeiro (2007) defende que em 1972 o rádio esportivo viria a conhecer

a figura mais polêmica e corajosa do rádio esportivo brasileiro.

Mineiro da cidade de Muzambinho, Milton Neves veio para São Paulo aos 20 anos, com a cara, coragem e o sonho de trabalhar em alguma grande rádio da capital: Bandeirantes, Tupi, ou Jovem Pan. Em maio do mesmo ano, decidiu entrar para o curso de jornalismo da faculdade Objetivo. (RIBEIRO, 2007, p. 224)

Porém, Coelho (2003, p.33) afirma que, apesar de excelente profissional, “[...] Milton caiu na tentação de fazer o mais fácil. Deixar o tempo passar, esquecer-se de estudar, dedicar-se exclusivamente ao conhecimento que já havia adquirido.”

Apesar de a esta altura do Campeonato, de acordo com Ribeiro (2007), o futebol já ter se tornado há tempos o esporte número um no coração dos brasileiros, a imprensa esportiva, de uma forma geral, continuava desorganizada em âmbito nacional. Nem ao menos os responsáveis pelo espetáculo, os jogadores, que pela lógica deveriam ser os primeiros a se organizar, só conquistaram a regulamentação da profissão através do Congresso Nacional, em 1976. Já na imprensa, “A primeira entidade nacional, Abrace, Associação Brasileira dos cronistas Esportivos, foi criada em 1974 e teve como primeiro presidente o jornalista Mauro Pinheiro.” (RIBEIRO, 2007, p. 235)

A partir da década de 1980, o esporte e a imprensa esportiva já representam um rentável negócio e fonte de lucros para grandes empresas. As editorias de esporte se especializam cada vez mais e chegam até a criar subdivisões, para poder comentar as diversas modalidades esportivas. Além disso, a busca de patrocínios e a compra de espaço por empresas promotoras de eventos dão a noção exata da nova ordem econômica em torno do jornalismo esportivo. (MARQUES, 2003, p.10)

Nestas subdivisões, de acordo com Coelho (2003), se aventuravam colunistas, comentaristas, repórteres, que se postavam a cobrir futebol apenas pelo fato de em algum momento de suas vidas terem sentado nas arquibancadas dos estádios. Para ele, este fato não basta para atuar na editoria esportiva, pois é engano pensar que esta área se resume apenas ao desporto futebolístico.

Segundo Coelho (2003, p. 35-36):

Ai de quem for apaixonado por futebol e entrar na redação pensando que irá escrever só sobre futebol. Ai mais ainda de quem tiver loucura por outro esporte. Quem for louco por vôlei, por basquete, quem tiver paixão por tênis e sonhar ser especialista no esporte de que gosta. Não, tal possibilidade não está excluída. Mas, se já dá trabalho conquistar reconhecimento na profissão trabalhando com futebol, é muito mais feroz a luta para chegar ao topo com outro esporte. (COELHO, 2003, p. 35-36)

Deste modo Coelho (2003, p. 37) afirma que:

Não existe o jornalista de esportes. Existe o jornalista, aquele que se dedica a transmitir informações de maneira geral, o especialista em generalidades. Que se torna muitas vezes melhor quando é, de fato, conhecedor do assunto específico. Quando vira jornalista de basquete, de vôlei, de futebol, de automobilismo. Nunca de esportes.

A década de 1980 ficou marcada também pelo início das transmissões automobilísticas pela mídia esportiva nacional, conforme Coelho (2003). Ainda conforme Coelho (2003), este fato foi culminante, pois obrigou os jornalistas que cobriam esporte em geral, a conhecer coisas específicas, os motores dos carros, por exemplo, e a ter mais dedicação e empenho nas jornadas esportivas. Aliado a isto, nos tribunais arrastavam-se processos e petições requerendo o direito das transmissões esportivas pela televisão e no rádio. “[...] era uma briga em que o tamanho do cofre seria fundamental no momento de contratar os principais profissionais do mercado.” (RIBEIRO, 2007, p. 253)

Ribeiro (2007) diz ainda:

A velha briga entre empresários de televisão e dirigentes de clubes e federações pelo direito de exibição de partidas ao vivo era outro fator importante para agravar a crise que o futebol brasileiro vivia. Até 1986, nenhuma emissora podia transmitir jogos ao vivo, porque para os dirigentes esportivos a televisão continuava, a ser a única culpada pelo esvaziamento dos estádios brasileiros. Ruim com ela, pior sem ela. Dirigentes e empresários chegaram a um acordo, e a partir de 1987 a televisão voltou a ter o direito de televisionar jogos ao vivo. (RIBEIRO, 2007, p. 266)

No início da década de 1990, o público do esporte teve uma nova possibilidade para acompanhar de perto as competições esportivas. “Nessa época foi criada a Globosat e o esporte não poderia ficar de fora do novo empreendimento. No ano seguinte surgiu o primeiro canal de esportes por assinatura no Brasil: o Sportv.” (RIBEIRO, 2007, p. 274)

Nesta época também, surgiu outra emissora a cabo especializada apenas na editoria esportiva, após meses de batalhas judiciais entre a TVA, a Rede Globo e o Clube dos 13, que proibiu a TVA de entrar nos estádios brasileiros. De acordo com Ribeiro (2007), após este período de divergências, a TVA tirou seu time de campo e criou a ESPN Brasil. Aliás, conforme afirma Coelho (2003), os canais a cabo foram as primeiras e as únicas a investir na especialização do jornalista esportivo.

Ainda na década de 1990, às portas da Copa do Mundo de 1994, disputada nos Estados Unidos da América, segundo Ribeiro (2007), a modernidade começou a chegar às redações, aos poucos as velhas máquinas de escrever, telex e fax, foram substituídas por computadores e notebooks.

A imprensa esportiva não podia reclamar da falta de estrutura para trabalhar. Restava a ela realizar sua função de analisar e criticar jornalisticamente tudo que acontecesse durante o evento, especialmente sobre a atuação brasileira em campos norte-americanos. (RIBEIRO, 2007, p. 280)

Após a Copa do Mundo de 1994, assim como nas outras competições em que o Brasil se sagrou campeão, a imprensa esportiva teve mais um salto, tanto em vendas, quanto em divisas. Foi então que, em 1995, avalizada por este impulso e pela euforia do mercado editorial que a Editora Abril resolveu relançar a revista Placar. Segundo Ribeiro (2007, p. 282), foi investido cerca de US\$ 500 mil nesta nova versão da revista “[...] que vendia pouco mais de 40 mil exemplares quando passara a ser mensal, deu um salto espetacular para 240 mil exemplares no primeiro mês da nova fase.” (RIBEIRO, 2007, p. 282)

Com o passar do tempo, o futebol começou a ser colocado de escanteio pelos dirigentes dos grandes clubes, que por vezes iam parar nas páginas policiais devido aos escândalos em que se envolviam. Foi assim, neste contexto em que a editoria esportiva aparentava não render tantos dividendos, que um jovem empresário carioca de 34 anos, resolveu criar seu próprio jornal de esportes.

Em outubro de 1997, Walter Mattos Jr. conseguiu realizar em poucos meses o sonho de fazer chegar às bancas do Rio de Janeiro e São Paulo o diário *Lance!*, assim mesmo, com formato tablóide, o *Lance!* Foi idéia do jovem empresário Walter, mas o capital para sustentar todo o investimento

necessário era um grupo de empresas interessadas em faturar no incerto mercado editorial brasileiro. (RIBEIRO, 2007, p. 291, grifo do autor)

Com duas sedes, uma no Rio de Janeiro e outra em São Paulo, o *Lance!* nasceu ostentando grandes expectativas. De acordo com Ribeiro (2007), os donos do jornal esperavam em um ano, alcançar a tiragem de 120 mil exemplares e, em quatro anos, zerar todos os investimentos. Com o lançamento do diário *Lance!* e a proporção que a Internet ganhava aquela época, não demorou para que seu proprietário adotasse esta nova plataforma que viria a ser o carro chefe da redação. Porém, o surgimento do *Lancenet.com* só começou a render frutos em 1999, quando “[...] a internet virou fenômeno tão grandioso que começou a tirar alguns dos melhores profissionais do jornalismo esportivo.” (COELHO, 2003 p. 59)

Coelho (2003, p. 60, grifo do autor) reforça que:

[...] o Lancenet nasceu como forma de fincar a bandeira no novo mercado. Não era certeza de sucesso, mas a esperança de sair na frente quando a internet pegasse no breu. Pegou e, de fato, o Lancenet saiu na frente. Durante certo período, com o *Lance!* no vermelho, o site virou ponto de referência para o mercado publicitário.

Com o advento dos *websites* jornalísticos, o profissional desta editoria passou a ser mais valorizado financeiramente.

Parecia a redenção dos jornalistas. Acostumados a salários minguados no final do mês, alguns receberam propostas milionárias. A situação lembrava de longe a de jogadores de futebol, convidados por clubes rivais a ganhar duas, três vezes do que recebiam nos clubes anteriores. (COELHO, 2003, p. 60)

No entanto, o jornalista esportivo tem de tomar muito cuidado para não perder o foco da profissão.

Segundo Kfourri (apud MARQUES, 2003, p. 75):

Na imprensa esportiva brasileira, hoje, não sabemos se o cara é garoto propaganda, promotor de eventos, empresário de atleta, assessor de imprensa, se trabalha para um clube ou para uma mídia. Você não sabe se o jornalista recebe da CBF ou do jornal. Sem dúvida, há uma promiscuidade entre os jornalistas e a cartolagem, que faz com que eles se confundam.

Neste sentido, Coelho (2003, p. 75) considera que:

Amizade não combina com jornalismo. Por outro lado, ajuda muito a conseguir informações de cocheira antes dos demais colegas. Duro é separar as duas coisas. Muitos jornalistas não conseguem separar amizade de relacionamento profissional. Não é raro elogiar jogadores por conta apenas da amizade. (COELHO, 2003, p. 75)

Porém uma relação transparente com as fontes é imprescindível para um jornalista que se preze. Coelho (2003) acredita que, sempre que tiver oportunidade, o profissional da imprensa tem de questionar, indagar, procurar saber o que está acontecendo nas entranhas das equipes esportivas, mas sempre deixando claro que não se trata de troca de favores.

Segundo Coelho (2003, p. 76), o jornalismo esportivo de hoje, que tem como plataforma principal a Internet, "[...] Não vale saber quem divulgou a informação em primeiro lugar. Vale, sim, quem deu a notícia com mais detalhes, com maior riqueza [...]."

Com o predomínio da divulgação do futebol no Brasil, o jornalista de esporte fica limitado, inclusive em função do interesse do público.

Ampliar a agenda esportiva é um desafio para os profissionais de comunicação, principalmente, pelo predomínio do futebol nas transmissões e noticiários brasileiros. O possível monopólio do esporte mais popular do país limita a espaço para a divulgação dos demais esportes olímpicos e da atividade física, causando sérios prejuízos tanto para o esporte, pela fuga de praticantes e patrocinadores, quanto para o jornalismo, pelo escasso campo de cobertura. (MALULY, 2009, p. 1)

Os pesquisadores da presente pesquisa acreditam que, com exceção dos veículos especializados, pode-se dizer que a cobertura da imprensa brasileira no esporte resume-se ao futebol. Já os demais esportes tomam ares de protagonista quando alguma equipe ou atleta individualmente consegue chegar a uma final de competição ou quando há algum lance cômico, que pode gerar audiência.

Aliado ao fato do futebol ser o número um na preferência da população surgem questões financeiras que não vislumbram o esporte como uma ferramenta de transformação social e como gerador de saúde e bem-estar. Contudo, a cobertura esportiva atual resume-se a um perdedor e um vencedor.

Uma observação de Vilas Boas (2005, p. 8) discorre acerca de o esporte ser muito mais do que um jogo, pois "envolve ciência, tecnologia, saúde, política, história, comportamento, economia. Há inúmeras interfaces possíveis,

polêmicas e necessárias que o jornalista poderia costurar para não se ater somente à questão da disputa”.

Portanto, “os números que importam, que mandam e desmandam, são os do placar. E, nas redações, os do Ibope e os das vendas nas bancas, dos acessos ao site”. (VILAS BOAS, 2005, p. 10)

Falar de esporte no Brasil é sinônimo de falar em futebol. Para Vilas Boas (2005, p. 15), falar de futebol é como "cobrir cinema nos Estados Unidos, como criticar artes plásticas na França em meados do século XIX, como ter um fanzine em Liverpool em 1962, como ser crítico gastronômico na Toscana."

Se o brasileiro soubesse de política, economia e cidadania o que sabe de Seleção Brasileira, Flamengo e Corinthians, certamente o Brasil seria outro; se o presidente da República e o ministro da Fazenda fossem cobrados como são cercados o técnico da Seleção e o presidente do Flamengo, talvez nós fôssemos os Estados Unidos. (VILAS BOAS, 2005, p.15-16)

Se forem considerados os veículos de comunicação como formadores de opinião e que só é possível gostar do que se conhece ou experimenta, podemos avaliar então que os próprios veículos elevaram o futebol ao *status* de protagonista. Em consonância com o raciocínio de Coelho (2003, p. 8-9), pode-se afirmar que “[...] a primeira cesta no Brasil, o primeiro saque. Tudo foi registrado. Tudo meio a contragosto. Porque nas redações do passado - e isso se verifica também nas de hoje em dia - havia sempre alguém disposto a cortar uma linha a mais dedicada ao esporte.”

Coelho (2003, p. 9) relata que:

No Rio os jornais dedicavam também cada dia mais espaço ao futebol. Mais do que nas demais cidades do país. Os jogos dos grandes times da época aos poucos foram ganhando destaque. Até que o Vasco, em 1923, venceu a Segunda Divisão apostando na presença dos negros em seus quadros.

Aproximadamente na segunda metade da década de 1960 com cadernos esportivos mais presentes e volumosos, “[...] o Brasil entrou na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão.” (COELHO, 2003, p. 10)

Coelho (2003, p. 15) acrescenta que:

A população, portanto, se apaixonou ainda mais pelo futebol depois da primeira conquista da Seleção Brasileira. Seleção que havia disputado seu primeiro jogo em 1914, em amistoso contra o Exeter City, modesto time inglês. Venceu por 4 x 0. Mas foi só a partir do começo dos anos 40 que o futebol ganhou os relatos apaixonados em espaços cada dia maiores. (Coelho, 2003, p. 15)

Da era de ouro do rádio, com seus profissionais ainda sem formação específica para atuar na área, passando pelo surgimento da TV, para onde esses mesmos profissionais migraram, até chegar às redações online, o futebol atingiu patamares de audiência e de espaço nos veículos que nem mesmo Charles Miller, quando desembarcou no Brasil em 1894, imaginou que alcançaria. O próximo item elucidará as formas contemporâneas de tratamento do jornalismo esportivo, trazendo à tona principalmente essa realidade nos veículos online. Para tanto, foi realizada observação sistemáticas nas melhores redações do país.

4.3 Funções do Jornalista Esportivo

A produção de matérias, seja ela para editoria de esporte ou não, funciona de forma parecida como as redações que trabalham com todas as editorias. As tarefas são divididas por etapas: produção, reportagem, fotografia e edição.

Mesmo sabendo que o foco é o resultado esportivo, os profissionais desta editoria precisam ter um amplo conhecimento de diversos temas ligados ao cotidiano. Barbeiro e Rangel (2006, p. 21) explicam que os eventos esportivos podem tomar rumos inesperados e sair do contexto, “[...] como o caso do jogador ²Serginho, que teve um mal súbito em campo e morreu antes de deixar o estádio”. Para casos como este, além do amplo conhecimento do repórter, uma boa retaguarda de produção entra em cena e contribui para um bom material final nas mãos dos editores, no caso, são as boas matérias.

Para Oliveira (2011), é importante que haja na equipe uma mescla de experiência com juventude. A justificativa é que existem preocupações além as

² O zagueiro Paulo Sérgio de Oliveira Silva, o Serginho, 30, do São Caetano, morreu na noite do dia 27/10/2004, após sofrer uma parada cardiorrespiratória durante o jogo de sua equipe contra o São Paulo, no estádio do Morumbi, pelo Campeonato Brasileiro.

editoriais, são as preocupações com logísticas.

[...] todas essas viáveis interferem no resultado final que é a qualidade da matéria. É claro que para cada veículo você percebe que há interesses. Eu tenho uma experiência muito forte no online. O online tem essa peculiaridade inglória do redator ter que produzir o texto final e muitas das vezes o editor acaba que precisa mexer ou solicitar alguma modificação só depois que alguém já leu. No rádio é aquilo, tem a questão da audiência rotativa e dá pra consertar, na Internet é perene, de certa forma está ali, mesmo que você corrija depois alguém pode ter copiado, ou já deu *print screen*, já era. (OLIVEIRA, 2011, grifo nosso)

4.3.1 Pauta

O jornalista que trabalha como pauteiro é uma peça decisiva nas reportagens dependendo do veículo. Lembrando que, em jornalismo online, o valor fundamental de um fato está na notícia e não na reportagem, visto a agilidade em que se deve trabalhar a informação. Portanto, embora não se detalhe nos livros de online sobre o papel da pauta, os autores deste trabalho optaram por utilizar as particularidades de uma cobertura esportiva nas bibliografias desta editoria, além de complementar com entrevistas feitas a jornalistas que trabalham em redações esportivas online de São Paulo, capital do Estado.

De acordo com Coelho (2003, p. 80):

[...] É preciso disciplina para pensar na melhor pauta todos os dias. Para buscar um ângulo diferente para enxergar diariamente o mesmo fato. Geralmente a notícia vence pelo cansaço. A boa pauta aparece num dia e desaparece no outro, sem ninguém notar. Porque exige esforço cotidiano até dos profissionais mais criativos.

Um erro corriqueiro do jornalismo esportivo são as pautas factuais que não fogem da agenda de treino e jogos. Segundo Barbeiro e Rangel (2006), é necessário ter matérias mais amplas ao público, oferecer notícias atuais e completas, com um ponto de vista diferente dos demais.

Os autores completam ainda que o papel da pauta na internet existe no caso de uma cobertura mais ampla de um fato, como a transmissão simultânea de um jogo de futebol com vários repórteres em campo. Neste caso, a pauta serve para

direcionar o trabalho de cada repórter, evitando a mesma abordagem dos fatos. Mesmo assim, a pauta para este veículo é simples e curta, visando passar apenas as informações principais da cobertura, além do encaminhamento do fato.

Para isso, o foco deve ser visto de forma inteligente pelo pauteiro que deve ter a macro-visão do assunto.

Conforme observado nas redações de *Gazetaesportiva.net* e *Lancenet* as pautas não são comuns, salve matérias pré-agendadas de eventos, apresentações dentre outros. O papel do pauteiro, no entanto, existe para direcionar a cobertura dos repórteres e não para aprofundá-lo, necessariamente, no fato.

4.3.2 Reportagem

Esta é a função do jornalista na rua, no campo de jogo, ou onde se fizer necessário, de acordo com o roteiro da pauta. Este profissional, segundo Barbeiro; Rangel (2006, p.36), é o representante do torcedor diante de um atleta ou jogador. A ele, cabe fazer as perguntas necessárias e oportunas para uma boa reportagem. "Nos veículos eletrônicos é quase um diálogo entre o atleta e o torcedor, e a emoção atinge diretamente o público." (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 36)

Os autores explanam que ao fazer perguntas para os atletas, a boa reportagem é produzida seguindo a pauta, mas não deve se prender literalmente a ela, pois as condições no território a se reportar podem ser diferentes do planejado.

Quanto às questões que devem ser feitas, Barbeiro e Rangel (2006, p. 36) diz que é de extrema importância evitar as perguntas óbvias, que nesse caso, terão respostas à altura.

É claro que no jornalismo esportivo podemos ser um pouco mais descontraídos, mas isso não significa que o repórter pode demonstrar ser íntimo com o entrevistado. Evite chamar o entrevistado por apelidos e mantenha sempre um distanciamento profissional. Todo atleta tem de ser tratado respeitosamente. Se estiver descontrolado emocionalmente por causa do jogo, é preferível esperar para que possa dar entrevistas com mais calma. Desequilíbrios emocionais acontecem com todos. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 39)

O jornalista responsável pela reportagem deve ter bom senso ao fazer

seu texto em relação ao assunto. “A minha preferência é por texto bom. Seja onde for. Mas assim, na prática não muda, o que muda é adaptação.” (CASTELHERO, 2011).

Nesse raciocínio, Oliveira (2011) explana que o modelo adotado é o joga-jogou. São dois parágrafos já marcados. “Time A jogou contra time B no estádio tal, no horário tal, válido campeonato tal. Gols marcados pelo fulano e beltrano.” Ele esclarece que se houver fato inusitado ele é o abre da matéria.

O jornalismo esportivo é uma editoria muito atrelada à emoção. Seu público, normalmente é apaixonado, o que requer cuidado do jornalista para não interferir com sua opinião no texto.

A emoção é a própria alma do esporte. Ela está nos olhos do jogador que fez o gol do título, na decepção da derrota, nas piscinas, quadras e pistas. Em nenhuma outra área do jornalismo a informação e o entretenimento estão tão próximos. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 45)

Neste sentido, Castelhero (2011) afirma que opinião deve entrar em blog.

Normalmente quem trabalha com esporte tem um time. Normalmente você não vai falar do seu time o tempo todo, mas vai falar dele. É uma dosagem. Cada empresa tem sua linha editorial. Na nossa linha deve mostrar o que aconteceu, não entra com opinião em matéria, opinião é em blog, na matéria não há opinião, embora, mesmo tentando ser neutro, você já na hora de escrever o texto, sem querer, já emite sua opinião. A emoção é importante você trazer para o contexto. Não é tão simples fazer. O corinthiano escrever uma reportagem de uma derrota histórica para o São Paulo, você deve separar o teu lado torcedor de um lado profissional, que é o de levar a informação para o público. Já tivemos problemas com pessoas que não conseguiram separar isso e tivemos que mudar essa pessoa de setor.

4.3.3 Fotografia

A fotografia é a imagem que irá complementar e ilustrar a matéria. Existem empresas que têm o fotógrafo e empresas que esta função é basicamente feita pelo próprio repórter.

A princípio, não podemos afirmar que existam diferenças marcantes entre a imagem fotográfica empregada na web e a usada no jornalismo impresso. A imagem jornalística deve prescindir de uma legenda ou um texto escrito cuja função é contextualizadora. É regra no fotojornalismo, indiferentemente do suporte, que a imagem produzida seja legível e compreensível. (FERREIRA, 2005, p. 2)

Conforme Rodrigues (2011), para ser o autor da fotografia de uma reportagem, independentemente do veículo, a foto deve trazer informação, acrescentar algo. O principal é informar. Para o autor, a Internet oferece possibilidade de utilizar vários formatos. Isso requer cuidado do jornalista, desde a confecção das matérias até do editor, para não perder uma foto que tenha grande quantidade de informação.

Este assunto é reforçado por Castelhero (2011):

A gente trabalha com jornalismo. A nossa visão aqui é a da fotografia jornalística. Você tem que ter uma foto que leve a emoção do cara que fez os 100 gols, então o que pode representar melhor isso? Então, a gente buscou uma foto dele comemorando e de gente vibrando. Tem que ter contexto, a foto no jornalismo tem que ter contexto. O retratinho três por quatro não significa nada para mim. Tem que ter expressão e tem que ter informação. Jornalismo é assim e assim vemos a melhor foto para nosso trabalho.

A fotografia, segundo Neves Filho (2011) é de grande importância. As imagens terão grande valor no futuro.

4.3.4 Edição

A função ou promoção dos jornalistas com mais experiência é a edição, que se trata, segundo Barbeiro e Rangel (2006), de selecionar e organizar o produto final. Ao editor, cabe escolher ainda a ordem de importância dos assuntos, dar prioridade aos temas. Nas empresas jornalísticas, o editor participa da reunião de pauta, expõe os assuntos que são de seu interesse ou até mesmo rejeita assuntos que entender desnecessários.

Já no caso das redações online, os assuntos vão surgindo, fruto dos trabalhos dos repórteres e repórteres fotográficos. Em muitos casos, o repórter posta

o material que será aprovado e postado pelo editor. Mas também, o editor pode acompanhar o material já publicado e, como tem acesso ao sistema, realizar as modificações que achar pertinente. Tudo acontece instantaneamente, o *deadline*³ ocorre em diversas oportunidades durante o dia, diferente do impresso e demais meios.

4.4 Redações Online

A fim de desvendar os meandros do jornalismo esportivo online, os pesquisadores estiveram em São Paulo, capital do Estado, em visita a algumas das mais renomadas empresas do seguimento. Lá foi realizada a observação sistemática acerca da realidade desses veículos. Entre os quesitos observados, foram levados em consideração: a estrutura física das redações, profissionais atuantes e suas funções específicas como: distribuição das equipes e tarefas executadas por cada um; as formas de tratamento das notícias para posterior divulgação; os recursos da Internet empregados como atrativos e opção de aprofundamento e, por fim, a preocupação com o *deadline*.

No Lancenet, por exemplo:

Os repórteres são divididos em núcleos. Cinco extras, quatro Corinthians, quatro São Paulo, quatro Palmeiras, três Santos, quatro Poli (repórter dedicado a diversos outros esportes), dois para o De Prima/Bastidores e dois Especiais. Ou seja, cerca de 28 repórteres [...] as escalas são feitas durante a semana. O número de pessoas durante o fim de semana é resolvido antes, de acordo com a necessidade. A escala é feita por um editor, que recebe do assistente de redação uma planilha de quem trabalha. O número de profissionais durante os fins de semana caem pela metade. Enquanto um grupo trabalha o outro folga. E assim por diante. (ANDRADE, 2011)

Andrade acrescenta que, ao todo, a equipe é composta por cerca de 50 funcionários, responsáveis pela produção e veiculação da edição impressa Lance! e da versão online.

Uma redação ampla, equipada com vários computadores, TVs

³ É um prazo final para entregar um trabalho, relatório ou projeto.

estrategicamente distribuídas e sintonizadas em canais esportivos exibindo modalidades esportivas distintas servem como respaldo para a cobertura. No caso do futebol, os lances são detalhados minuto a minuto por um repórter na redação ligado na transmissão televisiva, levando ao internauta um panorama real do andamento da partida. Além da sintonia direta com os meios oficiais, ou seja, emissoras de Rádio e TV, Andrade ressaltava outra fonte de informação, esta diretamente ligada à interação.

As redes sociais têm sido fundamentais no crescimento do webjornalismo. Você descobre informações e sugestões de pautas apenas fuçando no Twitter, Facebook, etc. Com a ideia em mente, você parte para a apuração própria. As redes sociais servem de pontapé inicial em muitos casos. (ANDRADE, 2011)

Ainda com relação às redes sociais, Andrade (2011) reforça a importância dos blogs agregados ao site do veículo. Ele afirma que “[...] cada colunista aborda um tema diferente nos respectivos blogs, a criatividade e a liberdade não têm limite. O Lance!, aliás, gosta muito disso.”

A proximidade com as redes sociais, ou seja, com os novos recursos oferecidos pela Internet, fazem da *web* uma mídia em plena evolução. A tecnologia embutida na rede permite aos jovens uma afinidade quase que natural com o novo meio. Exemplo disso é a trajetória de Andrade, iniciando como estagiário em 2008 e ocupando o cargo de editor no início de 2010.

Eu entrei no Lance! em setembro de 2008. Comecei como *freela* do L!Activo [Site de relacionamento do Lance!]. Após cinco meses, virei estagiário do Lancenet! e do Lance!. Trabalhava para ambos, como todo repórter. Fiquei nesta função até o fim de 2009, quando fui convidado para assumir a edição do Lancenet! Comecei nesse cargo em janeiro de 2010. (ANDRADE, 2011)

No entanto, a mídia online não é vislumbrada apenas pelos jovens jornalistas que iniciam sua carreira. Erick Castelhero, atual editor da Gazeta Esportiva e que também atuou na versão impressa deste veículo, reconhece os benefícios da Internet.

A Gazeta Esportiva foi um jornal de 54 anos de edição diária nas bancas. E no fim da década de 90, início dos anos 2000, ela precisava reestruturar o jornal, replanejar o jornal, tomar algumas medidas para continuar o negócio, ou partir para uma nova mídia, que era a Internet, uma mídia promissora

muito menos custosa, já que o jornal impresso tem o custo bem elevado. E então a decisão da empresa foi de descontinuar o jornal. Este é o termo usado. Descontinuou o jornal e apostou na nova mídia. Então naquele momento, o que aconteceu? A redação tinha três ou quatro vezes maior o número de pessoas trabalhando, porque tinha diagramador, tinham mais fotógrafos, tinha mais repórteres, mais editores, mais tudo. A equipe do jornal era bem mais numerosa. (CASTELHEIRO, 2011)

Castelheiro (2011) revelou que na época de impresso, no final da década de 1990, o recorde de edições vendidas da Gazeta girou em torno de 500 mil exemplares, enquanto o site com frequência ultrapassa esse número em acessos.

Por outro lado, o editor ressalta as armadilhas ocultas na rede, as quais vão sendo resolvidas diariamente, baseadas no comportamento do internauta diante dessa nova plataforma.

Na Internet é muito propenso que o leitor tenha tendência da dispersão. Então ele está num lugar, de repente vai pra outro. E daqui a pouco ele tá (sic) num lugar que não tem nada a ver com o que ele buscava. Então a Internet permite isso através da hipertextualidade. (CASTELHEIRO, 2011)

Quanto ao tamanho do texto, Castelheiro (2011) afirma acreditar que há público para todo tipo de conteúdo.

Na verdade você tem público para tudo. Entendeu? A gente tem uma audiência grande na apresentação de jogos, nos relatos dos jogos, que é o estado do jogo. Pode parecer que isso é chato e cansativo, e é o que o pessoal quer saber. Tem o jogo, tem apresentação, já é uma praxe nossa e um diferencial nosso de apresentar todos os jogos importantes de uma rodada. Então, o cara quer saber quem vai jogar, quem vai apitar, quem tá (sic) desfalcando o time, que novidade pode ter, ou se apresenta no time adversário. Então as pessoas têm interesse por este tipo de informação. A infografia, as estatísticas elas são importantes para outros tipos de públicos. (CASTELHEIRO, 2011)

Além da carga de informação gerada e agregada pelo veículo online, cabe acrescentar que o esporte é uma editoria atrelada à emoção. Neste âmbito o editor fala sobre dosar emoção e informação. “Não é fácil trabalhar com isso. Normalmente quem trabalha com esporte tem um time. Normalmente você não vai falar do seu time o tempo todo, mas vai falar dele. É uma dosagem.” (CASTELHEIRO, 2011)

Já Bruno Andrade (2011), em sua carreira como editor destacou que a

grande maioria dos profissionais “[...] sabe deixar de lado a emoção na hora de trabalhar sério. É evidente que emoção nunca some, mas sabemos lidar. A emoção, aliás, serve de inspiração também.”

O jornalismo esportivo só existe porque existe também o esporte. E como foi o nascimento do esporte no mundo? Quando chegou ao Brasil? E em Presidente Prudente? Este é o assunto abordado no próximo capítulo.

5 ESPORTE

5.1 O Princípio

Se levado em consideração que esporte é sinônimo de movimento, é pertinente afirmar que “[...] o homem está interligado e correlacionado ao esporte desde os primatas, quando fugiam de animais predadores, lutavam por áreas e regiões e disputavam domínios no início das coletividades.” (SCRIBD, 2011) Portanto, “[...] acredita-se que depois da alimentação, a mais antiga forma de atividade humana é a que hoje se conhece por esporte.” (SCRIBD, 2011)

Apesar de surgir como uma forma de sobrevivência, atualmente muito se discute sobre a busca do belo, do corpo perfeito com debates sobre os padrões de beleza estabelecidos pela mídia à sociedade. Porém, os pesquisadores deste trabalho avaliam a questão por outro ponto de vista, pois um corpo bem trabalhado supostamente é consequência da prática de exercícios físicos e, a prática de exercícios físicos, por sua vez, gera saúde e bem-estar ao homem. E é neste último quesito que o grupo acredita estar o bem mais valioso da prática esportiva.

Mas, o fato de aliar esporte e *status* social não é privilégio dos milionários jogadores de futebol, pilotos de Fórmula 1, modalidades cujo reconhecimento financeiro aos atletas é muito maior. Segundo Tsuruda (2007, p.19), entre os gregos antigos, a prática esportiva ultrapassou os limites da competição e bem-estar, “[...] era parte de um modo de vida refinado, um sinal do status social do praticante, um veículo da honra e da glória, parte integrante da formação dos guerreiros e, de maneira especial, da formação do caráter dos jovens.”

Amparando-se nos estudos de Tsuruda (2007), é possível mensurar que a sociedade grega descrita nos poemas era dividida em duas classes sociais, ou seja, duas categorias distintas: a classe nobre, formada por guerreiros e a dos plebeus que precisavam trabalhar para sobreviver. Os nobres eram caracterizados pela posse da terra e de escravos. Como não precisavam trabalhar, dedicavam o tempo à guerra, às assembléias políticas, banquetes e à prática esportiva. Diante disso, “[...] os heróis foram tomados como modelos paradigmáticos: um jovem

deveria ser ajuizado e educado como ⁴Telêmaco, sagaz como Ulisses, um grande atleta como Aquiles, valente como esses e tantos outros heróis descritos nas obras. [...]” (TSURUDA, 2007, p. 20)

É possível observar no cotidiano dos gregos, por exemplo, algumas semelhanças à vivência contemporânea, como exposto anteriormente. No entanto, a evolução social permitiu também uma evolução tecnológica, que possibilita registros precisos de tudo que se passa no planeta atualmente. Porém, ainda sem os conhecimentos sobre aparatos tecnológicos, os seres humanos recorriam ao desenho para registrar suas facetas esportivas. Assim sendo, estudos apontam que:

Não há como estabelecer, com certeza, quando o homem começou a praticar esportes, nem qual a primeira modalidade praticada. A primeira prova documental de prática esportiva no Ocidente é uma pintura mural na técnica de afresco, pertencente à Civilização Minoica. Datada de aproximadamente 1550 a.C., essa pintura, conhecida como “Os Boxeadores”, foi encontrada no sítio arqueológico de Akrotira (Ilha de Santorini). Ela apresenta dois meninos na pose típica de pugilato (luta com punhos, semelhante ao nosso boxe). (TSURUDA, 2007, p.19)

Traçando um paralelo entre as competições antigas e as contemporâneas, revela-se que o grego trabalhava a dramaticidade também no esporte, ou seja, “[...] o caráter religioso que revestia as celebrações entre os gregos.” O fato de os “[...] grandes jogos serem celebrados no recinto dos santuários, sob a égide de um deus, já apontava na direção e a própria origem

⁴ **Telêmaco:** era neto de Laertes, filho de Penélope e do herói Odisseu (mais conhecido por Ulisses, seu nome em Roma), que deixou sua família, quando Telêmaco ainda era bebê, para lutar em Tróia. Como narrado na *Odisséia* de Homero, Ulisses gastou anos para conseguir regressar à rochosa Ítaca, seu lar, devido a perseguição que sofreu pelo imortal Posídon, que, ofendido por Ulisses ter ferido um de seus ciclopes preferidos, atrasava seu retorno pelo mar com toda sorte de aflições, como ventos sempre desfavoráveis, remoinhos e fortes tempestades, que o levavam a vagar de ilha em ilha.

Ulisses: segundo a versão tradicional, Ulisses (em grego, Odisseu) nasceu na ilha de Ítaca, filho do rei Laerte, que lhe legou o reino, e Anticléia. O jovem foi educado, como outros nobres, pelo Centauro Quirão e passou pelas provas iniciáticas para tornar-se rei. A vida de Ulisses é relatada nas duas epopéias homéricas, a *Ilíada*, em cuja estrutura coral ocupa lugar importante, e a *Odisséia*, da qual é o protagonista, bem como no vasto ciclo de lendas originadoras dessas obras.

Aquiles: Na mitologia grega, Aquiles (em grego antigo: Ἀχιλλεύς; transl. *Akhilleus*) foi um herói da Grécia, um dos participantes da Guerra de Tróia e o personagem principal e maior guerreiro da *Ilíada*, de Homero. Aquiles tem ainda a característica de ser o mais belo dos heróis reunidos contra Tróia, assim como o melhor entre eles.

deles, muitas vezes ligada à celebração dos feitos de um herói morto, reforça a constatação.” (YALOURIS apud TSURUDA, 2007, p. 21)

Seja por motivos religiosos ou para fins militares, é possível dizer que a longa e sólida história do esporte reforça o entendimento desse fenômeno que surgiu há milênios se perpetuou no imaginário do homem e se fixou na sociedade com tanta veemência quanto outras áreas de conhecimento. A Educação Física, assim como a Filosofia, a Lógica, a Arquitetura e as artes em geral, está entre as principais heranças por eles deixados ao mundo moderno. A Educação Física deixa o campo militar e se torna motivo de distinção social. A prática esportiva é a única atividade que, mesmo gerando suor, causa orgulho nos cidadãos. O trabalho, por exemplo, cabe ao escravo e não confere prestígio aos homens livres. O filósofo Sócrates registra a importância do esporte para a sociedade da época. ‘Nenhum cidadão tem o direito de ser um amador na matéria de adestramento físico, sendo parte de seu ofício, como cidadão, manter-se em boas condições, pronto para servir o Estado sempre que preciso. Além disso, que desgraça é para o homem envelhecer sem nunca ter visto a beleza e sem ter conhecido a força de que seu corpo é capaz de produzir’. Escavações feitas na Grécia revelaram que, por volta de 2.500 a.C., os micênicos (povo que vivia na região) haviam formado uma civilização em que se cultivavam tanto as artes como os jogos. (SCRIBD, 2011)

Já durante a Idade Média e frente ao acentuado crescimento do Cristianismo, que tinha em sua essência a purificação do corpo e da alma, o esporte entrou em uma fase de estagnação, pois foi um período de guerras e conquistas. (SCRIBD, 2011)

As informações de Scribd (2011) dão conta ainda de que durante período de Renascença (séculos XVI e XVII), o surgimento do humanismo revigorou a Educação Física. Consta ainda que, após os Romanos conquistarem a Grécia Antiga, em meados de 456 a.C., os jogos olímpicos entraram em declínio. Nesta fase, as competições caracterizadas por cordialidade dão lugar às disputas que se tornavam gradativamente mais violentas. A última olimpíada da era antiga aconteceu em 393 d.C., quando o imperador romano Teodósio I proibiu a realização de eventos que adoravam deuses. (SCRIBD, 2011)

A retomada do esporte se dá lentamente. O Humanismo, nos séculos XVI e XVII, redescobre a importância da atividade física. As bases dos conceitos modernos de esporte surgem na Europa do século XVIII, quando a Educação Física volta a ser sistematizada. No século seguinte, em Oxford (Inglaterra), se dá a reforma dos conceitos desportivos, com a definição das regras para os jogos. A padronização dos regulamentos das disputas favorece a internacionalização do esporte. No fim do século XIX, há três linhas doutrinárias de atividade física: a ginástica nacionalista (alemã), que valoriza aspectos ligados ao patriotismo e à ordem; a ginástica médica (sueca), voltada para fins terapêuticos e preventivos; e o movimento do

esporte (inglês), que introduz a concepção moderna de esporte e impulsiona a restauração do movimento olímpico, com o barão Pierre de Coubertin. Esta última linha prevalece e leva à realização da primeira Olimpíada da Era Moderna em 1896, em Atenas. (SCRIBD, 2011)

Debruçando-se sobre os registros de Scribd (2011), nota-se que a “[...] primeira metade do século passado é marcada por um desenvolvimento lento do esporte”. Os motivos apontados como fundamentais nessa lentidão foram as “[...] duas guerras mundiais (1914/1918 e 1939/1945) [...]” Além da “[...] revolução comunista de 1917, o crack da Bolsa de Nova York em 1929 [...]” Tais acontecimentos criaram dificuldades em escala planetária para o treinamento de atletas, para a realização de competições e de viagens das equipes.

Por causa das guerras mundiais, três edições dos Jogos Olímpicos foram canceladas - 1912, 1940 e 1944. Neste quadro de relativo marasmo, Associação Cristã de Moços (ACM) se destaca nos Estados Unidos, criando novas modalidades esportivas - como o basquete e o vôlei - ou inovando com as concepções pioneiras de ginástica de conservação. Na segunda metade do século XX, notadamente entre 1950 e 1990, o esporte é sacudido por uma nova realidade. A concepção do "Ideário Olímpico" e sua máxima de "o importante é competir" saem de cena. A Guerra Fria estimula o uso ideológico do esporte, colocando em segundo plano o fair play. A simples prática esportiva deixa de ser relevante, pois o que importa é o rendimento, o resultado. Inicia-se um rápido processo de profissionalização dos atletas, alçados à condição de estrelas da mídia e heróis nacionais. A corrida em busca de recordes e títulos faz com que organismos internacionais lancem manifestos denunciando a exacerbação da competição e alertando os governos para as novas responsabilidades do Estado no que se refere às atividades físicas. Os textos destacam a necessidade de garantir à população em geral - e não apenas aos atletas - condições que levem à democratização do esporte. (SCRIBD, 2011)

Já na última década do século XX percebe-se uma aceleração das mudanças na prática esportiva. Nesta ocasião começa a se consolidar a ideia de esporte como direito de todos os cidadãos. Dois exemplos categóricos são a terceira idade e a pessoa portadora de deficiência. O próprio conceito de esporte é ampliado, oportunidade em que ocorre um desmembramento, ou seja, divide-se entre “[...] esporte-participação (lazer) e esporte de rendimento (competição)”. Conforme registros de Scribd (2011), o papel do Estado também se alterou no que concerne ao esporte. Deixa de apenas tutelar as atividades esportivas e passa a investir em recursos humanos e científicos. Além disso, no campo do alto rendimento, dá atenção especial às questões éticas, como o combate ao *doping*.

No caso do esporte de alto rendimento, percebe-se o avanço da lógica mercantilista. Provas, partidas e torneios são espetáculos; atletas, produtos em exibição. Equipes de futebol, atletismo, vôlei ou basquete funcionam como uma espécie de grande companhia artística, com astros (atletas) milionários e shows (partidas ou provas) que mobilizam a mídia e o público. Estimuladas pela cobertura das TVs, novas modalidades ganham importância. Os chamados esportes radicais (surfe, skate, kitesurfe, bicicross, motocross, entre outros) proporcionam imagens de impacto e conquistam novos fãs a cada dia. Além disso, multiplicam-se os "esportes-filhotes", derivações de modalidades amplamente difundidas. Vôlei de praia, futsal e beach soccer são alguns exemplos do fenômeno. No século XVIII é quando surgem as bases dos conceitos modernos do esporte de hoje. Até o Século XIX, porém, tudo o que se entendia como esporte era a Educação Física sistematizada. Foi quando em Oxford, na Inglaterra, iniciou-se o processo de reforma estrutural dos conceitos desportivos, surgindo então as primeiras regras definidas de jogos. Logo depois, houve a internacionalização deste conceito, quando nasceu definitivamente o esporte moderno. (SCRIBD, 2011)

A prática esportiva, assim como tudo que existe e, conseqüentemente, tudo que, de alguma forma está ligado à história, seja como protagonista, como coadjuvante ou apenas como mero espectador, vem se modificando, desde o seu surgimento até os tempos modernos.

Reconhecido como um dos fenômenos sociais mais importantes, tendo influenciado profundamente a vida cotidiana do homem do século XX, o esporte impõe-se sistematicamente àqueles que o praticam, àqueles que o organizam, àqueles que, de alguma forma, por ofício, dele dependem; aos seus aficionados, e até mesmo àqueles que, sem vinculação efetiva com ele, são impregnados invariavelmente pelos noticiários da imprensa em crescentes espaços diários de mídia. (TUBINO, 1996, p. 9)

Aliado a isso, vale salientar o que diz Duarte (2003, p.11) a respeito da prática esportiva.

O esporte é o grande desafio do ser humano. O esporte ajuda a moldar a personalidade e o caráter, dando-lhes mais força. O esporte ensina que não existem super-homens, mas apenas humanos. O esporte é uma constante lição de vida. O esporte é um entretenimento. O esporte é lazer. O esporte é recuperação. O esporte é cultura. O esporte começou com o homem e atendeu a muitas de suas necessidades vitais [...].

Para Proni e Lucena (2002), tem se tornado comum na sociedade moderna o surgimento de modelos de análise que trazem como chave a compreensão dos esportes. Segundo eles, "Esses modelos de análise se têm concentrado em compreender a especificidade do esporte moderno, distinguindo-o

dos jogos e das formas ancestrais de competição que estes esportes assumiram [...]” (PRONI; LUCENA, 2002, p. 5-6)

Na mesma obra, os autores citam uma passagem de Allen Guttmann que:

[...] estabelece sete características distintas do esporte moderno (secularismo, igualdade de oportunidades na competição e em suas condições, especialização das regras, racionalização possibilitando a sua internacionalização, organização burocrática, impulso para a quantificação e a busca dos recordes. (GUTTMANN apud PRONI; LUCENA 2002, p. 6)

Nestes termos os autores defendem ainda que o esporte faz parte de três novidades que estariam ligadas à questão do ressurgimento dos elementos “irracionais” na manutenção da estrutura e da ordem social no final do século XIX, são elas:

[...] a educação primária secular, as cerimônias públicas e a produção em massa de monumentos públicos [...] não obstante tenham participado deste processo movimentos de massa que reivindicavam *status* independente [...]. Entre elas o esporte; particularmente o futebol tornar-se-ia um “culto proletário de massa” [...]. (PRONI; LUCENA, 2002, p. 7)

Desta maneira, a evolução da prática esportiva está impreterivelmente ligada ao desenvolvimento da raça humana. Baseado nos estudos de Tubino (1994, p.13), o esporte, “[...] é um fenômeno profundamente humano, de visível relevância social na história da humanidade e intimamente ligado ao processo cultural de cada época.”

5.2 Esporte no Brasil

No Brasil, as sementes tupiniquins foram germinadas em um solo tipicamente esportista, onde apesar de todas as intempéries que envolveram seu desenvolvimento desde o descobrimento do país pelos portugueses, continua crescendo e almejando novos ares.

No Brasil-Colônia (1500-1822) [...]. As práticas esportivas ou atividades físicas praticadas pelos índios e primeiros colonizadores foram o arco e a flecha, a natação, a canoagem, as corridas, as marchas e a equitação, todas caracterizadas pelo seu utilitarismo. No caso do arco e flecha, os índios utilizavam-no para a caça, pesca e guerras. A natação, explicada pelo imenso litoral e pela grande quantidade de rios e lagos, era também um meio de sobrevivência. A canoagem, pelas mesmas razões da natação, tinha uma utilização entre os índios. As corridas eram usadas para as fugas e perseguições de animais e inimigos, enquanto que as marchas eram um dos meios das viagens dos colonizadores e dos índios. A equitação era praticada somente por algumas tribos, como os guaicurus [...]. (MARINHO apud TUBINO, 1996, p.15-16)

Porém nenhum dispositivo legal imperou no esporte até o fim do período Brasil-Colônia. De acordo com Pinto Nery (apud TUBINO, 1996, p. 16), as práticas esportivas eram desempenhadas “[...] pelos primitivos habitantes da Amazônia, cita os Manaus e os muras, que eram considerados lutadores de grande valentia e hábeis canoeiros e caçadores [...].”

Já no período Brasil-Império (1822-1889), alguns decretos e leis instituíram a prática da atividade física na formação dos cidadãos.

[...] logo em 1832, ocorreu o pronunciamento do deputado Martim Francisco Ribeiro de Andrada, que defendeu a Educação da sociedade, na comissão de Instrução da Assembléia Constituinte apresentando um projeto que recebeu uma emenda de José Mariano de Albuquerque Cavalcanti propondo um prêmio àqueles que apresentassem um plano de Educação Física, moral e intelectual. (TUBINO, 1996, p.16)

Com base neste raciocínio, entrou em vigor então a Lei nº 630 de 17/09/1851, que inclui a ginástica no currículo das escolas primárias; além de uma série de decretos subsequentes que introduziram práticas como a esgrima, a natação e a equitação na grade curricular dos cursos preparatórios das escolas militares.

Outra atividade física muito praticada no período Brasil-Império, mas neste caso específico, pelos negros, era a capoeira que, segundo Rego (apud TUBINO, 1996, p. 17-18) “[...] foi inventada com a finalidade de divertimento entre os negros escravos, mas na realidade nos momentos oportunos virava luta de verdade.”

Ainda segundo Tubino (1996, p. 17):

Numa breve análise das atividades físicas ou esportivas expressas sob a forma de práticas ou referências em documentos legais e publicações, observa-se que no Brasil-Colônia essas práticas foram resultantes das próprias condições de sobrevivência, com caráter eminentemente utilitário, sem chegar à escola, permanecendo nos hábitos dos colonizadores e índios, enquanto que no Brasil-Império, sempre na perspectiva de ensino [...].

Mas foi somente no período republicano que começaram surgir regras e introduções de diversas modalidades no Brasil, vindas da Europa. Segundo Ramos (apud TUBINO, 1996, p. 20), a implantação da Associação Cristã de Moços (ACM), instituição de caráter internacional, que visava implantar no país estágios mais adiantados da prática esportiva, foi imprescindível para que o esporte passasse a fazer parte do cotidiano dos brasileiros. Concebeu-se nesse período então o chamado esporte moderno:

O esporte moderno surgiu no século passado, na Inglaterra, concebido por Thomas Arnold, um idealista determinado a mudar o mundo e fortemente influenciado por Charles Darwin [...] A relação com Darwin poderia explicar a tentativa de Arnold de emprestar ao esporte um caráter utilitário. Ele reconhecia na sua concepção de esporte três características principais: é um jogo, é uma competição e é uma formação. As duas primeiras já caracterizavam o esporte na Antiguidade, mas para a formação o criador do esporte moderno dava um sentido diferente da visão de Platão. Enquanto Platão entendia o corpo e a alma unificados, Arnold acreditava que o corpo era um meio para a moralidade, definindo o esporte como o auxiliar do corpo. (TUBINO, 1994, p.17-18)

No Brasil, por sua vez, a tendência de profissionalização do esporte ainda parecia um tanto quanto distante, apesar de já começarem a surgir algumas competições. De acordo com Tubino (1996, p. 22), “Foi neste período que também surgiram no Brasil as principais modalidades esportivas. [...]” Nesta época, ou seja, no final do século XIX e início do século XX, surgiram os clubes de regatas, entre eles: o “Union des Conotiers”, o “Club de Regatas Fluminense”, o “Clube de Regatas Botafogo” e o “Clube de Regatas Flamengo.”

Ainda no final do século XIX e início do século XX foram introduzidos no Brasil a natação competitiva, o basquetebol, o tênis, o futebol e a esgrima. Lembra-se que a natação já era praticada nas escolas militares, mas sem caráter competitivo, apenas como prática esportiva. (TUBINO, 1996, p. 22)

Para Marinho (apud TUBINO, 1996, p. 22-23) “[...] as primeiras provas

de natação [...] ocorreram em 1898, no 1º Campeonato Brasileiro de Natação numa prova de 1.500 metros entre a Fortaleza de Villegagnon e a Praia de Santa Luzia no Rio de Janeiro.” Outras modalidades esportivas, que tiveram seus destaques no final do século XIX, foram o basquetebol e o tênis. De acordo com o conhecimento de Tubino (1996, p. 23), o basquete “[...] foi introduzido no país por August Shaw que trouxe dos Estados Unidos uma bola deste esporte iniciando sua prática no Mackenzie College de São Paulo [...].”

Já a prática do tênis “[...] começou no Brasil através do Tennis Clube Walhafa de Porto Alegre, em 1898, e em 1915 teve o seu primeiro torneio sob a direção de Liga Metropolitana de Esportes Terrestres.” (TUBINO, 1996, p. 23)

Dois fatos que merecem registro no início do esporte no Brasil são: (a) o recebimento do primeiro galardão do Comitê Olímpico Internacional, quando a Santos Dumont coube o diploma olímpico de mérito, sendo [...] a terceira personalidade mundial a recebê-lo; (b) Em 1920, a nação participava pela primeira vez de Olimpíadas, disputando os Jogos da Antuérpia, ganhando três medalhas no tiro, uma de ouro com Guilherme Paraense, uma de prata com Afranio Costa e uma bronze na competição por equipes. (RAMOS apud TUBINO, 1996, p. 24)

A participação do Brasil nas Olimpíadas de Antuérpia abriu diversas portas que facilitaram a abrangência do esporte brasileiro no cenário internacional. Segundo Tubino (1996, p. 29), “[...] o futebol [...] também tomava uma trajetória de disputas internacionais, iniciada com o Campeonato Sul-americano de Valparaíso, quando o Brasil terminou em terceiro lugar [...].” Porém, ainda conforme o autor, mesmo atingindo ares internacionais, internamente o desporto brasileiro sofria com a falta de investimento, ausência do profissionalismo, questões envolvendo o racismo e a duplicidade de entidades que dirigiam o esporte.

O jogo começou a tomar outros rumos quando entrou em vigor o decreto-lei nº 1056 de 19 de janeiro de 1939, que criou a Comissão Nacional de Desportos.

[...] com a função de estudar a problemática esportiva nacional e apresentar um plano geral para a regulamentação do esporte no Brasil, e chegou a elaborar o Código Nacional de Desportos, com um caráter nacionalista já expresso no próprio preâmbulo, para a seguir, propor logo no artigo primeiro a criação de um Conselho Nacional de Desportos, com a finalidade de orientar o esporte nacional de acordo com os princípios definidos pelo Estado para a formação física e espiritual dos brasileiros. (LYRA FILHO apud TUBINO, 1996, p. 39)

Após a criação do Conselho Nacional de Desportos, tendo como primeiro presidente João Lyra Filho, não demorou muito para a institucionalização desportiva no Brasil se tornar realidade. E assim ocorreu na década de 1940, quando três decretos de lei estabeleceram as bases organizacionais do esporte no país. Juntos, de acordo com Tubino (1996), tinham como princípio, fiscalizar e incentivar a prática esportiva no país, organizar o esporte de uma forma geral, acerca das confederações, das ligas e das associações desportivas, das competições, das medidas de proteção dos esportes, das regras, símbolos e expressões esportivas. Outra conquista adquirida por tais decretos de lei foi a separação dos assuntos pertinentes ao esporte, dos relacionados à educação física, até então, ambos eram legislados conjuntamente.

Concluindo sobre o esporte no período desde a sua institucionalização até o fim do Estado Novo, pode-se dizer que o esporte do país neste período limitou-se ao esporte institucionalizado numa perspectiva elitista e centralizadora do Estado, sem nenhuma referência que merecesse registro quanto à prática esportiva pelo povo. (TUBINO, 1996, p. 48)

Já no período compreendido pelo final do Estado Novo (1945), e o início da chamada Nova República (1985) Tubino (1996, p. 49) lembra que: o cenário esportivo passou por uma fase de esquecimento por parte das autoridades, ocorrendo apenas “[...] adaptações temporais das deliberações do Conselho Nacional de Desportos [...].”

Desta maneira:

[...] sem inovações legais e conduzido por uma perspectiva centralizadora estado-novista, o esporte brasileiro ultrapassou o final da década de 50 e a de 60, para em 1971 conseguir uma primeira reflexão sobre suas reais condições no Diagnóstico de Educação Física/Desportos no Brasil [...]. (TUBINO, 1996, p. 49)

Diante deste quadro de estagnação, houve uma inevitável retração do desporto brasileiro. “[...] o adormecimento da estrutura esportiva brasileira causou um descompasso muito grande com a própria evolução do conceito de esporte no mundo [...].” (TUBINO, 1996, p. 49)

Porém esta paralisação não foi capaz de sucumbir à paixão do brasileiro com o esporte. A movimentação esportiva brasileira prosseguiu com

competições internas e externas, inclusive, até com alguns resultados esportivos.

Entre eles:

[...] o tricampeonato de futebol em Copas do Mundo, um bicampeonato mundial basquetebol, a hegemonia mundial também no Futebol de Salão, um bicampeão olímpico extraordinário como Adhemar Ferreira da Silva, uns poucos recordes mundiais no atletismo e natação, o voleibol nacional colocando-se nas primeiras posições em campeonatos mundiais e nas Olimpíadas, tudo isto, contornando um quadro brasileiro esportivo de expressão internacional aquém das reais responsabilidades e potencialidades da nação. (TUBINO, 1996, p. 54)

Este quadro de retração política e administrativa do desporto nacional só foi revertido quando

[...] foi criada em 1983 a Comissão de Esporte e Turismo na Câmara dos Deputados, e no primeiro ano de existência promovia o Ciclo de Debates “Panorama do Esporte Brasileiro”, trazendo considerável representatividade da comunidade esportiva brasileira para discutir e apresentar sugestões sobre o esporte no país. (TUBINO, 1996, p. 49)

Além do ciclo, que vislumbrava criar bases para a instalação de um processo reformador e uma maior reflexão sobre o futuro do esporte nacional, outro movimento esportivo importante deste período foi o “Esporte para todos”, tendo como base o programa norueguês denominado *Trim*, que tinha como intuito democratizar a prática esportiva “[...] abrindo as possibilidades da busca da qualidade de vida a todos, indistintamente, e em direção contestatória ao *status quo* da época, no qual o esporte era um privilégio somente dos que tinham algum talento esportivo.” (TUBINO, 1996, p. 56, grifo do autor)

Porém estas iniciativas não foram suficientes para tirar o foco da questão esportiva apenas do esporte de alto rendimento. “[...] a lentidão de resposta pela Sociedade, chegando até um conformismo muito próprio daquele ciclo político, impediu que surgissem normas que provocassem mudanças no quadro nacional esportivo.” Por este motivo, o movimento *Esporte para Todos*, apesar do sucesso atingido, através das experiências desenvolvidas, “[...] não chegou a fornecer argumentos para impedir que a exacerbação da valorização dos resultados esportivos e da centralização da atenção a atletas de talentos prosseguisse normalmente.”

Ainda de acordo com Tubino (1996, p. 57 grifo do autor):

Na verdade, enquanto as nações mais desenvolvidas reconheciam em suas legislações específicas a existência de manifestações distintas, a partir do pressuposto do direito de todos à prática esportiva, reconhecida pela UNESCO na sua “Carta de Educação Física e Desportos”, o Brasil, continuava, pelos seus instrumentos legais e prática dos seus dirigentes esportivos, a não entender o esporte, a não ser nas manifestações ligadas ao esporte-*performance*. Este quadro somente começou a ser revisto a partir de 1985, com o rompimento do ciclo militar de governo, e a chegada de novos dirigentes na estrutura do Estado (sic) destinado a tratar das questões do esporte.

Já no início da chamada Nova República, período da história do Brasil que sucedeu a ditadura militar, uma das primeiras atitudes tomadas pelo governo acerca dos esportes foi, segundo Tubino (1996), por meio do Ministério da Educação (MEC), que passou a coordenar o Conselho Nacional de Desportos, a criação da chamada Comissão de Reformulação do Esporte brasileiro que, após ser concluída, apresentou 80 orientações que aprofundaram as mazelas da área esportiva no país.

Estas indicações foram agrupadas em seis grupos, os quais trataram especificamente: da questão da reconceituação do esporte e sua natureza; da necessidade de redefinição de papéis dos diversos segmentos e setores da sociedade e do Estado em relação ao esporte; das mudanças jurídico-desportivo-institucionais; da carência de recursos humanos, físicos e financeiros comprometidos com o desenvolvimento das atividades esportivas; da insuficiência de conhecimentos científicos aplicados ao esporte; da imprescindibilidade da modernização de meios e práticas no esporte. (TUBINO, 1996, p. 62)

A conclusão desta Comissão que foi ordenada pelo Decreto nº 91.452 de 19 de julho de 1985 e constituída por trinta membros, foi considerada por Tubino (1996), como o marco esportivo brasileiro deste período, onde o esporte e a sociedade se uniram em busca da revisão e renovação ideológica. Entre outras situações importantes expostas no relatório final, uma das mais valiosas tratava da questão da reconceituação do esporte no país: “[...] reconheceu-se que historicamente o esporte no país teve um entendimento limitado, que levou a opinião pública a vê-lo apenas na perspectiva do esporte de alta competição [...]” (TUBINO, 1996, p. 68)

Com base neste pressuposto, foi proposto pela comissão que o esporte deveria ser conceituado predominantemente como atividade física, com

ênfase no “[...] caráter formativo-educacional, participativo e competitivo, seja obedecendo às regras preestabelecidas ou respeitando normas, respectivamente em condições formais e não-formais.” (TUBINO, 1996, p. 68)

Diante destas determinações, conforme afirma Tubino (1996), ficou estabelecido que o esporte deveria ser interpretado seguindo as devidas manifestações: (a) esporte-educação; (b) esporte-participação; (c) esporte-*performance*:

O Esporte-educação deve ser entendido como aquela manifestação esportiva que ocorre, principalmente na escola, mas que pode ocorrer em outros ambientes, e que tem por finalidade o desenvolvimento integral do homem brasileiro como ser autônomo, democrático e participativo, contribuindo para a cidadania. (TUBINO, 1996, p. 68)

Já quando o assunto é Esporte-participação “[...] é aquela manifestação esportiva que abrange todas as atividades esportivas formais e não-formais., colocadas a disposição da população brasileira, e que incorporam o sentido da participação.” (TUBINO, 1996, p. 68)

Por outro lado, o esporte-*performance*, que anteriormente era o único entendimento do conceito de esporte, pode ser compreendido como aquela manifestação esportiva que envolve atividades predominantemente físicas com caráter competitivo, sob a forma de uma disputa consigo mesmo ou com outros, e exercitada segundo regras preestabelecidas aprovadas pelos organismos internacionais de cada modalidade. (TUBINO, 1996, p. 68)

Com base nestas disposições, o autor (1996) afirma que a percepção do esporte predominante atualmente na sociedade, como possibilidade de inclusão social e educacional do praticante, nasceu deste decreto, se fortaleceu através da Assembleia Constituinte em 1987, refletiu no texto da Constituição Federal elaborada em 1988 e perdura até os dias de hoje, porém se adaptando dia após dia.

5.2 Glórias Esportivas de Presidente Prudente

A capital do Oeste Paulista teve ao longo de sua história esportiva altos e baixos com mescla de diversos esportes sendo evidenciados. Sérgio Jorge Alves

(2011), jornalista e historiador, disse que, na década de 1960, a Prudentina tinha uma equipe muito forte de Basquete. Foi nela que surgiu Hortência, uma referência do basquete brasileiro.

Na mesma época, havia dois clubes de futebol na cidade, a Associação Prudentina de Esportes Atlético (Apea) e o Esporte Clube Corinthians de Presidente Prudente. As equipes, de acordo com Semensati (2011), movimentavam o esporte local.

Outros clubes fizeram parte do futebol na cidade:

A cidade de Presidente Prudente teve 6 times de futebol profissional filiados à federação Paulista de Futebol (FPF). O primeiro deles foi a Associação Prudentina de Esportes Atlético (Apea) seguida de Esporte Clube Corinthians de Presidente Prudente que, por alguns meses, chamou-se, também, Presidente Esporte Futebol Clube (PPEC). Depois vieram Presidente Prudente Futebol Clube (PPFC), Prudentino Futebol Clube e Oeste Paulista Esporte Clube (OPEC). (BACHEGA et. AL, 2008, p. 78)

Nenhum dos times teve vida longa e logo foram extintos. Recentemente a cidade recebeu seu sétimo clube com futebol profissional, o Grêmio Recreativo Barueri, que se transferiu para a cidade onde então, teve pela primeira vez na história um clube na elite do futebol paulista e simultaneamente brasileiro, além de competição internacional, no caso, com a disputa da Copa Sul-americana. Na cidade mudou-se de nome, passou para Grêmio Prudente Futebol LTDA⁵.

Fora do universo futebolístico, a cidade pode ser considerada a capital brasileira da velocidade. Para Domingos (2011), a maior conquista brasileira do atletismo em uma olimpíada saiu da cidade. Segundo ele, foi nas Olimpíadas de Sidney, em 2000, quando o revezamento 4x100 trouxe a medalha de prata. Esse trabalho veio selar um esporte que não era tão difundido no Brasil, porém, havia treinamentos em Presidente Prudente sob a coordenação de Jayme Netto Júnior, que trabalhava no curso de Educação Física da Unesp.

Quanto às transmissões esportivas na cidade, Semensati (2011) afirma que desde a década de 1970, quando iniciou sua carreira, são muito sofridas. Há pouco investimento, o que prejudica a qualidade. Para ele, a região é celeiro de

⁵ Após a conclusão deste trabalho o Grêmio Prudente voltou à cidade de Barueri, portanto, voltando a se chamar Grêmio Barueri.

talentos do esporte, mas eles vão embora. Outro detalhe apontado por ele é que o veículo esportivo sempre teve no futebol fonte de audiência e retorno, o que impedia e impede a abertura para outros esportes como natação e atletismo, por exemplo. Essa situação, Semensati (2011) diz perdura desde o início de sua carreira.

6 REDESORTE – DESENVOLVIMENTO DO SITE

6.1 Observação Sistemática de Sites Esportivos

O site Redesporte foi idealizado a partir dos estudos aprofundados nas áreas de jornalismo online e esportivo. Para a construção do *layout* e a definição da localização das páginas, foi realizada a observação sistemática de sites esportivos do Brasil e do mundo. Foram observados os sites: *Globo Esporte*, *Terra Esportes*, *ESPN* e *ESPN Brasil*, *Lance Net*, *Gazeta Esportiva*, *Esporte Interativo* e *Speed TV*.

A partir de observação de sites conceituados nos mercados nacional e internacional, e ainda, atendendo aos estudos relativos aos temas percorridos neste estudo, foram coletadas ideias para formação de um conceito, que por sua vez, originou o produto final da peça prática deste estudo. Quesitos como cores, formas, disposição dos elementos nas páginas, espaço determinado para publicidades, formas de utilização de elementos multimídia entre outros pontos foram avaliados.

No que se refere à cor, pode-se dizer que, em se tratando do esporte, o vermelho é uma escolha pertinente, por ser mais quente, ativa e estimulante. Além disso, ideias como, imagens diversas compondo um fundo com elementos esportivos também surgiram, baseadas na observação do site ESPN (internacional). Porém, esbarraram em um visual forte e de certa forma poluído. O branco foi proposto depois da observação do site *Esporte Interativo*. A aplicação do branco proporcionou um visual mais leve. A leveza do branco com o estimulante vermelho, bem como a dosagem do número de elementos na página foram propostos, também com base nas referências sobre tempo de leitura em tela, poluição visual e atendendo aos requisitos de usabilidade.

No que concerne ao tamanho das imagens, foi determinado uma mescla de fotos grandes e pequenas, de forma a quebrar os blocos grandes de texto. Isso porque pesquisas *EyeTrack* (2000, 2003, 2007) apontam que os blocos de textos menores, ou seja, com espaços intercalados por fotografias, qualquer outro elemento ou até mesmo os por áreas de arejamento (espaços em branco), são os mais lidos.

Outra preocupação durante a observação dos sites para posterior composição do *layout* do Redesporte, foi captar ideias de veículos diversos, mas compor uma personalidade própria, sem fugir excessivamente aos padrões atuais, com vistas a não confundir o internauta, apresentando-lhe um ambiente novo, porém, familiar.

6.2 Projeto Editorial Redesporte

6.2.1 Introdução

O site Redesporte foi pensado com base na necessidade de se criar um produto jornalístico que privilegiasse a divulgação de informações do esporte em Presidente Prudente, já que não havia veículo exclusivo de esporte na cidade. O Redesporte visa realizar a cobertura do esporte amador e profissional, nas mais diferentes categorias. O nome foi definido pelo grupo de pesquisadores, que após muitas reuniões e tentativas frustradas de registro de domínios já existentes, conseguiu conciliar um nome que agradasse a todos e não estivesse registrado. Atualmente o Redesporte está disponível no endereço eletrônico tcc.redesporte.com.br.

6.2.2 Objetivos

6.2.2.1 Objetivo geral

- Evidenciar a editoria de esporte em Presidente Prudente com a divulgação de informações por meio de um site.

6.2.2.2 *Objetivos específicos*

- Disponibilizar informações sobre esporte à população de Presidente Prudente sem limite de tempo e espaço em uma plataforma exclusiva da editoria esportiva;
- Trazer à tona a importância dos esportes como fonte de qualidade de vida e ferramenta de transformação social;
- Contemplar a variedade de modalidades esportivas praticadas na cidade de Presidente Prudente.

6.2.3 *Justificativa*

A cidade de Presidente Prudente possui uma ampla gama de modalidades esportivas atuando de forma amadora e profissional, mas não tem a devida divulgação, já que a imprensa local trabalha com a editoria geral em quase a totalidade de seus jornais, deixando um espaço limitado à produção e aprofundamento deste tipo de conteúdo. Neste sentido, os pesquisadores acreditam que a escolha do veículo online fundamenta-se na necessidade de ultrapassar barreiras como o tempo, espaço e disponibilidade de recursos financeiros para veiculação de notícias.

6.2.4 *Público-alvo*

O público-alvo do site Redesporte trata-se dos usuários da Internet, que estão habituados a acessar a rede quase que diariamente e que carregam consigo o amor ao esporte e a prática esportiva. O site não tem faixa etária definida, já que acredita que o produto é destinado a todas as idades.

Considerando a atual facilidade com que se tem acesso à Internet atualmente, o Redesporte procurará atingir todas as classes sociais.

6.2.5 Linha editorial

O site, embora trabalhe apenas com a editoria esporte, será dividido em outras sub-editorias que podem ser encaixadas a todos os esportes, como: atualidades, comportamento e saúde. Há também um espaço dedicado a entrevistas pingue-pongue com personalidades da área esportiva. Foi definida a criação de uma coluna social, chamada “Meio de Campo”, com o objetivo de fotografar os bastidores de eventos esportivos e as pessoas que estarão presentes nesses locais. A meta é ampliar a divulgação do site e fazer com que o público também se veja e seja parte da cobertura juntamente com atletas e eventos. Desta forma, convidando os fotografados a entrar no site para ver e baixar suas fotos. Como se trata de uma coluna social com fotografias tiradas apenas em eventos esportivos, o grupo vê a iniciativa como oportunidade, já que este público, por estar assistindo a um campeonato, gosta de esporte e vai encontrar um lugar para ler informações sobre a área.

Ainda há o espaço Rede Popular, ferramenta de interatividade que permitirá ao internauta participar da produção de conteúdo, pratica já exercida em diversos sites brasileiros e de todo o mundo. O objetivo é aumentar o número de pautas possíveis sobre o esporte. Neste local, o próprio internauta será o colaborador, enviando fotos e informações acerca do esporte. As matérias são revisadas pela equipe e corrigidas, caso apresentem erros de grafia, concordância e informação. Se tudo estiver correto, a matéria é publicada na página dedicada à produção do internauta. Se o assunto for pertinente e estiver elencado no jornalismo dentro dos valores-notícia de uma matéria, a equipe do Redesporte verá como oportunidade e vai cobrir a pauta.

Uma galeria de fotos e *podcast* (áudios gravados com entrevistados importantes ou de matérias da própria produção) completam as divisões editoriais do Redesporte.

6.2.6 Estrutura

A explicação sobre a estrutura de cada página do Redesporte está detalhada no item 6.3 deste trabalho.

6.2.7 Projeto gráfico

O projeto gráfico foi terceirizado pela publicitária Thyane Brito e pelo programador Fabricio Modafaris, porém todo o desenvolvimento do site foi conceituado e desenvolvido nos estudos de jornalismo online realizados pelos pesquisadores deste TCC.

Depois da elaboração do rafe a designer produziu e enviou a primeira prévia do layout:

A opção por usar o título como legenda, abaixo das fotos do slide da capa do site foi tomada pelos pesquisadores com base na observação de site *Globo Esporte*.



FIGURA 01: Prévia do Layout

A partir desta produção inicial, o grupo de pesquisadores começou a observar detalhes que poderiam ser melhorados. Alguns, menos importantes, outros de maior relevância como a reformulação da logomarca do veículo, conforme revela a imagem a seguir:

9 de Junho de 2011

REDESORTE

Interligando Internet e Paixão Nacional

Meio de Campo COLUNA Clique e confira quem marcou presença nos melhores eventos

Atualidades Saúde Comportamento Rede Popular Modalidades Entrevista Meio de Campo

Sobre o Redesporte

A Equipe

Erramos

Fale Conosco

enquete

Qual é a sua atitude em relação à praticar esporte no inverno?

Não pratico

Pratico pouco

A baixa temperatura não me preocupa

Responder

Crédito: Taisa Nelli



Beisebol PP

BEISEBOL

Equipes de base jogam em Prudente

AMADOR SÊNIOR

Fênix Vistorias bate o Afubesp II e segue invicto

BANCÁRIOS

Zanelato Ortodontia vence Mear e garante liderança

TERCEIRA DIVISÃO

Vila Furquim goleia Estrela Negra

FUTEBOL JUVENIL

Cerejeiras atropela Projeto Esperança

AMADOR

Pela quarta rodada, Real Madrid faz 12 a 0 no Floresta

Galeria de Imagens

Confira as últimas galerias do Redesporte

Para Ouvir

Acesse a lista de Podcast do Redesporte

Entrevista

Confira a trajetória do técnico de Beisebol Erick Mendes

REDE POPULAR

Envie agora suas fotos e notícias. Clique aqui

ESPAÇO PUBLICITÁRIO

ESPAÇO PUBLICITÁRIO

ESPAÇO PUBLICITÁRIO

FIGURA 02: Site Redesporte Reformulado.

6.2.8 Recursos técnicos

Até o presente momento, os equipamentos utilizados para o desenvolvimento do trabalho no site foram emprestados da universidade e dos próprios pesquisadores. No entanto, para que o site continue no ar em caráter definitivo, serão necessários três *notebooks* com acesso à Internet móvel e softwares de edição de imagens, três computadores equipados com software de edição de imagens, três câmeras fotográficas profissionais, três lentes maiores para substituição e ainda três gravadores e três pen-drive.

6.2.9 Recursos financeiros

Os recursos financeiros investidos previamente consistem em R\$ 30,00 para o registro do domínio do site www.redesporte.com.br. Logo em seguida o investimento de R\$ 1.200,00 para a programação. O site ganhará seis meses de hospedagem grátis. Após este período, será cobrado um valor de R\$ 30,00 mensais para a hospedagem em algum servidor.

6.2.10 Recursos humanos.

O Redesporte.com conta com uma equipe formada por sete componentes. São eles: Eriberto Margarizo, editor geral; Tiago Rodrigues, editor executivo; Jean Ramalho, repórter; Rubens Ramos, repórter fotográfico; Taisa Nelli responsável pelo departamento tecnológico, José Bonifácio Gallindo repórter e colunista e a professora universitária Carolina Costa Mancuzo, jornalista responsável e orientadora do projeto.

6.3 O Redesporte Página a Página

A página inicial do Redesporte é composta por um menu horizontal, separados nas editorias de Atualidades, Saúde, Comportamento, Rede Popular, Meio de Campo e Modalidades. A *Home* também apresenta um menu vertical, onde estão localizadas informações sobre *A equipe*, *Fale Conosco*, *Sobre o Redesporte*, *Erramos* e *Enquete*. O slide central reserva espaço para fotografias rotativas em destaque. A manchete dessas fotografias aparece logo abaixo. A lateral esquerda é reservada a reportagens, enquanto no rodapé estão a *Galeria de Imagens*, *Podcast*, e outros dois espaços de chamadas, no formato de banner, reservados para os assuntos que mais se destacarem no site naquele dia.

9 de Junho de 2011

REDESORTE

Interligando Internet e Paixão Nacional

Meio de Campo COLUNA Clique e confira quem marcou presença nos melhores eventos 

Atualidades Saúde Comportamento Rede Popular **Modalidades** Entrevista Meio de Campo

Sobre o Redesporte

A Equipe

Erramos

Fale Conosco

enquete

Qual é a sua atitude em relação à praticar esporte no inverno?

Não pratico

Pratico pouco

A baixa temperatura não me preocupa

[Responder](#)

Crédito: Taisa Nelli



Beisebol PP

BEISEBOL

Equipes de base jogam em Prudente

Futebol

Karatê

Beisebol

Natação

Basquete

Vôlei

Jiu-Jitsu

AMADOR SÊNIOR

Fênix Vistorias bate o Afubesp II e segue invicto

BANCÁRIOS

Zanelato Ortodontia vence Mear e garante liderança

TERCEIRA DIVISÃO

Vila Furquim goleia Estrela Negra

FUTEBOL JUVENIL

Cerejeiras atropela Projeto Esperança

AMADOR

Pela quarta rodada, Real Madrid faz 12 a 0 no Floresta

Galeria de Imagens

Confira as últimas galerias do Redesporte

Para Ouvir

Acesse a lista de Podcast do Redesporte

Entrevista

Confira a trajetória do técnico de Beisebol Erick Mendes

REDE POPULAR

Envie agora suas fotos e notícias. [Clique aqui](#)

ESPAÇO PUBLICITÁRIO **ESPAÇO PUBLICITÁRIO** **ESPAÇO PUBLICITÁRIO**

FIGURA 03: Site Redesporte, Página Inicial.
Fonte: redesporte.com.br

A editoria atualidades é destinada aos assuntos factuais de qualquer modalidade, sempre trazendo as últimas notícias e resultados de competições, ou seja, privilegiando as notícias mais recentes.

9 de Junho de 2011

REDESPORTE

Interligando Internet e Paixão Nacional

COLUNA
Meio de Campo

Clique e confira quem marcou presença nos melhores eventos

Atualidades Saúde Comportamento Rede Popular Modalidades Entrevista Meio de Campo

Sobre o Redesporte
A Equipe
Erramos
Fale Conosco

enquete

Qual é a sua atitude em relação à praticar esporte no inverno?

Não pratico
 Pratico pouco
 A baixa temperatura não me preocupa

Responder

Atualidades

Comentários 0

COINCIDÊNCIA - 06/06/2011 - Atualizado em 07/06/2011 12:07

Equipes Sub-11 e Sub-13 do PPFC vencem Rio Preto pelo Paulista

Por: Jean Ramalho

Crédito: Jean Ramalho



Em duas partidas muito parecidas, o Presidente Prudente Futebol Clube sub-11 e sub-13, venceram as equipes de São José do Rio Preto pelo placar de 1 a 0 no último domingo (05/06) no Estádio do Prudentão, partidas válidas pelo Campeonato Paulista das respectivas categorias.

O primeiro jogo entre PPFC e Rio Preto Sub-11, que estava marcado para às 9h00 da manhã, começou com um atraso de 30 minutos devido a falta de um médico no campo.

O jogo teve início com a equipe de Rio Preto levando perigo a meta prudentina, porém em um contra ataque, aos 15 minutos do primeiro tempo o PPFC abriu o marcador. Placar que se estendeu até o final da partida.

No embate entre as equipes sub-13, o desenrolar da partida foi coincidentemente o mesmo que dos times sub-11. O jogo começou pegado, com ambas as equipes cometendo muitas faltas, o Rio Preto permanecia desde o início com a posse de bola quando, também aos 15 do primeiro tempo, em contra ataque o Prudente assinalou o primeiro tento. A equipe rio-pretense continuou pressionando, porém sem sucesso.

Crédito: Jean Ramalho



FIGURA 04: Site Redesporte, Atualidades.
Fonte: redesporte.com.br

Já a editoria Saúde limita-se a tratar temas relativos ao esporte voltado à saúde dos internautas, com dicas que vislumbrem o esporte como fonte de qualidade de vida.

9 de Junho de 2011

REDESORTE

Interligando Internet e Paixão Nacional

COLUNA
Meio de Campo

Clique e confira quem marcou presença nos melhores eventos

Atualidades Saúde Comportamento Rede Popular Modalidades Entrevista Meio de Campo

Sobre o Redesporte
A Equipe
Erramos
Fale Conosco

enquete
Qual é a sua atitude em relação à praticar esporte no inverno?

Não pratico
 Pratico pouco
 A baixa temperatura não me preocupa

Responder

Saúde

Comentários 1

MUSCULAÇÃO - 31/05/2011 - Atualizado em 31/05/2011 22:52

Exercício bom, mas requer cautela, dizem especialistas

Por: Taisa Nelli e Tiago Rodrigues

Crédito: Taisa Nelli



A vontade de ficar com o corpo "sarado" e "malhado" pode ocasionar sérias lesões, caso a musculação, que é o meio para se conseguir esta fase física no corpo, seja feita de forma incorreta.

Para ajudar os esportistas iniciantes, o **Redesporte** buscou orientações precisas que ajudarão você a praticar musculação de forma adequada, sem riscos de lesões. As dicas servem também como convite àqueles que têm uma vida sedentária.

O personal trainer Thiago Fiorini recomenda logo de início, principalmente para quem é sedentário, uma avaliação física antes dos exercícios. Já na parte prática, "é necessário ter muito cuidado e atenção a cada exercício físico realizado na musculação. Por exemplo, muitos alunos não dão o descanso necessário para o músculo, as vezes não dão atenção as dores que possam vir a sentir. E também aqueles que trabalham com frequência cardíaca mais alta do que o normal para um exercício de corrida, ou outro aeróbico que seja".

Quanto a importância da avaliação física, Fiorini é claro ao dizer que através dela se verifica o quanto a pessoa pode fazer o exercício, e como deve começar, se apresentar. "Algum problema, ou alguma dor, cada caso, cada pessoa, terá um treinamento diferente e específico, assim trocando. O aquecimento cerca de 10 minutos antes de iniciar a musculação é fundamental. O alongamento deve ser feito antes e depois da atividade para evitar as lesões", explica.

Crédito: Taisa Nelli

FIGURA 05: Site Redesporte, Saúde.
Fonte: redesporte.com.br

O espaço reservado aos assuntos comportamentais visa tratar o tema esportivo como parte da vida das famílias e das pessoas individualmente.

9 de Junho de 2011

REDESORTE

Interligando Internet e Paixão Nacional

Meio de Campo COLUNA

Clique e confira quem marcou presença nos melhores eventos

Atualidades Saúde Comportamento Rede Popular Modalidades Entrevista Meio de Campo

Sobre o Redesporte

A Equipe

Erramos

Fale Conosco

enquete

Qual é a sua atitude em relação à praticar esporte no inverno?

Não pratico

Pratico pouco

A baixa temperatura não me preocupa

Responder

Comportamento

Comentários 1

BELEZA - 23/05/2011 - Atualizado em 30/05/2011 10:10

Destaque do Jiu-Jitsu prudentino revela lado vaidoso do esporte feminino

Por: Eriberto Margarizo

Ela passa de fera a gata, em poucos minutos. Enquanto está no tatame é uma fera e costuma detonar as adversárias por onde passa. Já fora dele, os cuidados com a beleza não podem ser deixados de lado.

Vice-campeã brasileira com vaga garantida para o mundial, Aline Medeiros revela o lado vaidoso no esporte feminino. A competidora acredita que o fato de ser mulher intimida um pouco os homens. "Há pessoas acham que pelo fato de ser mulher que luta, pode ser agressiva ou algo do gênero. Mas uma mulher pode ser sim, boa e agressiva no tatame e muito feminina e meiga, fora dele. Basta separar bem seus objetivos", comenta.

No entanto, Aline revela que há algumas restrições, como por exemplo, o comprimento das unhas. "Dá para deixá-las em um tamanho legal, que não te prejudique e nem machuque sua adversária. Me cuido muito, principalmente das mãos e dos pés, os quais faço semanalmente. Não entro numa competição sem estar com minhas unhas feitas e esmaltadas. Não sou 'patricinha' mas adoro esmalte rosa", brinca e explica: "Acredito que o esmalte rosa me dá sorte".

Quanto ao assédio dos garotos nas competições, Aline conta que sempre existe, mas que em competições o foco são as lutas. "Eu sempre relevo, converso numa boa. Adoro fazer amizades, conhecer pessoas diferentes, mas sempre a prioridade é competir e assistir outras lutas. Principalmente das mais graduadas, como forma de aprendizado. Sou legal, mas forçou a barra, não dá", emenda.

Segundo a competidora um dos segredos para obter resultados expressivos é ouvir músicas mais agitadas, como o rock ou som de balada. "Isso me deixa agitada para encarar as lutas".

Crédito: Cedida/Arquivo Pessoal



FIGURA 06: Site Redesporte, Comportamento.
Fonte: redesporte.com.br

O *Rede Popular* foi desenvolvido para a veiculação de material dos leitores. Há um local específico para efetivação de cadastro onde em seguida podem enviar fotos, informações ou dicas de assuntos a serem tratados pela equipe do Redesporte. O objetivo é ter uma ferramenta de interatividade onde os leitores podem escrever suas matérias e vê-las publicadas neste espaço, após aprovada pela equipe do site. O importante nesta página é que, como é feito no jornalismo online, a participação dos leitores auxilia também na busca por pautas na cidade.

9 de Junho de 2011

REDESPORTE

Interligando Internet e Paixão Nacional

Meio de Campo COLUNA

Clique e confira quem marcou presença nos melhores eventos

Atualidades Saúde Comportamento Rede Popular Modalidades Entrevista Meio de Campo

Sobre o Redesporte
A Equipe
Erramos
Fale Conosco

enquete

Qual é a sua atitude em relação à praticar esporte no inverno?

Não pratico
 Pratico pouco
 A baixa temperatura não me preocupa

Responder

Rede Popular

Crédito: Carlos Alberto

FOLGA
Amistoso de futebol faz a diversão no final de semana de time Prudentino

Seja você também um redator!
Escreva e nos envie sua matéria.

APROVADOS
São Paulo monitora quatro atletas da região

FUTEBOL
Time de Indiana se prepara para o Campeonato Amador

MARTINÓPOLIS
Veja os resultados dos Jogos Abertos da Juventude

TATAME
Judô de Martinópolis conquista bronze em campeonato

© Copyright 2011 - Todos os direitos reservados
Melhor visualizado em 1024px / 768px

FIGURA 07: Site Redesporte, Rede Popular.
Fonte: redesporte.com.br

exemplo. Depois, com o aumento da demanda de notícias por outros esportes, as modalidades aumentaram e podem ser aumentadas sempre pelo sistema, conforme a necessidade. O objetivo é organizar as informações por esporte, para aqueles que querem ler apenas sobre determinada modalidade.

9 de Junho de 2011

REDESPORTE

Interligando Internet e Paixão Nacional

Meio de Campo COLUNA

Clique e confira quem marcou presença nos melhores eventos

Atualidades Saúde Comportamento Rede Popular **Modalidades** Entrevista Meio de Campo

Sobre o Redesporte

A Equipe

Erramos

Fale Conosco

enquete

Qual é a sua atitude em relação à praticar esporte no inverno?

Não pratico

Pratico pouco

A baixa temperatura não me preocupa

Responder

Crédito: Taisa Nelli

Futebol

Karatê

Beisebol

Natação

Basquete

Vôlei

Jiu-Jitsu

Beisebol PP

BEISEBOL

Equipes de base jogam em Prudente

AMADOR SÊNIOR

Fênix Vitorias bate o Afubesp II e segue invicto

BANCÁRIOS

Zanelato Ortodontia vence Mecar e garante liderança

TERCEIRA DIVISÃO

Vila Furquim goleia Estrela Negra

FUTEBOL JUVENIL

Cerejeiras atropela Projeto Esperança

AMADOR

Pela quarta rodada, Real Madrid faz 12 a 0 no Floresta

Galeria de Imagens

Confira as últimas galerias do Redesporte

Para Ouvir

Acesse a lista de Podcast do Redesporte

Entrevista

Confira a trajetória do técnico de Beisebol Erick Mendes

REDE POPULAR

Envie agora suas fotos e notícias. [Clique aqui](#)

ESPAÇO PUBLICITÁRIO **ESPAÇO PUBLICITÁRIO** **ESPAÇO PUBLICITÁRIO**

FIGURA 09: Site Redesporte, Modalidades.
Fonte: redesporte.com.br

Passando ao menu vertical, encontra-se a opção Sobre o Redesporte, onde os pesquisadores relatam como surgiu o site e a missão do veículo.

9 de Junho de 2011

REDESPORTE

Interligando Internet e Paixão Nacional

COLUNA
Meio de Campo

Clique e confira quem marcou presença nos melhores eventos

Atualidades Saúde Comportamento Rede Popular Modalidades Entrevista Meio de Campo

Sobre o Redesporte

A Equipe

Erramos

Fale Conosco

enquete

Qual é a sua atitude em relação à praticar esporte no inverno?

Não pratico

Pratico pouco

A baixa temperatura não me preocupa

Responder

Sobre o Redesporte

O site **Redesporte.com.br** surgiu de um TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) desenvolvido por seis alunos da Facopp (Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente), da Unoeste (Universidade do Oeste Paulista).

O fato de se tratar de um estudo científico conferiu ao projeto doses fartas de aprofundamento nos conhecimentos pertinentes e planejamento durante o longo percurso até a conclusão da peça teórica e da instalação definitiva do site noticioso. Para tanto, durante seis meses, entre janeiro e junho de 2011, os discentes se aprofundaram nas literaturas acerca de Jornalismo Online e Esportivo, sempre orientados de perto pela jornalista e professora universitária Carolina Costa Mancuzo.

O grupo de discentes é formado por Eriberto Margarizo Purga, Jean Ramalho Galino, José Bonifácio Gallindo, Rubens Barbosa Ramos, Taisa Gomes Nelli e Tiago Evandro Rodrigues, estudantes de jornalismo que se formam em junho de 2011.

Apesar de o Redesporte ter nascido como peça exigida pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) para formação superior, desde o início o grupo vislumbrava ultrapassar as barreiras acadêmicas e disponibilizar à comunidade prudentina um veículo que valorizasse as diversas modalidades esportivas praticadas na cidade, sem limite de tempo e espaço, enfatizando sempre a prática esportiva como instrumento gerador de saúde e transformação social.

O projeto se concretizou e o sonho agora é realidade. Para a equipe, é um prazer imenso poder dividir essa alegria com você. Seja bem vindo ao **Redesporte.com.br**, e não se esqueça: Volte sempre!

FIGURA 10: Site Redesporte, Sobre o Redesporte.

Fonte: redesporte.com.br

A opção Erramos é destinada a possíveis erros de reportagem, edição, apuração e até mesmo de sistema, para que o internauta se informe caso encontre alguém problema no site e para estimulá-lo a escrever quando encontrar erros.



FIGURA 11: Site Redesporte, Erramos.
Fonte: redesporte.com.br

O Fale Conosco oferece a oportunidade de o internauta se comunicar com a equipe do Redesporte, preenchendo o formulário, seja qual for o assunto ou o objetivo do leitor.

9 de Junho de 2011

REDESPORTE

Interligando Internet e Paixão Nacional

Meio de Campo COLUNA

Clique e confira quem marcou presença nos melhores eventos

Atualidades Saúde Comportamento Rede Popular Modalidades Entrevista Meio de Campo

Sobre o Redesporte

A Equipe

Erramos

Fale Conosco

enquete

Qual é a sua atitude em relação à praticar esporte no inverno?

Não pratico

Pratico pouco

A baixa temperatura não me preocupa

Responder

Fale Conosco

Agradecemos pelo seu interesse na Redesporte.
Para entrar em contato conosco, preencha o formulário abaixo:

Nome Completo:

E-Mail:

Cidade / UF: SP

Fone:

MENSAGEM

CÓDIGO DE SEGURANÇA

Digite o código abaixo:

d8dc2

Confirmar

FIGURA 12: Site Redesporte, Fale Conosco.
Fonte: redesporte.com.br

A Equipe é o item do menu vertical que apresenta a equipe de pesquisadores do Redesporte de forma descontraída, característica do esporte. Nesta página há uma fotografia feita em estúdio com todos vestidos com roupas ligadas a diferentes esportes. Além disso, traz um mini-currículo individual de cada integrante, acompanhado de um retrato. Neste míni-currículo, os pesquisadores optaram por externar ao público usuário do site seus respectivos times de futebol. Partindo da premissa que em um país onde o esporte gira em torno do futebol, como foi visto no corte teórico desta pesquisa, um jornalista pode expor sua preferência,

pois a simples omissão ou negação desta informação geraria uma quebra de credibilidade ao veículo, acreditam os autores deste projeto. Isto não implica na parcialidade da cobertura de um campeonato, já que antes de estarem no local como torcedores, estão ali como profissionais do jornalismo, que prezam pela verdade e imparcialidade de uma cobertura.

Devido a ausência de literatura que aborde este tema, os pesquisadores chegaram a tais conclusões na prática, com as visitas realizadas as grandes redações esportivas de São Paulo.



9 de Junho de 2011

REDESORTE

Interligando Internet e Paixão Nacional

Meio de Campo COLUNA

Clique e confira quem marcou presença nos melhores eventos

Atualidades Saúde Comportamento Rede Popular Modalidades Entrevista Meio de Campo

A Equipe

Sobre o Redesporte

A Equipe

Erramos

Fale Conosco

enquete

Qual é a sua atitude em relação à praticar esporte no inverno?

Não pratico

Pratico pouco

A baixa temperatura não me preocupa

Responder

Uma equipe de peso, que vai trazer notícias fresquinhas do esporte prudentino. Conheça a história de cada um:

FIGURA 13: Site Redesorte, A Equipe.
Fonte: redesorte.com.br

Uma equipe de peso, que vai trazer notícias fresquinhas do esporte prudentino. Conheça a história de cada um:



ERIBERTO MARGARIZO PURGA

Jornalista em formação. Praticante de boxe e corredor de rua. Um cara versátil, que transitou em mais de uma dúzia de empregos antes de ingressar no jornalismo e, como ele mesmo diz, com um desempenho bastante satisfatório de suas funções. Por três anos foi repórter de impresso e, ao mesmo tempo, passou dois anos em veículo online. Tudo isso já sentado nos bancos da universidade. Com o Redesporte aliou as duas paixões: jornalismo e esporte.



JEAN CARLOS GALINO RAMALHO

Jornalista em formação. Palmeirense por herança paterna. Mas o amor pelo Palmeiras veio mesmo em 1993, aos cinco anos, com o título paulista contra o Corinthians. Apaixonado pelo mundo, aficcionado por aqueles que ama e responsável por tudo aquilo que cativa. Não necessariamente nesta ordem! Porém, com o ego em evidência. Esportista, só de brincadeira, a paixão de fato é por informar sobre esportes. Ao trabalho vamos nessa, que segue o jogo!



JOSÉ BONIFÁCIO GALLINDO

Jornalista em formação. Com 76 anos, não se intimida com os desafios da profissão. Ele afirma que "pra aprender não tem idade". Outro motivo que o levou aos bancos da faculdade foi a vontade de saber escrever e transmitir às pessoas experiências que viu e viveu. Como esportista, treinava boxe e jogava vôlei na escola de recruta. Foi policial militar por 32 anos 2 meses 9 dias, entre várias outras funções que exerceu. Torcedor de futebol é fanático mesmo pela seleção brasileira.



RUBENS RAMOS

Jornalista em formação. Cristão-protestante. Pantaneiro, nascido em Cassilândia, interior do MS. Mesmo em outro Estado, seu time é o São Paulo de corpo e alma! Desde criança pratica esportes, o preferido é o futebol, mas também ama esportes radicais. Sobre experiências profissionais, trabalhou em diversas funções. No jornalismo, ama fazer imagens, estáticas ou em movimento. Trabalha em busca de se tornar o profissional da imagem. Aqui, da imagem do esporte.



TAISA NELLI

Jornalista em formação. Faixa preta em Karatê, que pratica desde os cinco anos. Viaja o mundo em competições. Profissionalmente, já atua como assessora de imprensa da CBK (Confederação Brasileira de Karatê). É uma apaixonada por esporte, tanto que conhece todos dos bastidores da Fórmula 1. Jornalismo e esporte pra ela? Não haveria união mais completa e é por isso, que não se intimida em ser a única integrante feminina neste time de profissionais do Redesporte.



TIAGO RODRIGUES

Jornalista em formação. Praticante de futebol desde os 12 anos. Um apaixonado convicto pelo veículo rádio. Iniciou a carreira de comunicador com 15 anos em uma rádio de Indiana, interior de São Paulo. É locutor formado pelo Senac. Aos 19 anos foi a voz padrão de uma grande empresa do varejo brasileiro. Passou por diversas rádios e atualmente é estagiário de uma emissora de TV. Nunca deixou de lado a paixão que veio em seu DNA paterno: o Santos F.C.

FIGURA 14: Site Redesporte, Página Inicial.
Fonte: redesporte.com.br

O espaço dedicado às fotografias rotativas fica no centro da *Home* e tem objetivo de atrair os leitores para o assunto, por meio das melhores imagens disponíveis. A rotatividade transmite uma sensação de movimento e também atrai a atenção de quem visualiza a página.

A lateral direita da página principal contém chamadas de notícias sem fotos. Cada chamada é dotada de chapéu e título da matéria.

Já no rodapé da *Home*, da esquerda para a direita, existe a Galeria de Imagens. Nela o internauta pode ver mais fotos de alguma reportagem. Por exemplo, ter acesso a mais fotos de uma partida de futebol que acabara de ler a reportagem. O link que possibilita migrar da reportagem para a Galeria encontra-se no final da matéria.

9 de Junho de 2011

REDESPORTE

Interligando Internet e Paixão Nacional

Meio de Campo COLUNA

Clique e confira quem marcou presença nos melhores eventos 

Atualidades Saúde Comportamento Rede Popular Modalidades Entrevista Meio de Campo

Galeria de Imagens

Total: 11 | Página 1/1

08 de Junho de 2011
Adrenalina na veia
visualizar as fotos »

24 de Maio de 2011
Seleção Brasileira de Karatê em treinos preparatórios para o campeonato Pan-Americano
visualizar as fotos »

21 de Maio de 2011
Jogos abertos da juventude
visualizar as fotos »

17 de Maio de 2011
Skatistas de Presidente Prudente
visualizar as fotos »

17 de Maio de 2011
Treinamentos do Beisebol
visualizar as fotos »

17 de Maio de 2011
Treino da Seleção Brasileira de Karatê
visualizar as fotos »

07 de Maio de 2011
Aviashow
visualizar as fotos »

Sobre o Redesporte
A Equipe
Erramos
Fale Conosco

enquete
Qual é a sua atitude em relação à praticar esporte no inverno?

Não pratico
 Pratico pouco
 A baixa temperatura não me preocupa

Responder 

FIGURA 15: Site Redesporte, Galeria de Imagens.
Fonte: redesporte.com.br

Ao lado da Galeria de Imagens, nos banners, localiza-se o espaço destinado a *Podcasts*, com áudios que possuam declarações importantes. Ainda no quesito *podcast*, o Redesporte tem como voz padrão para vinhetas de abertura o locutor do Clube da Voz, Bob Floriano.



FIGURA 16: Site Redesporte, Podcast.
Fonte: redesporte.com.br

Na sequência encontram-se dois espaços, reservados para destaques e a equipe julgar mais importante. Neles, há possibilidade de ressaltar algum assunto, independente da editoria. Os pesquisadores tratam as lacunas como coringas.

As reportagens são dotadas de opção de comentário, onde os internautas poderão se expressar após tomar conhecimento de algum assunto através da leitura das matérias.

The screenshot displays the Redesporte website interface. At the top, the date is 9 de Junho de 2011. The main header features the Redesporte logo with the tagline 'Interligando Internet e Paixão Nacional'. A navigation bar includes links for 'Atualidades', 'Saúde', 'Comportamento', 'Rede Popular', 'Modalidades', 'Entrevista', and 'Meio de Campo'. A search bar is located on the right side of the navigation bar. Below the navigation bar, there is a sidebar on the left with links for 'Sobre o Redesporte', 'A Equipe', 'Erramos', and 'Fale Conosco'. The main content area shows a news article titled 'Cerejeiras atropela Projeto Esperança' under the 'Atualidades' section. The article is dated 05/06/2011 and was updated on 07/06/2011 at 11:59. Below the article title, there is a 'Comentários' section showing 'Total: 0' comments. To the right of the article, there is a 'Insira seu comentário:' form with fields for 'Nome:', 'E-Mail:', and 'Cidade:' (with a dropdown menu set to 'SP'). Below the form is a large text area for the comment and a 'Confirmar' button. A 'Voltar' button is also visible in the top right corner of the article area.

FIGURA 17: Site Redesporte, Comentários.
Fonte: redesporte.com.br

7 MEMORIAL DESCRITIVO

O presente (TCC) começou com muitas peculiaridades, desde a formação dos grupos no pré-projeto, ainda no sétimo termo. Um dos integrantes do grupo inicial deixou a equipe e houve uma fusão com outro grupo de pesquisadores. O que a princípio parecia um problema foi utilizado para reforçar ainda mais a equipe, servindo inclusive de motivação.

O final do ano de 2010 chegou e, apesar da correria, ocasionada tanto pelo tempo curto decorrente da fusão dos grupos, quanto pela complexidade do tema escolhido, alguns professores sugeriram que fosse desenvolvido um piloto do site e que a implantação ocorresse apenas após a banca de defesa pública.

Após a aprovação do projeto de implantação do site, as férias chegaram. Uma orientação antes de entrar de férias serviu para encaminhar o grupo acerca das atividades e leituras que deveriam ser feitas durante o período para agilizar todo processo na volta às aulas.

A distância entre os integrantes do grupo gerou neste momento certa solidão e apatia nos pesquisadores. Alguns leram mais livros, outros menos. Imprevistos surgiram ainda no momento de encontrar e adquirir algumas obras. Alguns eram encontrados facilmente na Internet, livres para *download*, outros foram comprados e por isso demoravam entre uma semana e quinze dias para chegar, fato que também contribuiu para dificultar um pouco o andamento do trabalho. Os reflexos desses contratempos começaram a surgir nas primeiras orientações. Ainda no início do desenvolvimento do projeto, ou seja, dos primeiros encontros com a orientadora era sabido que grupo estava atrasado. Além dos prazos estabelecidos, os pesquisadores tinham outro problema: adiantar os prazos tendo conhecimento da escolha de um tema complexo, o desenvolvimento de um site.

No entanto, a identificação com o tema proposto, a união da equipe, bem como a tranquilidade diante das dificuldades, foi primordial para recuperar o tempo perdido. Reuniões em grupo eram marcadas na casa da Taisa Nelli aos domingos. Tardes e noites inteiras dedicadas ao trabalho, leitura, fichamentos e tudo ainda parecia muito distante. Algo estava errado. Definitivamente os pesquisadores notaram que o trabalho era constante, mas os resultados embora satisfatórios, insuficientes para quem desejava colocar a agenda e as tarefas em sincronia, ou

seja, recuperar o tempo perdido e entrar novamente no prazo determinado para cada tarefa.

Estava lançado um novo desafio. Como aumentar os resultados se utilizando-se do mesmo tempo de trabalho, sem pensar na possibilidade de deixar que isso influenciasse na qualidade do material? A princípio a equipe traçava metas para a semana, tempo de intervalo entre uma orientação e outra, contudo a preocupação com prazo ocasionou uma queda drástica na qualidade do produto final. Era hora de repensar e mudar novamente a estratégia. Foi então necessário organizar três frentes de trabalho, atuando ao mesmo tempo em espaços diferentes. A ideia de trabalhar em conjunto não era ruim, já que todos podiam contribuir com críticas e sugestões. Acontece que, naquele momento, houve a necessidade de mudar. A partir da nova estratégia, o desenvolvimento do trabalho melhorou e deu tranquilidade para que os pesquisadores continuassem a imergir nos estudos sobre o jornalismo esportivo online.

Quanto ao nome do produto, é válido ressaltar a dificuldade para escolher um que agradasse a todos e ao mesmo tempo não tivesse sido registrado ainda. Surgiram diversos nomes, no entanto, agradou a maioria o “Arena Esportiva.” Depois de apegarem-se ao nome, inclusive bolar ideias de colunas a partir dele, veio a decepção. O nome já estava registrado, e por ironia do destino o site não estava sendo utilizado, nem mesmo estava no ar, ou seja, alguém registrou, mas não implantou. Eis que surgiu então Redesporte. Assim como o Arena Esportiva, o Redesporte conquistou os pesquisadores e foi registrado, dando nome ao veículo esportivo online.

Nem bem o grupo saía de uma “turbulência” e já tinha um desafio pela frente. Tratava-se de uma viagem para a capital do Estado de São Paulo, com objetivo de conhecer as redações dos maiores veículos esportivos online do país, entrevistar os editores responsáveis e por estes veículos e jornalistas pioneiros no ramo.

A viagem marcada para dia 25 de março reservava em seu itinerário uma entrevista com André Rosa, jornalista e um dos idealizadores do gazetaesportiva.net e atualmente docente da Faculdade UniSant’Anna de São Paulo, e no mesmo dia, uma entrevista com Ricardo Capriotti, da TV Bandeirantes. Já o domingo (27/03) foi reservado para visita à Rádio e TV Bandeirantes, em busca

de aprofundar os conhecimentos através de entrevista com o jornalista esportivo e apresentador Milton Neves, fundador do site Terceiro Tempo. Ainda no domingo os pesquisadores passaram a tarde na redação do Lancenet.com, onde entrevistaram o editor Bruno Andrade e acompanharam todo o processo de produção e divulgação das informações. Na segunda-feira (28/03), eram previstas visitas à gazetaesportiva.net no período da manhã e redação da Jovem Pan Online à tarde.

Nesta etapa do trabalho o grupo de seis integrantes se dividiu. Taisa Nelli, José Gallindo e Rubens Ramos ficaram em Presidente Prudente trabalhando na produção de reportagens para a peça prática e se aprofundando na bibliografia pertinente. Enquanto isso, Eriberto Margarizo, Jean Ramalho e Tiago Rodrigues seguiram para a capital em busca do material que serviu de suporte na produção de capítulos como de jornalismo esportivo, por exemplo.

O trio partiu de Presidente Prudente na sexta-feira (25/03) às 23h, munidos de pautas, roteiros de entrevistas e de caminhos para se locomover com agilidade, afinal em muitas ocasiões os compromissos marcados para os períodos de manhã e tarde não coincidiam de ser próximos. A chegada a São Paulo ocorreu às 6h da manhã de sábado. De mochila nas costas seguiram para o hotel Fórmule 1, onde se preparariam para entrevista com André Rosa, marcada para as 9h da manhã no próprio hotel. Como não havia sido feita reserva, os três discentes ficaram na rua e então teve início uma briga contra o relógio e contra o bolso. A diária atrativa do hotel caiu por terra. De hotel em hotel foram constatando a dificuldade de encontrar um lugar disponível e com preço acessível. Com muita dificuldade e já atrasados para o primeiro compromisso na capital, o trio chegou ao Carillon Plaza Hotel, que apesar do nome impactante e da fachada imponente, tinha preço acessível, além de ser bem simpático. A diária de R\$ 190,00 levou o dinheiro da alimentação e outras regalias, porém o grupo estava devidamente instalado. Fechado as reservas por dois dias no estabelecimento, estava decretado racionamento na alimentação. Os pratos *à la cartes* eram divididos e apesar de não se faltar de comida, foram suficientes.

A entrevista com André Rosa, que havia sido marcada para o Hotel Fórmule 1, foi realizada na Livraria Cultura, no centro de São Paulo e bem próximos da rua Bela Cintra, onde os prudentinos estavam hospedados, por sugestão do próprio entrevistado. O papo começou tarde, por volta das 11h e se prolongou com

as inúmeras histórias e experiências relatadas pelo jornalista. Apenas às 14h foi finalizada a entrevista, ou seja, já estavam atrasados para a entrevista com Ricardo Capriotti às 14h30 na TV Bandeirantes. De ônibus seria inviável. As linhas do Metrô ainda não passam próximos à emissora. André então sugeriu um táxi, mas como foi relatado anteriormente, regalias estavam cortadas com o imprevisto do aumento no valor da diária no hotel. Se pegassem o táxi ficariam sem dinheiro para o transporte de metrô e ônibus para outros quatro compromissos (Gazeta, Lance, Bandeirantes e Jovem Pan). A saída menos prejudicial ao grupo e, conseqüentemente, ao resultado final do material, foi desistir desmarcar a entrevista daquele dia. No 10º andar do Carillon, decuparam entrevistas, baixaram fotos, carregaram baterias e já se informaram pela Internet sobre os melhores caminhos e conduções a tomar para chegar a tempo nos compromissos de domingo e segunda. Através do Google *Earth* identificavam os endereços e buscavam pontos de referência. Depois ligavam no serviço de informações e anotavam endereços dos pontos de ônibus ou estações do metrô.

Domingo, às 6h da manhã, o despertador soou, sinal de que estava na hora de se programar para a entrevista com Milton Neves na Band, às 9h da manhã. Mesmo tendo se programado para chegar no tempo certo, os imprevistos começaram a aparecer logo ao tentarem pegar o ônibus para o bairro Morumbi. O fato é que, os pesquisadores não encontravam a Avenida 9 de julho, visualizada na ferramenta do Google. Depois de alguns minutos perguntando e procurando, descobriram em um posto policial que a avenida era subterrânea. Superado esse irreverente obstáculo, chegaram a Bandeirantes. Conversaram pouco com Milton Neves nos intervalos de sua programação na Rádio Bandeirantes. O jornalista falou pouco, mas deu informações importantes e polêmicas. As declarações não renderam muito material científico, porém renderam uma matéria sobre jornalismo esportivo, publicada no site posteriormente.

Após saírem da TV Bandeirantes no Morumbi, almoçaram e foram para a redação do Lance!, no bairro jardim Pereira Leite, proximidades da Barra Funda. Chegaram pouco antes do início do clássico entre São Paulo e Corinthians pelo Campeonato Paulista, jogo histórico marcado pelo centésimo gol do goleiro Rogério Ceni. No Lance!, os pesquisadores se misturaram aos repórteres, entrevistaram Bruno Andrade, editor do Lancenet, repórteres e acompanharam cada detalhe da

cobertura em tempo real. Este foi um momento de muita satisfação para os alunos, que sentiram de perto a realidade do meio de comunicação online. Também foi possível avaliar a rotina de uma redação e como se desenvolve o trabalho na prática. Voltaram para o hotel na Bela Cintra já à noite, onde repetiam o ritual dos finais de tarde: decupar, baixar, carregar, escrever releases sobre a viagem para veículos do Oeste Paulista, selecionar imagens e planejar o dia seguinte.

A maratona chegava ao final, apesar de restarem duas importantes visitas. Segunda pela manhã deixaram o Carillon para não voltarem mais. Foi um dia mais tranquilo, já que tanto a Gazeta quanto a Jovem Pan ficam na Avenida Paulista, praticamente uma empresa em frente à outra.

Às 10h da manhã, os discentes se encontravam dentro da redação da Gazeta, desferindo perguntas ao editor Erick Castelhero que contribuiu com informações valiosas e gentileza. Tiago Rodrigues sempre tomando a frente ao chegarem nos lugares, com seu jeito humilde, porém muito comunicativo e simpático. Eriberto se desdobrava sempre em busca das melhores imagens, enquanto Jean ouvia tudo atentamente para replicar perguntas que viessem a surgir à parte do roteiro traçado. E assim se deu a entrevista muito proveitosa na Gazeta. Basicamente, sem imprevistos.

Na Jovem Pan os pesquisadores conheceram a redação online, ainda em fase de estruturação, falaram e fotografaram José Armando Vannucci, crítico de TV e responsável pelo jornalismo da Pan. Durante todo tarde conheceram cada canto da empresa, guiados pela Relações Públicas da empresa.

A volta para casa foi tranqüila. Difícil foi chegar pela manhã de terça-feira e seguir direto, cada um para sua jornada nos empregos.

Os pesquisadores chegaram abastecidos de novas informações e revigorados para dar continuidade ao TCC. Gallindo, Taisa e Rubens, que haviam ficado, foram devidamente colocados a par de tudo que havia sido realizado. Da mesma forma, apresentaram o material produzido.

A retomada do trabalho pelo grupo em seu todo, prosseguiu no mesmo ritmo. Frentes de trabalho distintas, organizadas de acordo com as necessidades e habilidades de cada um, predominava como a saída mais eficaz de render sem influenciar na qualidade.

Começa a fase de implantação da peça prática, trabalho acumulado com a produção da peça teórica que caminhava para os capítulos finais.

Taisa Nelli, que tem mais conhecimento sobre Internet, preparava os detalhes da criação de *layout* e logomarca, bem como implantação definitiva do site.

Este momento foi de muito sufoco, já que o grupo devia se dedicar a criação do site, produção de conteúdo e desenvolvimento da peça teórica.

Aos poucos o site foi estruturado, as matérias foram sendo produzidas nos momentos de folga. Uma das coberturas mais empolgantes foi a do jogo entre Grêmio Prudente e Ceará, partida válida pelas oitavas de final da Copa do Brasil. A derrota do Grêmio e o rebaixamento do time para a segunda divisão do Campeonato Paulista, tanto na competição estadual quanto na nacional, não minimizou a alegria e experiência adquirida em participar da cobertura em tempo real.

Depois de pronto, o site começou a ser abastecido. A realidade do grupo de pesquisadores, ou seja, morando em cidades distintas e com seus respectivos empregos, tudo teve de ser produzido e publicado nos momentos de folga. Diariamente os pesquisadores se comunicavam via telefone, informando sobre algum assunto que descobriram e merecia tratamento, divisão das tarefas de acordo com a disponibilidade de cada um. Desta forma foram feitas as coberturas. Aos fins de semana. Na realidade este foi um momento complicado, onde os trabalhos da peça teórica e prática remontaram. Devido a isso, o trabalho seguiu baseado no bom senso, disponibilidade dos alunos e improvisado.

Durante esses seis meses de trabalho foram aproximadamente 1.800 horas dedicadas ao projeto, resultando no montante de 40 obras lidas, além de cerca de 1.500 quilômetros rodados em busca de conhecimento. Cada um dos integrantes contribuiu ao seu modo, sendo que alguns se tornavam essenciais em algumas tarefas, menos em outras, porém cada um foi importante ao seu modo no desenvolvimento e conclusão deste projeto.

Contudo, os pesquisadores têm a satisfação de apresentar à população de Presidente Prudente, seu primeiro veículo de jornalismo online de caráter esportivo. Hoje o público prudentino pode se ver, se informar e se divertir no www.redesporte.com.br. No entanto, satisfação ainda maior é poder promover o esporte, essa inesgotável fonte geradora de saúde, bem-estar e transformação social.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o homem pré-histórico corria, saltava e se pendurava para caçar e garantir sua sobrevivência, não imaginava que tal fato naturalmente marcava o início das atividades que na sociedade moderna seriam tratadas como esportes. Apesar dos inúmeros benefícios à saúde proporcionados com a movimentação do corpo, a estética e o glamour dos grandes eventos esportivos, bem como o salário milionário e o status de estrela conferidos aos atletas. Nos tempos de tecnologia e crescimento acentuado de taxas de obesidade, o esporte é visto por grande parte da população, primeiro como forma de atingir o belo, de ganhar dinheiro, ficando para segundo plano como maneira de garantir qualidade de vida. Mesmo na Grécia antiga a sociedade já cultuava o corpo, no entanto, a injeção financeira que o esporte recebeu é mais recente.

Também é recente o surgimento de tecnologias que tornam a vida do ser humano moderno cada vez mais fácil e prática. A evolução das máquinas contribuiu para que as pessoas adotassem e continuem adotando hábitos e um estilo de vida cada vez mais sedentário. É justamente nesta lacuna entre a evolução tecnológica e uma prática pré-histórica do ser humano que se concentra o objeto de pesquisa deste trabalho científico. A união do velho e do novo, a aliança entre o uso consciente das novas tecnologias e o incentivo à busca de uma vida saudável com a prática diária de atividades físicas são primordiais e necessárias à vida atual. Para tanto, a prática de um jornalismo pautado pela ética e valorização do esporte local.

Para que esta contribuição social fosse efetivada seria necessário que o veículo de comunicação Redesporte continuasse no ar, servindo à comunidade com o que de mais importante acontece nos âmbitos amador e profissional do esporte na cidade. O grupo de pesquisadores do presente TCC, acredita que a ideia deste trabalho nasceu junto ao sonho de que o veículo se estabeleça definitivamente nos computadores, na vida e no coração dos prudentinos.

Atualmente, a tecnologia está cada vez mais presente no cotidiano das pessoas. Isso ocorre independentemente de localização geográfica. Quase todas as esferas da sociedade vivenciam a tecnologia. Trata-se de uma tendência mundial que predominantemente aumenta acentuadamente.

Por outro lado, o esporte existe há milhares de anos, mas vem progressivamente perdendo espaço no dia-a-dia do cidadão comum. É natural a preferência por ser espectador do que praticar. Milhares de brasileiros deixam o futebol com os amigos no campinho de terra para assistir às megaproduções televisivas que enfatizam as estrelas do mundo.

Informar e mostrar ao internauta prudentino o que de mais importante aconteceu é o compromisso do Redesporte, porém não é o único objetivo. Incentivar a prática, mostrar o atleta de fim de semana, o corredor anônimo, a dona de casa que pratica a luta para manter a forma, os avós que se reúnem para bater uma bolinha. Enfim, este projeto tem o objetivo de continuar, sempre mostrando aos prudentinos o esporte que acontece na esquina da sua casa, os projetos sociais da escola do seu filho, da entidade que você ajuda. O Redesporte é do povo prudentino, portanto no site ele poderá se ver, se divertir, se orientar e se informar sobre as notícias de esportes que são destaque em Presidente Prudente ou em outros cantos do país e do mundo que tenha um representante da capital do Oeste Paulista.

Além disso, a produção deste Trabalho de Conclusão de Curso proporcionou aos pesquisadores conhecimentos que vão desde a criação de um veículo jornalísticos online, passando pelo processo de produção e tratamento adequado do material para veiculação, pelas melhores formas de redigir um texto, bem como as ferramentas necessárias para atender o internauta atual. Também houve a compreensão do tratamento da notícia esportiva, suas características e possibilidades. No que se refere ao corte teórico, as obras lidas e a confecção do trabalho proporcionaram aos discentes conhecimento histórico acerca do jornalismo esportivo e jornalismo online.

Para que o Redesporte permaneça no ar, serão necessários investimentos para formalização da empresa, investimento em equipamentos como máquinas fotográficas e lentes profissionais, computadores, espaço físico que abrigará a redação, pen-drive, acesso á internet móvel para os repórteres. Não pode-se deixar de lado a questão da padronização da forma de trabalho, ou seja, a criação de uma rotina de trabalho para evitar falhas e perda de tempo. Depois do primeiro investimento em tecnologia, os gastos se resumem a contas de água, energia, internet, telefone, combustível e aluguel de um imóvel.

A implantação do site Redesporte abre espaço para novos campos de pesquisa. Há possibilidade de criação de um manual de redação específico para o veículo. Realização de pesquisas quantitativas, tanto com a população prudentina de modo geral, como dos internautas que acessam o site diariamente. Outra possibilidade é a inserção de vídeos ao site, único formato ainda não existente no Redesporte.

REFERÊNCIAS

ALVES, Sergio Jorge. **Esporte em Prudente**. Entrevista concedida a Tiago Evandro Rodrigues, 15 mar. 2011.

ANDRADE, Bruno Paes de. **Editor Lancenet**. Entrevista concedida a Eriberto Margarizo Purga; Jean Carlos Galino Ramalho e Tiago Evandro Rodrigues. 28 mar. 2011.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual de jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. (Orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo online**: dos sites noticiosos aos portais locais. Campo Grande, 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/barbosa-suzana-jornalismo-online.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2011.

BREITMAN, Karin. **Web Semântica**: A internet do futuro. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

CASTELHERO, Erick. **Editor da Gazeta**. Entrevista concedida a Jean Carlos Galino Ramalho; Eriberto Margarizo Purga e Tiago Rodrigues, 28 mar. 2011.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

CRUCIANELLI, Sandra. **Ferramentas Digitais para Jornalistas**. Centro Knight para Jornalismo nas Américas, Universidade do Texas em Austin, 2010. Disponível em: <http://knightcenter.utexas.edu/hdpp.php>. Acesso em: 10 fev. 2011.

DUARTE, Orlando. **História dos esportes**. 3. ed. São Paulo: Senac, 2003.

FAGGION, H. Guther. **História digital e jornalismo on-line**. Campo Grande, 2001. Disponível em: http://www.sebraepb.com.br:8080/bte/download/Tecnologia%20da%20Informa%C3%A7%C3%A3o/110_1_arquivo_hdigital.pdf Acesso em: 15 fev 2011.

NEVES FILHO, Milton. Entrevista concedida a Eriberto Margarizo Purga, Jean Carlos Galino Ramalho, e Tiago Evandro Rodrigues, 28 mar. 2011.

FRANCO, Guillermo. **Como escrever para web**: Elementos para a discussão e construção de manuais de redação online. Traduzido por Marcelo Soares. Versão original em inglês publicada em março de 2007.

Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/16640768/Como-Escrever-para-a-Web>. Acesso em: 15 fev 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

HATJE, Marli. **Esporte e Sociedade**: Uma relação pautada pela mídia. Belo Horizonte, 2003. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/4300/1/NP18HATJE.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2011.

KRUG, Steve. **Não me faça pensar**: Uma abordagem de Bom Senso à Usabilidade na Web. Rio de Janeiro: Alta Books, 2008.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. Ed; 2. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2009

MALULY, Luciano Victor Barros. **O Futuro do Jornalismo Esportivo no Brasil - As lições dos Jogos do Rio e de Pequim**. Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1726-1.pdf> Acesso em: 16 mar 2011.

MARQUES, José Carlos. **O Estigma de Ser Jornalista Esportivo**: A Discriminação do Profissional de Esporte na Imprensa Brasileira. Belo Horizonte, 2003. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2004/errata2003/estigma_ser_jornalista_esportivo.pdf. Acesso em: 15 mar 2011.

MORAIS, João Francisco Régis de. **Filosofia da Ciência e da Tecnologia**. Campinas: Papirus 2007.

OLIVEIRA, André Rosa de. **Jornalismo Esportivo**: Entrevista concedida a Eriberto Margarizo Purga, Jean Carlos Galino Ramalho e Tiago Evandro Rodrigues. 27 mar. 2011.

PINHO, J. B. **Jornalismo na Internet**: planejamento e produção da informação on-line. São Paulo: Summus, 2003.

PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA.. **Esporte**: história e sociedade. Traduzido por Ricardo de Figueiredo. Campinas: Associados, 2002.

RIBEIRO, André. **Os Donos do Espetáculo**: Histórias da Imprensa Esportiva do Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

RODRIGUES, Bruno. **Consultor de Informação e Comunicação Digital**. Entrevista concedida a Jean Carlos Galino Ramalho, 27 fev. 2011.

RODRIGUES, Bruno. **Webwriting: Redação & Informação na Web**. Rio de Janeiro: Brasport, 2006.

RODRIGUES, Bruno. **Padrões Brasil e-Gov: Cartilha de Redação Web**. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação. Brasília, 2010.

RODRIGUES, Bruno. **Padrões Brasil e-Gov: Cartilha de Usabilidade**. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação - Brasília: MP, SLTI, 2010.

STYCER, Mauricio José. **Jornalismo Esportivo: 110 Anos Sob Pressão: Uma história de acusações de sensacionalismo, suborno, invenção de notícias e relações promíscuas com fontes e anunciantes**. Santos, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R2356-1.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2011.

UNZELTE, Celso; PRADO, Magaly (Org). **Jornalismo Esportivo: Relatos de uma paixão**. São Paulo: Saraiva, 2009.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1985.

TUBINO, M. J. G. **O que é esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

TUBINO, M. J. G. **O esporte no Brasil do período colonial aos nossos dias**. São Paulo: Ibrasa, 1996.

TSURUDA, M. A. L. **Origens da Prática Esportiva no Ocidente**. Revista Mirandum. Porto: Universidade do Porto, n 18, 2007.

VENDITE, C.C.; MORAES, A.C. **Sistema, Estratégia e Tática de Jogo: Uma análise dos Profissionais que atuam no futebol**. Brasília, 2006. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/19790/1/Caroline+Colucio+Vendite-Antonio+Carlos+de+Moraes.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2011.

VILAS-BOAS, Sergio (Org.). **Formação e Informação Esportiva**. São Paulo: Editorial, 2005.

GLOSSÁRIO

WEBSITE: Um conjunto de páginas que formam um site.

INTERNET: É uma rede que liga os computadores de todo o planeta permitindo o acesso a informações e dados disponíveis na rede.

RUGBY: Tipo de esporte que surgiu na Inglaterra. É semelhante ao futebol.

WEB: Maneira de ligar documentos e recursos por meio da Internet.

NASA: National Aeronautics and Space Administration. Agência espacial americana.

MILNET: Rede de informações militares dos Estados Unidos.

Internet Protocol (IP): Protocolo de Internet.

Transmission Control Protocol (TCP): Transmissão de controle de protocolo.

URL: Localizador de Padrões de Recursos.

Mosaic: Mosaico.

Netscape: Navegador de Internet.

Microsoft Internet Explorer: Navegador de Internet.

Browser: programa de computador para os internautas visualizarem os documentos virtuais da internet. Navegador.

Windows 95: Sistema operacional desenvolvido pela Microsoft.

Web 1.0: A Internet sem interação.

Web 2.0: a Internet com todos os internautas produzindo conteúdo.

Cortex Intelligence: Inteligência artificial.

CortexLabs: Núcleo de Pesquisa e Inovação do Rio de Janeiro.

Web 3.0: É um padrão de Internet baseada na inteligência artificial.

Web Semântica: É uma extensão da web onde máquinas e humanos trabalham em perfeita cooperação.

Link: Parte uma página na Internet que liga a outra.

Google: Mecanismo de busca.

Web 4.0: É a Internet do futuro, onde as máquinas tomarão decisões tal como humanos.

Online: nomenclatura utilizada para definir o que está no ar, ou seja, na internet.

Webjornalismo: Jornalismo na Internet.

Hipertextualidade: São textos formados por hipertextos, onde um texto aprofunda em informações detalhadas de parte do texto inicial.

Release: Toda e qualquer informação divulgada por assessoria de imprensa e que pode ser publicada na íntegra ou parcialmente.

Newsletters: Forma direta para comunicar.

Chat: espaço dedicado a conversas pelo computador conectado à internet.

Sítio: O mesmo que site.

Portais: No singular, é maior que site. Pode armazenar vários sites.

Ciberespaço: Espaço que é usado para contribuir a comunicação para haver relações sem a presença humana.

Mídia Pull: Exibição de espaços publicitários na Internet.

Mídias push: Mensagens publicitárias em TV ou rádio.

Hard News: Termo tratado no português como notícias quentes.

Design: Desenho feito de forma industrializada.

Usability: Usabilidade.

Feedback: forma de medir resultado. Retorno.

E-mail: Correio eletrônico.

Home Page: Página inicial.

Link interno: Parte interna de uma página que dá acesso à outra parte do próprio site.

Link externo: Parte interna do site que possibilita acesso para fora do site.

Eyetrack: aparelho utilizado para medir onde os olhos humanos se direcionam.

Banners: local específico do site dedicado a publicidades ou conteúdos jornalísticos

Ranking: Ordem de posicionamento de itens.

Football: Futebol em inglês.

Shoot: Marca de bola inglesa.

Laptops e notebooks: computadores compactos.

Upgrade: Atualização para deixar recente a página utilizada pela internauta.